Edição Lisboa • Ano XXXI • n.º 10.954 • 1,30€ • Terça-feira, 21 de Abril de 2020 • **Director:** Manuel Carvalho **Adjuntos:** Amílcar Correia, Ana Sá Lopes, David Pontes, Tiago Luz Pedro **Directora de Arte:** Sónia Matos

Público

NUNO FERREIRA SANTOS

"Estamos a falar de doze zeros para o plano de recuperação

Entrevista em exclusivo ao presidente do Eurogrupo, Mário Centeno, por Teresa de Sousa

Forças Armadas podem ser chamadas a controlar fronteiras • Lares pedem mais colaboração do Ministério da Saúde • Euribor a três meses completa cinco anos em valor negativo, mas pandemia pode inverter tendência • Professores contam como é dar aulas na televisão. Nem houve tempo para ensaiar

Destaque, 2 a 13, Política 18 e Editorial • Acompanhe em publico.pt/coronavirus

Em Cabo Delgado, jovens jihadistas lutam contra a exploração

Frelimo é vista como força da ocupação nesta província de Moçambique **p26 a 28**

Banda desenhada *O Homem Que Matou Lucky Luke* chegou finalmente a Portugal

Cultura, 30/31

Médicos e enfermeiros não recebem já aumento da função pública

Sindicatos indignados. Ministério diz que é uma questão informática **p21**

ISNN-0872-1548

CORONAVÍRUS

"Estamos a falar de doze zeros para o plano de recuperação"

Mário Centeno Definido o plano de emergência, falta o plano de recuperação. Numa entrevista exclusiva ao PÚBLICO, Mário Centeno deixa pistas para as decisões que cabem ao Conselho Europeu de quinta-feira

Entrevista
Teresa de Sousa

Quando o ministro das Finanças foi escolhido, há dois anos, para presidir ao Eurogrupo, nada faria supor que estaria no cargo durante aquela que é a maior crise da história da integração europeia. A sua missão é de conseguir, mesmo que seja a ferro, encontrar consensos entre os seus pares europeus para que a resposta à crise pandémica seja o mais eficaz possível no que toca aos seus efeitos económicos e sociais. Admite que o último mês foi vertiginoso. Insiste em que as medidas de emergência aprovadas na última reunião do Eurogrupo foram as necessárias e são todas elas inovadoras. Falta o mais difícil: desenhar o plano seguinte, de reconstrução da economia europeia e que aqui as divisões são maiores. Definir a ambição desse plano e a forma de financiá-lo depende do Conselho Europeu da próxima quinta-feira. É aqui que entra a questão da emissão de dívida conjunta ou a necessidade de voltar a pôr a funcionar o Mercado Único. Centeno fala de um valor com "12 zeros". Ou seja, biliões. E acredita que prevalecerá entre os líderes o espírito europeu.

Estou a entrevistá-lo na sua qualidade de presidente do Eurogrupo, o que faz bastante sentido, porque o nosso futuro depende, em grande medida, do que acontecer na Europa. Suponho que concorda.

Sim, estou de acordo.

Mais até do que a nossa própria capacidade e a dos outros países para enfrentar esta pandemia.

A resposta dependerá sempre das duas. Mas, desta vez, a Europa é a nossa primeira linha de defesa comum e creio que esse sentimento está instalado dentro da própria União Europeia.

Mesmo que às vezes não pareça.

Sim, às vezes não parece. Mas, para distinguirmos aquilo que parece daquilo que está realmente a acontecer, temos de tentar perceber a vertigem que foi este mês para os governos, os Estados, as nossas comunidades e instituições, e ver a rapidez com que reagimos.

Mais talvez a nível nacional...

A nível nacional e, também, numa primeira fase com alguma hesitação, a nível europeu. Não estou de modo nenhum a negar isso. Tive, aliás, presente em todos esses momentos de hesitação. Mas quando foi necessário começar a construir soluções, elas apareceram, não só com rapidez, mas com uma intensidade sem paralelo em nenhuma crise anterior. Costumo usar um paralelo, que creio que é bastante entendível. A crise de 2008-2009 foi, digamos assim, pré-anunciada pelo menos com 10 anos de antecedência. Muitos analistas, académicos, políticos, economistas, anunciaram-na mil vezes até ao dia em que aconteceu. E quando aconteceu, a resposta foi tímida, nalgumas dimensões porventura mesmo errada, e levámos quase quatro anos até colocarmos...

Na Europa, porque os Estados Unidos foram muito mais rápidos.

Estou a falar da Europa, exactamente. Levámos mais de quatro anos, com uma crise das dívidas soberanas pelo meio, até começar a encontrar um caminho que pudesse fazer algum sentido. Desta vez, esta crise não foi anunciada. É uma crise que só conseguíamos imaginar num cenário de ficção. Levou-nos 10 dias, entre a primeira reunião do Eurogrupo em que a solução começou a ser desenhada e a sua aprovação final. E é só o primeiro passo, como já referi.

Ainda falta o plano de reconstrução. Este é só de emergência. Mesmo assim, essas decisões sabem a pouco. Sobretudo, se compararmos a retórica dos responsáveis políticos, que descrevem esta crise como a pior desde a II Guerra ou igual à Grande Depressão de 1929-33, e as medidas que parecem dispostos a tomar. Além disso, calculo que tenha tido de arrancá-la a ferros no Eurogrupo.

O que é que é que fizemos para responder a esta crise em termos económicos e sociais? Instituímos

NUNO FERREIRA SANTOS

um conjunto de medidas de protecção ao emprego que foram adaptadas às realidades nacionais. O nosso *layoff* simplificado, o "Kurzarbeit" alemão, o "chomage partiel" francês, entre outros, têm todos os mesmos objectivos: proteger o emprego. Para conseguirmos isso, queremos que haja um certo *level playing field* na resposta. Para isso, precisamos de dotar os Estados com liquidez para poder financiá-la. É aqui que entra o SURE [um plano de solidariedade com 100 milhões de euros], que é dinheiro novo, que vem de garantias que todos os Estados prestam à União Europeia para que ela possa obter aqueles montantes financeiros, que depois empresta aos Estados que enfrentam custos de financiamento mais elevados.

O mesmo processo se passa com o Banco Europeu de Investimentos (BEI). Estamos a falar de garantias dadas pelos Estados que depois permitem ao BEI conceder empréstimos até 200 mil milhões de euros, sobretudo às PME.

Estamos a falar de uma rede de protecção, sem condicionalismos, sem *troikas*, sem programas de ajustamento

Qual é o objectivo desse dinheiro?

É permitir aos diferentes Estados desenvolver uma linha de acção equivalente para as empresas terem acesso a liquidez. Todos sabemos que alguns Estados têm bancos promocionais para esse fim, outros não têm. O BEI é um equalizador da resposta. Mais uma vez, estamos a falar de liquidez e de empréstimos, mas neste caso potenciais perdas serão mutualizadas. E a probabilidade de haver perdas é mais elevada porque estes são empréstimos com risco elevado.

A terceira linha é o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), que é uma rede de segurança. Tornámos a linha de credito do MEE acessível a todos, sem as pré-condições de acesso...

Desde que seja para despesas, directas ou indirectas, com a saúde.

Para tratamento e prevenção. O que tem uma latitude interpretativa suficiente para que todos os Estados tenham uma rede de segurança. É para isso que aquele dinheiro serve – para evitar que os Estados percam acesso ao mercado. As linhas do MEE permitem que haja uma protecção das dívidas soberanas face ao acesso ao mercado.

Estamos a falar de uma rede de protecção, sem condicionalismos, sem *troikas*, sem programas de ajustamento, para que os Estados possam aceder a financiamento com custos equiparáveis entre todos.

Qual é a soma disto tudo? Era aí que queria chegar para comparar com os EUA. Até à data, a resposta orçamental dos Estados-membros soma cerca de 3% do PIB da UE. Estamos a falar de mais de 500 mil milhões de euros.

Uns mais e outros menos. A Alemanha, por exemplo, atinge valores astronómicos porque pode.

A Alemanha distingue-se particularmente nas linhas de crédito. As linhas de crédito já anunciadas em todos os Estados-membros atingem cerca de 16% do PIB. Estamos a falar de qualquer coisa como 2,5 biliões e, como vê, estamos a aproximarmo-nos dos americanos. E, depois, temos o BCE que, desta vez, não levou muito tempo a reagir, antes pelo contrário, e cuja magnitude de reacção não é muito diferente da de outros bancos centrais. Estamos a falar de 750 mil milhões de euros, com algumas novidades no seu novo programa, que lhe dão maior flexibilidade para actuar nos mercados secundários.

Por exemplo, não há limites para nenhum país.

O BCE esclareceu que poderá desviar-se dos limites, mesmo que temporariamente, se esses limites impuserem um obstáculo à implementação do programa de compras e comprometerem os objectivos de política monetária. E isso permite uma resposta muito significativa.

Esta é a fase da emergência. Falta a parte da reconstrução. O último Eurogrupo não avançou grande coisa sobre as características desse plano. E o senhor já referiu que o Eurogrupo está à espera de instruções claras do Conselho Europeu da próxima quinta-feira para poder trabalhar a partir daí. Também sabemos que as divergências entre os governos são maiores neste capítulo.

Sim, as divergências ainda existem. Antes de chegar a um consenso há sempre divergências. Mas deixe-me tentar clarificar o que se diz sobre isso no meu relatório do Eurogrupo, sobre um fundo de recuperação, que deverá jogar em complemento com o Quadro Financeiro Plurianual, o que também está referido nesse relatório. É tudo isto que faz, no seu conjunto, o verdadeiro plano de recuperação, que a presidente da Comissão e o presidente do Conselho Europeu têm agora a responsabilidade de preparar.

E o que é que já se sabe do fundo de recuperação?

O que já está assente e que ficou expresso no parágrafo que o relatório lhe dedica. É um fundo que possibilita uma repartição dos custos do período de recuperação ao longo do tempo. Tem de ter mecanismos de financiamento próprios, apropriados e inovadores. Está aqui traduzido o facto de haver várias posições diferentes sobre este problema. Temos a proposta francesa que, na verdade, inclui a emissão de dívida comum.

Para financiar o fundo, não os países.

Para financiar o fundo. E temos outros países que, neste momento, vêm o fundo mais a funcionar dentro do Quadro Financeiro Plurianual. Mas as duas visões não se excluem mutuamente. Mesmo que, indirectamente, o fundo seja usado para reforçar os programas do orçamento da UE.

O próximo orçamento da União Europeia, ainda a ser discutido, prevê um montante de 1% do Rendimento Nacional Bruto e, mesmo assim, tem →

Diário da pandemia

"Forte redução" da actividade
A pandemia de covid-19 provocou uma "forte redução" da actividade económica em Março, e o indicador que mede a confiança dos consumidores recuou para o valor mais baixo desde Fevereiro de 2016, revelou ontem o Instituto Nacional de Estatística.

sido difícil. Isto não significa grande coisa.
Espero não estar a extrapolar demasiado, mas todos têm noção disso e todos têm também a noção de que o que é necessário, desta vez, é ter disponível algo de grande dimensão. Mas a dimensão da solidariedade já lá está, nesse parágrafo, traduzida no compromisso de prolongar ou distribuir ao longo do tempo o custo financeiro que será muito concentrado no período de recuperação imediato.
Como é que se dissolve num tempo longo esse esforço financeiro de cada país e como é que se evita que os mercados financeiros tenham uma percepção distinta da capacidade de cada um, sem o recurso à emissão de dívida conjunta?
Essa é a resposta que estamos todos à espera que o Conselho Europeu dê.
Na próxima quinta-feira.
Exactamente. Estamos a falar do apoio à recuperação. A minha interpretação é que esse período de recuperação se inicia assim que começarmos a reverter de forma significativa as medidas de confinamento. O que quer dizer que não temos muito tempo. Mas temos o tempo suficiente para que haja esse debate ao nível do Conselho Europeu.
Diz que são precisas soluções inovadoras. Na semana passada, os investidores começaram a vender em grandes quantidades dívida pública de Itália, Espanha, Grécia e Portugal, colocando pressão sobre as taxas de juro com que esses países se endividam, apesar da intervenção do BCE. Como é que garante a esses europeus, em particular, que esta crise não vai ter para eles um desfecho igual à anterior?
São várias perguntas. Vou começar pela inovação, que me parece a parte mais interessante. Mas já iremos à última parte da sua pergunta.

Quando, no início deste mês de grande trabalho, começámos a delinear possíveis respostas, quando me começou a ser descrito o mecanismo de linha de crédito do MEE, confesso que o meu pensamento foi: vamos andar meses em torno disto até conseguir fazer com que funcione. Na verdade, foram apenas precisos 10 dias. Porque fomos capazes de transformar a natureza do MEE e das linhas de crédito que estamos a usar em relação ao que havia durante as crises soberanas – quando o mecanismo foi criado. Neste novo contexto, que é simétrico, em que não há razões para voltar aos velhos debates sobre os estigmas, as linhas de crédito estão disponíveis para todos e que não trazem associado esse peso da condicionalidade. Inovámos.

NUNO FERREIRA SANTOS

> **Sem recuperar o grande Mercado Único, as economias europeias não vão a lado nenhum**

Acha que não há estigma nestas linhas de crédito do MEE?
Acho que são um mecanismo de protecção e de segurança que é muito útil. Estando à disposição mais de 400 mil milhões de euros no MEE, seria paradoxal que não os pudéssemos utilizar, a não ser associando um enorme estigma. Foi esse o grande passo que demos. Não estou a dizer com isto que pense que é muito ou pouco provável que os países utilizem esta linha. Estou a dizer que, no mundo financeiro, a existência desta protecção tem um valor que vai muito para além do seu valor nominal.
Falta o plano de reconstrução.
O apelo que agora é feito à inovação neste último passo – o da recuperação – não é novo. Não devemos ficar muito ansiosos, portanto, face à capacidade para inovar também aqui. Estou muito confiante e muito seguro de que essa resposta vai aparecer. As forças que têm permitido construir a Europa vão estar presentes nesta discussão e vão levar-nos a um porto seguro.

A resposta não se limita, desta vez, à União Económica e Monetária (UEM), embora ela seja uma enormíssima responsabilidade dos Estados membros. No último Eurobarómetro, o euro estava nos máximos de apreciação no conjunto dos países da UEM – muito, muito acima dos níveis registados no momento em que foi criado. E muito, muito acima do ponto mais crítico da última crise. É um activo que os decisores políticos têm de valorizar.

Mas não estamos apenas a proteger a UEM. Estamos também a proteger o Mercado Único, porque é disso que se trata fundamentalmente. Parámos as nossas economias.

Nós somos uma pequena economia aberta, mas há economias na Europa ainda mais abertas que a nossa. 75% das nossas exportações são para o Mercado Interno. Há países em que este número ainda é maior. As nossas exportações representam 45 por cento do PIB, mas há países em que esse número é mais elevado. Portanto, o Mercado Único...
É vital para toda a gente?
É vital para todos. O Mercado Único e a forma como funciona foi uma extraordinária forma de mutualização das nossas decisões económicas. A especialização económica de Portugal no contexto europeu, ou da Bélgica, ou da Holanda, ou da Itália traduz uma partilha – a origem da palavra mutualização – económica enormíssima.

Esta é uma crise simétrica que inevitavelmente vai levar a que todos os países fiquem com mais dívida no curto prazo e que enfrentem, no segundo trimestre de 2020, uma recessão verdadeiramente avassaladora. Os velhos livros pelos quais nos regíamos já não nos servem neste período – talvez nos possam voltar a servir lá mais para a frente. A resposta que temos de dar tem de ser enquadrada nesta nova realidade.
É por isso que acha que vai haver seguramente alguma inovação...
Também sobre o que é preciso para financiar de uma maneira homogénea a reconstrução.
A emissão de dívida conjunta para a reconstrução não seria o que foi o "*whatever it takes*" de Mario Draghi no Verão de 2012? Uma forma de dizer aos mercados com total clareza que estamos, efectivamente, todos no mesmo barco?
É com certeza. Mas é preciso que se entenda que tem o mesmo valor económico e está no mesmo quadro de análise do Mercado Único, quando dizemos que temos de o proteger enquanto um dos maiores mercados do mundo.
A França tem uma proposta para o Fundo de Reconstrução. O Presidente Macron disse na sexta-feira passada ao *Financial Times* que esse fundo devia ter uma capacidade mínima de 400 mil milhões de euros, cobertos pela emissão de dívida garantida pela União Europeia.
Já ouvi números maiores noutro contexto. Um dos vice-presidentes da Comissão, Valdis Dombrovskis, já falou em 1,5 biliões. Esse fundo terá de ser proporcional aos danos desta crise. Podemos hoje fazer uma estimativa, mas só conseguiremos ser rigorosos quando começar a haver alguma visibilidade para o início desse processo de reconstrução.

O valor que o Presidente francês referiu não é incompatível com o valor mencionado pelo vice-presidente da Comissão.

Refinaria de Sines suspensa
Depois de ter suspendido a produção na refinaria de Matosinhos devido à quebra na procura de combustíveis, a Galp vai estender a paragem à refinaria de Sines a partir de 4 de Maio. A operação será interrompida "por um período expectável de um mês", revelou a empresa.

Situação em Portugal
Em 20 Abril às 12h30

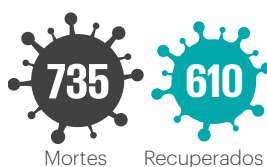
Casos confirmados **20.863**
Novos casos **657**

Mortes — Recuperados

Fonte: DGS

CP sem dinheiro para salários
Para pagar os salários de Março e Abril, a CP usou o saldo da conta de gerência de 2019, que estava cativado pelas Finanças, entre os 20 e os 30 milhões de euros. Para Maio, contudo, esta folga desaparece e não será colmatada por nenhum acréscimo das receitas, que caíram a pique.

Podemos ter um misto de mecanismos de apoio, em parte financiados por empréstimos com alavancagem, em parte financiada por dívida comum.
Haverá, portanto, vários instrumentos?
Sim. Acharia perfeitamente natural que assim fosse e que também permitisse aos países poderem utilizar de uma maneira ou de outra essas ajudas.
Voltando à ideia do Mercado Único, que é muito querida a todos os países...
Norte e Sul...
Centro e periferia... Para recuperar o Mercado Único vamos precisar de investir nesse mercado. E, sem recuperar esse grande mercado, as economias não vão a lado nenhum. Não vão de todo. Tudo isto vai ser tomado em conta. Precisamos de definir alguns princípios e ter algumas certezas sobre qual o processo que vamos seguir. É preciso saber que há um mecanismo de coordenação crucial na Europa, tão crucial como o financiamento, que é retomar o funcionamento do Mercado Interno. É tendo tudo isto em conta, com a definição de uma estratégia de saída, que podemos definir o montante que é necessário para financiar as economias e quais são os mecanismos de financiamento desse montante numa base de solidariedade e de inovação. Está lá tudo, naquele parágrafo [do relatório do Eurogrupo].
Inovador, solidário, mas acho que também li a palavra "temporário".
Sim, é temporário no apoio, mas deve ser suficientemente longo nas maturidades em que esse apoio é depois ressarcido para não comprometer a mobilização de recursos para a recuperação.
Na entrevista que deu a vários outros jornais europeus, também falava de "trillions", os nossos biliões. É disso que estamos a falar?
São doze zeros. As nossas calculadoras dos telemóveis não dão para introduzir esses números. Só calculadoras científicas conseguem lidar com doze zeros.

teresa.de.sousa@publico.pt

"O euro tem hoje uma rede de protecção"

Teresa de Sousa

Mário Centeno considera que a economia e as finanças públicas da União têm hoje mais trunfos para responder a uma crise

O ministro das Finanças e presidente do Eurogrupo lembra que algumas das deficiências da moeda única foram superadas, a economia cresceu 25 trimestres consecutivos e há 14 países com os défices sob controlo.
Em 2009, a palavra de ordem da UE era "Gastem, gastem, gastem" e, dois anos depois, era "Cortem, cortem, cortem". Isso criou uma enorme tensão entre países que se sentiram durante sacrificados por essa oscilação de 180 graus da política europeia. Esse cenário, se por hipótese voltasse a acontecer, seria suportável para um português, um grego, um espanhol ou um italiano? Tira completamente este cenário de cima da mesa?
Não acho, de modo nenhum, que haja europeus de primeira e europeus de segunda. É a própria razão de ser da União Europeia que não seja assim. Há duas diferenças entre o que se passou entre 2008 e 2009 e o que se está a passar agora.
Já enumerou várias.
Sim. O euro tem hoje uma rede de protecção incomparavelmente superior à que tinha nessa altura. Todos hoje aceitamos sem pestanejar que o euro foi criado como uma instituição incompleta, o que não tem nenhum mal. As instituições são obras dos homens e vão-se aperfeiçoando e desenvolvendo. Aprendemos com essa crise. Os erros que cometemos nessa altura estavam muito ligados a essa incipiência dos instrumentos de que o euro dispunha para responder à crise. Hoje já não é assim. As circunstâncias foram alteradas pela criação do MEE e por toda a rede de segurança que foi, entretanto, criada – o mecanismo de supervisão único, o mecanismo de resolução único, as autoridades europeias nos seguros, na banca, nos mercados de capitais, o manancial de instrumentos que o BCE tem hoje e que não tinha na altura. O próximo Quadro Financeiro Plurianual já inclui um instrumento orçamental para a convergência e competitividade na área do euro e espero que possa vir a ser também um instrumento de resposta no contexto da recuperação.
Além disso, as economias estão com mais saúde.
Temos uma grande diferença em matéria de desequilíbrios macroeconómicos, que eram abundantes na altura e que não o são hoje. Tivemos o mais longo registo de crescimento económico no conjunto dos países da área do euro até ao trimestre passado – são mais de 25 trimestres consecutivos de crescimento. Os 13 milhões de empregos criados desde a crise são também testemunho disso. Temos 14 países já no objectivo de médio prazo ou próximos dele na área do euro [sem défice]. Nada disto tinha acontecido antes da crise anterior. Hoje, temos muita liquidez e taxas de juro muito baixas.
Há uma palavra que parece deliberadamente afastada – "austeridade". Ficou com muito má fama nos anos da crise anterior. Tem referido que a retoma será rápida. O FMI diz a mesma coisa. O que é que justifica esse optimismo?
Há uma parte disso que é quase sistémica. Pense na economia como um sistema: nós estamos a hibernar esse sistema. É quase como, num computador, fazer Control+Alt+Delete e depois ver o sistema a recuperar.
Um *restart*...
Muitas das estimativas para o segundo trimestre deste ano a nível europeu apontam para uma queda do PIB de 20%. No pior dos trimestres da anterior crise, a queda do PIB foi de 4% ou 5%. É uma escala que não tem rigorosamente nada que ver com qualquer situação anterior. Larry Summers [economista de Harvard, secretário do Tesouro de Clinton] descreveu recentemente a transição da crise para a recuperação como sendo a passagem de um domingo para uma segunda-feira. O PIB no domingo também é muito baixo e, na segunda-feira, quando retomamos o trabalho, o PIB dá um salto. O sistema reage da mesma maneira. E isto acontecerá de forma natural, quando encontrarmos uma cura ou uma vacina e se conseguirmos, enquanto não as tivermos, lidar com uma situação que hoje já conhecemos bastante melhor. Se isto acontecer, é talvez a mais rápida aprendizagem da humanidade, colocada perante uma dificuldade destas. Temos de acreditar que a ciência e a capacidade de nos protegermos permitirá que isto aconteça. Mas isto não quer dizer que não tenhamos um período de ajustamento.
Com muito desemprego?
Ainda que balizado no tempo. Os mecanismos de protecção permitem reter o emprego nas empresas – e isso só faz sentido precisamente porque é temporário. Na transição de um domingo longo para uma segunda-feira laboriosa, mesmo com todos os problemas que as segundas-feiras têm para as pessoas, nós devemos retomar essa actividade. Com segurança.
A Alemanha é um país incontornável. Crê que a chanceler Merkel vai conseguir estar à altura do momento que atravessamos?
A Alemanha tem demonstrado o seu compromisso com a Europa. Obviamente, as relações entre a Alemanha e a França são um catalisador muito importante para todas as decisões. Sempre foram. E vão continuar a ser – é o que penso. Temos hoje a felicidade de ter no Eurogrupo, quer do lado francês quer do lado alemão, dois ministros que têm uma visão muito clara e muito construtiva do caminho que estamos a fazer.

Quer do lado francês quer do lado alemão, os ministros têm uma visão muito clara e muito construtiva

NUNO FERREIRA SANTOS

Espanha propõe fundo de recuperação de 1,5 biliões

Rita Siza, Bruxelas

Plano prevê transferências a fundo perdido do orçamento comunitário para países mais afectados pela pandemia de covid-19

A criação de um fundo de recuperação da economia europeia no valor de 1,5 biliões de euros, que seria financiado por dívida perpétua e distribuído por transferências directas para os países mais afectados pela pandemia de coronavírus, é a proposta que o presidente do Governo espanhol, Pedro Sánchez, vai levar à apreciação dos chefes de Estado e governo da União Europeia durante o seu próximo encontro informal por videoconferência, marcado para quinta-feira.

Na reunião, os líderes deverão dar luz verde às medidas de emergência aprovadas pela Comissão e Parlamento Europeu, bem como aquelas que foram acordadas pelos ministros das Finanças da zona euro no Eurogrupo, destinadas a garantir flexibilidade e liquidez aos governos e agentes económicos em resposta à crise provocada pela paralisação da actividade económica.

Mas também está previsto que os 27 Estados-membros comecem já a discutir a próxima fase de relançamento e recuperação da economia à medida que forem levantadas as actuais restrições e medidas de confinamento e, depois, terminar o período excepcional. É esse o horizonte que o Governo de Espanha tem em vista na sua proposta, que se junta a outras que já estavam em cima da mesa para discussão: uma ideia de Paris para a criação de um novo fundo com verbas totais equivalentes a 3% do PIB da zona euro, financiado através da emissão de dívida garantida pelos Estados-membros; e uma solução aprovada pelo Parlamento Europeu para a emissão de "obrigações de retoma" (ou "*recovery bonds*"), garantidas pelo orçamento comunitário e exclusivamente orientadas para o investimento.

BORJA PUIG DE LA BELLACASA/EPA

Sánchez prepara-se para enfrentar a resistência do Norte da Europa

1,5

Financiamento representaria a margem entre as despesas (cerca de 1% da riqueza) e o tecto dos recursos próprios, que poderia subir de 1,2% até 2%

Todas estas "sugestões" têm um objectivo comum: ultrapassar a linha vermelha traçada por Estados-membros como a Alemanha, a Áustria, a Finlândia ou os Países Baixos, que não aceitam sequer iniciar uma discussão sobre a partilha de risco através da emissão de títulos de dívida conjunta, conhecidos como "*eurobonds*" ou, no actual contexto pandémico, "*coronabonds*".

No instrumento desenhado pelo Governo de Pedro Sánchez, o próximo quadro financeiro plurianual também serve como "âncora": o fundo de reconstrução de dimensão substancial – entre 1 e 1,5 biliões de euros – seria "financiado através de dívida perpétua", assumida de forma solidária pelos Estados-membros (que só pagariam os juros respectivos) e garantida pelas instituições europeias, que gozam de um *rating* de AAA nos mercados financeiros.

O financiamento seria acomodado no quadro financeiro plurianual pela margem entre as despesas (cerca de 1% da riqueza europeia) e o tecto dos recursos próprios, que poderia subir dos actuais 1,2% até potencialmente aos 2%. Os juros das emissões assentariam em novas taxas como, por exemplo, sobre emissões de CO2.

O dinheiro não seria emprestado, mas antes transferido a fundo perdido para os países em função do impacto da pandemia – por exemplo, a percentagem de população infectada com o novo coronavírus, o valor da taxa de desemprego ou a quebra do produto interno bruto. Dessa forma, os países com menor margem orçamental não estariam limitados no acesso aos apoios, nem seriam posteriormente penalizados por incorrerem em mais dívida.

rsiza@publico.pt

Barril de petróleo passa pela primeira vez para valores negativos

Isabel Aveiro

O petróleo West Texas Intermediate (WTI), medido pela negociação de contratos de entrega futura (em Maio), chegou ontem à noite a tocar nos -40,32 dólares. Foi a primeira vez que o preço de negociação dos contratos futuros de petróleo atingiu um valor negativo nos EUA.

O *Financial Times* explica que parte da queda tão abrupta dos preços do WTI da tarde de ontem (numa só sessão desvalorizou-se mais de 300%) prende-se com aspectos técnicos, também decorrentes do excesso de *stocks* no mercado norte-americano, a braços com uma paralisação económica que levou à inscrição de 22 milhões de novos desempregados num mês.

O que está em causa são contratos de entrega de petróleo em Maio, cuja negociação expira hoje, terça-feira – com a diminuição da procura em cima de um prazo tão curto para os operadores "se livrarem" dos futuros de uma matéria-prima em excesso, o preço só tem uma direcção, que é a da descida a pique.

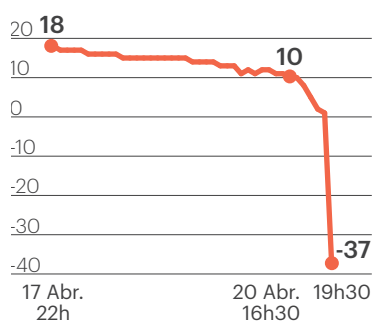
Os contratos futuros de WTI com entrega em Junho, por exemplo, estiveram também em queda, mas bastante mais reduzida: de 10%, para 22,62 dólares por barril.

Em Londres, os contratos futuros de Brent, com entrega em Junho, referência para a economia portuguesa, estavam com uma queda bem mais suave, na casa dos 7,83%, para 25,88 dólares por barril.

Com origem no mar do Norte, o Brent é facilmente transportável em navios-tanque para onde haja procura. As reservas de petróleo norte-americano, contudo, deparam-se com falta de capacidade de armazenamento dado a ausência de escoamento dos *stocks*, nomeadamente no ponto de entrega mais recorrido, de Cushing, no estado de Oklahoma, cujos tanques irão ficar cheios em breve.

Apesar de a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e os seus principais aliados, como a Rússia, terem acordado há duas semanas um corte nunca visto na produção mundial, de 9,7 milhões de barris por dia, a medida não foi suficiente para travar a queda da matéria-prima nos mercados internacionais.

O Fundo Monetário Internacional estima que haja uma contracção da economia mundial de 3% em 2020, pior do que a de 0,1% no pico da crise financeira de 2009 e a Agência Internacional de Energia, IEA, na sigla inglesa, já veio confirmar um cenário mais adverso para o sector. Citada pelo *FT*, a agência prevê que a procura de petróleo registe um decréscimo de 9,3 milhões de barris por dia em 2020, por comparação com 2019, mesmo que os confinamentos nacionais sejam levantados e as viagens voltem a ser permitidas regularmente. Só em Abril, explica a autoridade energética, a procura pode recuar em 29 milhões de barris por dia – quase um terço da procura anterior à crise, de cerca de 100 milhões de barris por dia. Não há nenhum acordo possível "que possa cortar a oferta na proporção que compense estas perdas da procura no curto prazo", explicou a IEA citada pelo *FT*, ainda que os mais recentes acordos obtidos em seio da OPEP+ possam vir a reduzir o impacto no segundo semestre do ano, acrescentou em comunicado.

Preço do petróleo
Dólares por barril

Fonte: Reuters PÚBLICO

isabel.aveiro@publico.pt

Não há lugar para pô-lo — estamos a ficar sem espaço para armazenar petróleo

Edward Moya
Analista de mercados da consultora Oanda

Euribor a três meses completa cinco anos em valor negativo

Rosa Soares e Sérgio Aníbal

A Euribor a três meses completa hoje cinco anos em que se encontra abaixo de zero, mas a tendência das últimas semanas tem sido de alguma recuperação, a reflectir a maior instabilidade dos mercados financeiros face à incerteza do impacto da covid-19 na economia. Os restantes prazos utilizados nos empréstimos às famílias, em especial no crédito à habitação, e às empresas, continuam em valores negativos, mas também a recuperar dos mínimos históricos, o que terá reflexos, embora por enquanto modestos, nos encargos com juros.

A taxa a três meses atingiu o valor mais baixo de sempre a 12 de Março, de -0,489%, mas, desde aí, a tendência inverteu-se e o valor fixado ontem foi de -0,246%, uma recuperação de cerca de metade do valor mínimo.

A Euribor a seis meses, o prazo mais utilizado no conjunto dos empréstimos à habitação em Portugal, caiu abaixo de zero a 6 Novembro do mesmo ano, chegando a fixar-se em -0,448% a 3 de Setembro de 2019. Desde então, e em especial a partir de Março, o valor o negativo tem diminuído, ficando em -0,185% na última sessão. Também a Euribor a 12 meses tem vindo a reduzir as perdas que acumulava desde 5 de Fevereiro de 2016, estando agora mais perto de as anular. Ontem, o valor fixou-se em -0,091%, mas já chegou a estar em -0,399%, em Janeiro de 2019.

A expectativa de subida das taxas é, neste momento, modesta. Isso mesmo parece indicar o contrato de futuros sobre a Euribor a três meses para Junho que, embora em ligeira subida, aponta para valores próximos dos actuais, -0,255%. Também o contrato para Dezembro se mantém em valores negativos, mas no presente contexto, de forte volatilidade dos mercados financeiros e de grande incerteza face à dimensão da crise económica provocada pela pandemia, esse valor deve ser visto com cautela.

Em condições normais, as Euribor são influenciadas pelo rumo que se espera que o Banco Central Europeu (BCE) dê às suas taxas de juro de referência ou a outras políticas monetárias destinadas a facilitar a concessão de crédito na economia, como a compra de activos por parte do banco central. Mas o que está a acontecer é que as Euribor estão a subir, apesar de o BCE ter em prática a política mais expansionista de sempre: manteve as suas taxas de referência em mínimos históricos e lançou um novo programa de compra de dívida pública no valor de 750 mil milhões de euros.

A explicação para esta aparente contradição poderá estar no facto de, apesar das medidas tomadas pela autoridade monetária, o sector bancário estar a sentir a pressão negativa do ambiente económico e da enorme instabilidade a que se tem assistido nos mercados, havendo a preocupação dos bancos em assegurar que têm toda a liquidez de que possam vir a precisar. Isso faz com que a concessão de crédito entre os bancos se faça a taxas de juro menos baixas.

Impacto nos empréstimos

Para as economias, nomeadamente aquelas que, como a portuguesa, em que as Euribor desempenham um papel muito significativo como indexante dos empréstimos, esta subida pode provocar o efeito oposto àquele que seria desejável nesta fase, aumentando os encargos com juros das famílias e das empresas numa altura em que seria importante que estas tivessem mais capacidade para consumir e investir.

Mesmo abaixo de zero, o maior ou menor valor negativo das taxas tem reflexos no pagamento de mais ou menos juros, fixados à medida que os contratos são revistos, a cada três, seis ou 12 meses, conforme a taxa que está contratada.

Importa recordar que a taxa de juro dos empréstimos é formada por duas componentes – a do valor da Euribor e a do *spread* ou margem comercial (este último é fixado pelo banco para cada cliente, em função de factores como a situação financeira (rendimentos e não só), idade, situação laboral, valor dos empréstimos e das garantias, entre outros).

rsoares@publico.pt
sergio.anibal@publico.pt

PAULO PIMENTA

Impacto negativo nos empréstimos à habitação é ainda reduzido

DIÁRIO DA QUARENTENA, ?

A princípio, não queria vir para casa...

Catarina F. Neves

Numa destas manhãs recebi um aviso no *email*: "O seu voo de volta para Bruxelas é amanhã"... mas a verdade é que já não é. Num mês, tudo mudou: voltei para Portugal (deixando metade da minha vida para trás), o meu mestrado passou a ser inteiramente *online* (parece que sou oficialmente parte da #ClassOfCovid19) e alguns dos meus projectos foram suspensos até nova avaliação (incluindo o meu estágio). Os dias têm sido mais calmos, mas também mais preenchidos com ansiedade. Lembro-me muitas vezes de que 2019 foi o ano em que mais me queixei por falta de tempo para descansar – e, agora, 2020 está a forçar alguns de nós a fazê-lo, às custas do tremendo sacrifício daqueles que não podem parar ou que foram severamente afectados pela covid-19.

Ainda me lembro das primeiras notícias acerca desta nova doença e de pensar "não vai chegar cá" – um erro crasso que a maior parte de nós cometeu, do alto do confortável estilo de vida que sempre nos foi assegurado. No estágio, uma das minhas tarefas passa/passava por recolher diariamente notícias sobre o estado do mundo, pelo que vi toda esta situação desenrolar-se através de um ecrã de computador. A diferença entre a maneira despreocupada com que, no início, os estagiários falavam e o ambiente pesado, quase aterrador, que precedeu a declaração de pandemia e o fecho do escritório foi gritante. Pessoalmente, lembro-me até de ter medo de andar de comboio (que apanhava todos os dias para chegar ao escritório).

A princípio, não queria vir para casa. Tinha medo de vir e poder infectar a minha família. No entanto, tudo começou a acontecer depressa demais: países muito próximos e semelhantes ao nosso, Itália e depois Espanha, começaram a ser fortemente afectados, a República Checa fechou todas as fronteiras, e notícias de açambarcamentos e previsões assustadoras começaram a chegar um pouco de todo o mundo. No meio de muita confusão e lágrimas, comprei o meu bilhete de saída. Quando cheguei ao aeroporto, parecia que tinha entrado num filme: toda a gente usava máscaras, os altifalantes relembravam os passageiros da distância de segurança e olhos esbugalhavam por todo o lado de cada vez que alguém tossia. Lembro-me de ter as palmas das mãos suadas por debaixo das luvas de látex, e de quase saltar do banco quando uma senhora se aproximou um demais para pedir ajuda para chegar à sua porta de embarque. Foi o pior voo da minha vida.

Agora, depois de semanas em quarentena (e um total de cinco em confinamento), tenho medo de toda uma nova panóplia de coisas: perder aqueles que amo, abraçar aqueles que moram comigo, que a minha dificuldade em respirar não seja só por causa das alergias. Tenho medo por aqueles que sofrem numa altura destas, sem-abrigo, refugiados, vítimas de violência doméstica. Temo que a economia caia a pique e que o extremismo político suba. Acerca do futuro? Posso apenas repetir o que ouvi alguém dizer na televisão: "Não sei se vai ficar tudo bem... sei que vai ficar tudo diferente." Mas vamos ultrapassar essa diferença... juntos.

Estudante de mestrado na KU Leuven, na Bélgica

Hóspedes de *hostel* ficam na Ota
A presidente da Junta de Freguesia de Arroios, em Lisboa, pediu à ASAE que fiscalize o *hostel* evacuado no domingo: albergava perto de 200 pessoas em 40 quartos. Dos hóspedes testados, 138 têm covid-19, segundo a Lusa. A base aérea da Ota vai receber os doentes.

Professores contam como é dar aulas na nova Telescola. Nem houve tempo para ensaiar

Para garantir que o #EstudoEmCasa estivesse já ontem nos ecrãs tudo acabou por ser preparado em pouco mais de duas semanas. E a ansiedade não é pouca entre os professores

Clara Viana

Às 14h de ontem, a professora de Português Teresa Sampainho apareceu na televisão para dar a primeira de 19 aulas daquela disciplina ao 7.º e 8.º ano de escolaridade. Em casa tinha dois espectadores especiais a assistir à sua estreia televisiva: o filho que está no 12.º ano e a filha que frequenta o 9.º. "Estavam numa ansiedade!", comenta.

Não eram os únicos, já que ansiosa também ela estava, mas o primeiro vaticínio foi positivo. "Foi mesmo como uma aula e foste como és", disseram-lhe. Já hoje, a filha da docente de Educação Física Carla Lagos, que está no 3.º ano, terá uma surpresa quando se ligar ao #EstudoEmCasa, o nome da nova telescola, e descobrir pouco depois que a mãe vai ser a sua nova professora de ginástica. "Quis fazer-lhe uma surpresa e até agora [fim da tarde de ontem] consegui. Também estou ansiosa por causa disso", conta.

Ansiedade é um estado transversal a estas professoras que nunca antes tinham estado em frente das câmaras, "a não ser para vídeos caseiros", e que têm agora a responsabilidade de "levar" as aulas até casa dos alunos durante os próximos dois meses, uma missão que foi preparada em pouco mais de duas semanas.

O ano lectivo acaba a 26 de Junho e já está determinado pelo Governo que os estudantes do ensino básico (1.º ao 9.º ano) não voltarão à escola neste período. Continuará a haver aulas, trabalhos e avaliação, mas tudo à distância. Seja por via de plataformas digitais ou da televisão, o meio em que o Governo apostou para chegar aos alunos que não têm computador ou Internet em casa, que no básico serão cerca de 50 mil.

Pelas aulas na televisão, que têm como público-alvo perto de 850 mil alunos, passarão mais de 100 professores de seis agrupamentos e duas escolas privadas. Estão também ao serviço cerca de uma dezena de intérpretes de Língua Gestual Portuguesa.

Neste primeiro dia surgiram também algumas reclamações. Deram conta, por exemplo, de letras "muito pequenas", imagem com pouca definição e crianças à beira do pranto por não conseguirem ler o que se estava a passar em algumas das emissões da manhã, destinadas aos mais novos. Sobre estes reparos o Ministério da Educação garante que, quando se justifiquem, serão feitos ajustamentos à medida que novas sessões forem gravadas. Para esta semana já todas as aulas estão prontas e o mesmo acontece com as que irão para o ar durante a primeira parte da próxima semana. No total serão emitidos 65 blocos de 30 minutos por semana.

Teresa Sampainho, professora do Agrupamento de Escolas de Alcanena, será então a docente de serviço para a disciplina de Português no 7.º e 8.º ano. "Se não me acontecer nada, serei sempre eu a apresentar as aulas", esclarece. O que não quer dizer que esteja sozinha.

Com o apoio da Direcção-Geral de Educação (DGE), os guiões das aulas, bem como a escolha de recursos e materiais, é feito em conjunto por um grupo de sete professoras de Português do agrupamento de Alcanena, que se socorrem também, como já antes faziam, dos recursos disponibilizados pela Escola Virtual da Porto Editora, e da plataforma Leya Educação.

Teresa Sampainho, que tem 48 anos e é professora de Português desde os 23, já gravou duas aulas e hoje fará a gravação de mais um par. Tudo em blocos de 30 minutos, que é o tempo das aulas no #EstudoEmCasa, e que esta docente considera ser, na prática, equivalente ou até superior ao que acaba por ser concretizado nas escolas, porque na televisão não há espaço para a interacção com os alunos.

Pouco mais de 15 dias

Acabou por ser a escolhida para apresentar as aulas devido sobretudo a constrangimentos das outras docentes do grupo. E, portanto, ontem lá estava no ecrã a explicar aos alunos qual é a diferença entre "bravura e temeridade" tanto no que toca a comportamentos durante a actual pandemia, como ao que se aplica ao *Cavaleiro da Dinamarca*, o livro de Sophia de Mello Breyner Andresen escolhido para este arranque.

Já Carla Lagos, professora de Educação Física no Agrupamento de Escolas Fernando Casimiro Pereira da Silva, em Rio Maior, dará as suas 20 aulas televisivas (dez para o 3.º e 4.º anos e outras tantas para o 9.º) em conjunto com outra professora do mesmo agrupamento. Todos os professores envolvidos neste projecto tiveram pouco mais de 15 dias para pôr as coisas de pé de modo a que as emissões pudessem arrancar ontem, como sucedeu.

"É um bocadinho intimidante, porque não sabemos bem para onde dirigir o olhar e controlar o tempo, para além de que o tempo disponível não permite que se repitam gravações", descreve a professora de Português. Realça também a grande

ANDRÉ KOSTERS/LUSA

No primeiro dia surgiram reclamações quanto à nova Telescola

> **Conseguem [a equipa da RTP] conciliar a extrema pressão, porque tem tudo de estar feito naquele tempo, com uma serenidade impressionante**
>
> **Teresa Sampainho**
> Professora de Português

Infectado em Ovar foi à padaria e acabou detido
A PSP deteve no domingo, em Ovar, um homem de 50 anos infectado com o novo coronavírus. Estava a conduzir uma bicicleta, "sem qualquer meio de protecção individual (máscara, luvas)". Aos agentes contou que tinha ido à padaria.

3

Os Açores registaram ontem três novos casos positivos de covid-19, dois dos quais reclusos recentemente libertados

Papa Francisco não vem a Portugal em 2022
A Jornada Mundial da Juventude, agendada para Agosto de 2022, em Lisboa, e que contaria com a visita de Francisco, foi adiada um ano, anunciou o Vaticano. Em causa o impacto que a pandemia pode ter no "movimento e agregação de jovens e famílias".

Portugal analisa águas residuais
Em linha com o que já se passa noutros países, as águas residuais de centros urbanos portugueses vão ser analisadas com o objectivo de criar um sistema de alerta precoce da presença do SARS-CoV-2. O projecto é coordenado pelas Águas de Portugal.

ajuda que lhes tem sido prestada pela equipa da RTP no terreno: "Conseguem conciliar a extrema pressão, porque tem tudo de estar feito naquele tempo [30 minutos], com uma serenidade impressionante, porque percebem que estamos nervosas. Dizem-nos que o segredo é distrairmo-nos e pensarmos que temos os alunos à nossa frente. E é isso que tenho feito."

Carla Lagos corrobora, embora as diferenças sejam de peso. "Tivemos de mudar muita coisa em relação ao que fazemos na escola, embora tentando não fugir ao que se encontra previsto no currículo de Educação Física. O que tem sido muito difícil, porque não há forma de ter jogos colectivos, que têm grande peso no currículo." Por outro lado, refere, também o espaço disponível no estúdio de gravação "é muito pequeno" e por isso as actividades propostas têm de ser adaptadas a esta realidade, como também "ao que os alunos em casa podem realizar".

"Têm sido dias de muito trabalho e de trabalho muito intenso", diz esta docente de 40 anos, que começou a dar aulas há 17, mas que ainda continua a contrato. Isso tem significado estar a saltar de escola para escola de ano para ano e até durante o mesmo ano. Para além das aulas na televisão, Carla continua também a acompanhar os seus alunos nas plataformas de ensino à distância. E como consegue conjugar tudo isto? "Tenho de ir buscar tempo às horas de sono. Espero que um dia olhe para tudo isto e possa dizer que valeu a pena."

As aulas do #EstudoEmCasa só abrangem o ensino básico, porque o Governo considerou não ser possível montar uma operação como esta que desse conta das dezenas de disciplinas existentes no ensino secundário, cujos alunos continuam também em ensino à distância, mas só através das plataformas utilizadas para este modelo. Já na Madeira, o governo regional decidiu avançar também com aulas pela televisão destinadas ao ensino secundário e que abrangem cerca de 20 disciplinas. Estas emissões não foram trabalhadas em conjunto com a Direcção-Geral da Educação, uma vez que o arquipélago tem autonomia também na área do ensino, e estão a ser produzidas pela RTP Madeira.

cviana@publico.pt

Os adultos também vão aprender com aulas através da televisão

Samuel Silva

Ainda não são conhecidos os indicadores de audiência do primeiro dia da nova Telescola mas, além de quase um milhão de crianças a quem se destina a iniciativa, terá havido milhares de adultos a seguir a emissão da RTP Memória. Desde logo, os pais ou encarregados de educação, a quem o acompanhamento das aulas influenciará a forma como motivam os alunos, antecipam especialistas em Educação e Formação de Adultos. Mas também as pessoas sem filhos vão poder aprender com as matérias do ensino básico na TV.

"É a escola que entra dentro de casa", ilustra Joaquim Luís Coimbra, director do mestrado em Educação e Formação de Adultos da Universidade do Porto. E isso "pode e vai ter" mais-valias para quem há muito deixou de estudar, antecipa. O efeito é "acidental", classifica este especialista e "surge pelas piores razões", num contexto de pandemia e de suspensão das aulas presenciais para os estudantes de todo o país – e que, para os alunos até ao 10.º ano se estenderá até ao final do ano lectivo. "Mas pode resultar numa situação positiva."

Os principais resultados serão sentidos pelas famílias com filhos no ensino básico, que estarão a acompanhar mais directamente as aulas, defende Licínio Lima, professor catedrático do Instituto de Educação da Universidade do Minho. "Os pais ou as mães que estão em casa, e que não estiverem em situação de teletrabalho, são os mais susceptíveis de acompanhar os alunos", acrescenta este especialista. Lima antecipa também, da parte dos encarregados de educação com formação superior, "um olhar crítico e mais distanciado" sobre os conteúdos da Telescola. Para todos, contudo, haverá "impactos positivos".

"Fará parte das conversas"

Com as matérias do 1.º ao 9.º ano nos televisores, diariamente, entre as 9h e as 17h50, a educação vai "fazer parte das conversas e das interacções das famílias". Por isso, o #EstudoEmCasa vai "ter um impacto em todos. Não só nos alunos, mas também nos adultos", considera Joaquim Luís Coimbra. O professor da Universidade do Porto lembra que quando, há cerca de uma década e meia, foi lançado o programa de educação de adultos Novas Oportunidades, "houve um aumento do interesse dos adultos pela escolaridade dos filhos e netos". Os pais têm habitualmente a expectativa de que os educandos tenham escolaridades mais longas do que as suas. Esse efeito acentuou-se, contudo, no caso de quem passou por essa experiência de formação.

"Aqui o enquadramento está ao contrário, mas há condições de produzir o mesmo efeito", acredita Joaquim Luís Coimbra. O #EstudoEmCasa vai, por isso, "influenciar o modo como os pais motivam os seus filhos para aprender". Mesmo entre os adultos sem filhos "acredito que haverá efeitos positivos", diz Coimbra. A Telescola "pode ter a atracção de recolha de informação, numa perspectiva de autodidaxia", acrescenta Licínio Lima. Algo "entre o lúdico e o educativo" que chegará a um público mais alargado, continua aquele professor da Universidade do Minho.

O potencial de aprendizagem para o público adulto é transversal, mas pode ter especial eficácia nas línguas estrangeiras. O #EstudoEmCasa tem aulas diárias de idiomas com conteúdos destinados a alunos do 3.º ciclo, sempre às 15h20 – Espanhol à segunda e quinta-feira; Alemão à terça-feira; Francês no dia seguinte –, além de diversos blocos de Inglês, para diferentes níveis, do 3.º ano ao 9.º, em vários momentos da semana.

O impacto positivo que os especialistas antecipam que a nova Telescola venha a ter no público adulto tem "um único senão", que é, porém, uma questão "importante", diz Licínio Lima. O #EstudoEmCasa "não foi desenhado para adultos". "Do ponto de vista da linguagem, dos conteúdos, da intencionalidade, foi pensada para crianças", sublinha.

Este não é um problema estranho a quem investiga esta modalidade educativa. "É, por exemplo, um dos problemas que causa o uso de manuais pensados para crianças para a educação de adultos", explica Lima. E, desse ponto de vista, não terá a mesma eficácia de uma verdadeira iniciativa de Educação e Formação de Adultos.

samuel.silva@publico.pt

TIAGO PETINGA/LUSA

Principais resultados serão sentidos por pais com filhos no básico

Vão fazer-se ensaios ao plasma dos recuperados

Portugal vai fazer ensaios clínicos ao plasma de doentes recuperados de covid-19. Este estudo deve começar em Maio, anunciou ontem o secretário de Estado da Saúde, António Lacerda Sales, em conferência.

"Existe uma vontade grande por parte de diversas instituições de o fazer em termos de ensaios clínicos numa fase inicial", disse António Lacerda Sales, quando questionado sobre o uso de plasma de doentes recuperados. Indicou ainda que "estão incorporados nesta vontade" a Direcção-Geral da Saúde, o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge e o Infarmed, que estão neste momento a analisar um conjunto de critérios e de factores, como o consentimento informado e a "tecnologia para anticorpos neutralizantes".

"Há toda uma tecnologia que tem de ser previamente avaliada", frisou, adiantando que será definido um grupo para que se valide o início destes ensaios clínicos que começarão por doentes moderados e graves.

Como ainda não há nenhuma vacina ou tratamento específico para esta doença, vários cientistas têm proposto tratar a covid-19 através do sangue de pessoas recuperadas. Isto é, administrar a doentes ainda infectados soro sanguíneo obtido de pessoas já recuperadas. A ideia é que consigam tirar partido de anticorpos desenvolvidos pelos doentes recuperados.

Em Março foi publicado um estudo com resultados preliminares na revista *JAMA*: cinco doentes de covid-19 em estado grave receberam transfusões de plasma convalescente retirado do sangue de doentes recuperados e terão manifestado sinais de melhoria no seu estado clínico.

Esta é uma prática com mais de um século, mas, com a descoberta de tratamentos mais eficazes, caiu em desuso. Voltou a ser usada em 2003 em doentes com SARS ou na luta contra o surto de ébola em África entre 2014 e 2016. **PÚBLICO/Lusa**

Só na Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade, há cerca de 900 lares, onde vivem 80 mil idosos, contabiliza o padre Lino Maia

BE vê "duplicidade" no Governo
Catarina Martins criticou ontem, no Esquerda.net, que haja "uma duplicidade" entre a posição de António Costa no Conselho Europeu e a de Mário Centeno no Eurogrupo quanto à crise causada pela covid-19. Centeno sustenta as posições alemãs, afirmou a líder do Bloco de Esquerda.

"Estado fiscaliza muito mais do que acompanha" os lares, afirma Lino Maia

Capacidade de gestão dos lares de idosos evitou que a covid-19 fizesse aí "tantas vítimas como se temia", diz o presidente da CNIS. E pede mais colaboração do Ministério da Saúde

São José Almeida

O "Estado fiscaliza muito mais do que acompanha" os lares de idosos e estes não são devidamente assistidos pelo Ministério da Saúde, afirma o presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS), padre Lino Maia, ao PÚBLICO.

Apesar da preocupação, o padre Lino Maia considera que a incidência de mortes por covid-19 entre idosos institucionalizados é baixa. Analisando-se o universo, "conclui-se que, afinal, talvez seja a existência de tantos lares, dirigidos por tantos dirigentes voluntários e diligentes e acompanhados por tantos trabalhadores dedicadíssimos", a razão que "explica como em Portugal a crise provocada pela doença covid-19 não esteja a fazer tantas vítimas como se temia" entre os idosos institucionalizados. E conclui: "É muito mau que haja uma vítima, mas certamente muitas mais seriam se os idosos estivessem emparedados pela solidão e abandono."

O padre Lino Maia explica que no universo de idosos abrangidos pelo "conjunto do sector social solidário, considerando também a Confecoop e União das Mutualidades, haverá cerca de 1500 lares, com cerca de 80.000 utentes". A somar a estes há ainda os lares privados lucrativos legais e os ilegais. É assim baixo o número de idosos institucionalizados que morreram de covid-19, tomando como referência os números divulgados oficialmente.

A 14 de Abril, a directora-geral de Saúde, Graça Freitas, reconheceu que os idosos institucionalizados, que tinham morrido de covid-19, eram perto de 200, ao afirmar: "Em relação aos 567 óbitos registados até à data, cerca de um terço desses óbitos ocorreu em população que está, de facto, em instituições."

Decompondo os números dos lares existentes no sector social solidário, o padre Lino Maia explica que, no "conjunto das associadas da CNIS, pelo menos 900 instituições têm lares, com serviço de apoio domiciliário e centros de dia", tendo algumas delas cuidados continuados. Destes, 847 estão no continente e cerca de 50 nas regiões autónomas. Aos lares da CNIS somam-se os 500 lares das cerca de 380 misericórdias, associadas da União das Misericórdias. No total, nestas instituições vivem cerca de 80.000 idosos. Mas há ainda a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que é pública, e os lares lucrativos legais privados, mais os ilegais, cujo número de idosos institucionalizados não é conhecido.

Saúde distante

São duas as "falhas" apontadas ao Estado pelo presidente da CNIS. Uma prende-se com o financiamento. "Comparticipa deficitariamente, o próprio Estado reconhece que o custo médio de utente por mês numa instituição é de 1061,20 euros, enquanto a comparticipação do Estado é de 396,59 euros", sublinha o padre Lino Maia, frisando ainda que "estes números ajudam a compreender como, segundo um estudo muito aprofundado da Universidade Católica, 40% das instituições encerram o ano com resultados negativos".

A segunda falha é o distanciamento do Ministério da Saúde (MS) da realidade dos lares de idosos. "Além de protecção social, os utentes de lares também carecem de cuidados de saúde", afirma o padre Lino Maia, que alerta: "Urge uma articulação da Segurança Social com o necessário envolvimento da Saúde no apoio aos utentes dos lares." Ou seja, na prestação de cuidados médicos e de formação e disponibilização de pessoal médico e de enfermagem que dê assistência médica permanente aos idosos institucionalizados.

Mas o padre Lino Maia aprofunda as críticas ao MS em relação à gestão da pandemia de covid-19 nos lares de idosos. Começa por afirmar que não pode confirmar que "as instituições tenham recebido indicações a tempo" da Direcção-Geral da Saúde: "Foram sendo dadas indicações, nem sempre a tempo e nem sempre coincidentes." Mas garante que, "graças a uma conjugação de esforços [da CNIS] com a União das Misericórdias, os planos de contingência foram gizados em tempo útil."

O presidente da CNIS garante que "tardaram e continuam a tardar os testes" e "faltaram e continuam a faltar os equipamentos de protecção individual". Salienta, porém, que o "mais grave" é que "os lares são residências colectivas da população mais frágil", mas "os doentes covid-19 precisam de acompanhamento da Saúde", pelo que "não é nos lares que podem ser tratados".

Responsável por um vasto sector de solidariedade social, o padre Lino Maia desabafa: "Por vezes, parece transparecer uma certa estigmatização dos mais velhos, acompanhada por algum desprezo. E os lares e as instituições de solidariedade, que emanam da solidariedade e da capacidade organizativa e mobilizadora da sociedade, não são respeitados pela Saúde como deveriam ser."

Considerando que "esta crise tem feito sobressair uma sociedade eminentemente solidária, que sabe acatar as orientações consistentes (afinal, deixa-se governar!) e que sabe abra-

"Serviço essencial"
O ministro do Ambiente alertou ontem os donos de terrenos rurais "que têm de continuar a fazer o corte do mato" nas propriedades, para prevenir fogos, apesar da covid-19. Matos Fernandes alertou também as empresas contratadas pelos proprietários para o efeito que este é um "serviço essencial".

24
era, até às 17h de ontem, o número de pessoas detidas por desobediência ao decreto do estado de emergência

PAN quer apoio para bombeiros
A líder parlamentar do PAN advertiu ontem que os seguros dos bombeiros voluntários não abrangem doenças contagiosas, como a covid-19, e admitiu que a solução, em caso de sequelas, possa passar pelo recurso ao fundo de protecção social para estes operacionais.

"Impacto pesado" em Portugal
O responsável da OMS pelas situações de emergência, Michael Ryan, disse ontem em conferência de imprensa que o impacto da covid-19 em Portugal "tem sido pesado", mas considerou uma "boa notícia" o facto de a taxa de crescimento estar "a estabilizar e a descer" no país.

ANTÓNIO COTRIM/LUSA

çar as grandes causas", o padre Lino Maia alerta para que "a assunção valorativa dos mais velhos e a coordenação da Saúde com a Segurança Social, podem e têm de ser frutos positivos desta crise". Para mais, quando a sociedade portuguesa "é crescentemente envelhecida", ela "tem de estender o seu olhar para os mais velhos, de quem muito recebeu, e deve reconhecer que tem para com eles uma dívida de gratidão".

É por isso que defende que para futuro há lições que o Estado tem de tirar da crise provocada pela pandemia. "O Estado tem de saber reorganizar-se e de estabelecer prioridades e vias orientadoras" em relação ao acompanhamento dos idosos institucionalizados, defende o presidente da CNIS, argumentando que "com o aumento da esperança de vida – o que é um bem – e a diminuição da natalidade – compreensível, mas que deve ser contrariada – há cada vez menos gente a produzir e mais gente a precisar de apoio".

sao.jose.almeida@publico.pt

Gaia faz testes a lares e só num foram identificados 51 casos

Abel Coentrão

O presidente da Câmara de Gaia considera que a identificação de 51 casos de infecção com covid-19 no Lar de Santa Isabel, na cidade, mostra que foi útil e correcta a opção do município que, cansado de esperar pela intervenção da ARS-Norte, por via do Agrupamento de Centros de Saúde Gaia-Norte, montou, com o Hospital Santos Silva, uma operação de testes a todas as instituições de acolhimento de idosos e deficientes do concelho.

"Tentamos sempre manter uma atitude cooperante, sem nos pormos em bicos de pés. Mas se há uma semana e meia havia seis casos, era preciso que aquele lar tivesse sido testado mais cedo. Se isso tivesse acontecido, talvez não chegássemos a estes números", lamenta o socialista Eduardo Vítor Rodrigues.

O Lar de Santa Isabel, que acolhe cerca de 120 utentes com idades entre os 75 e 90 anos, e tem cerca de cem funcionários, foi o primeiro a ser abordado pela equipa móvel criada com recurso à contratação de profissionais, numa parceria entre a câmara, que paga o serviço, e o hospital, que assume a direcção técnica dos procedimentos. O rastreio começou sábado e prosseguiu mesmo durante o domingo, explicou o autarca.

A autarquia já tinha mostrado disponibilidade para assumir os custos de uma operação destas, que envolve 17 profissionais de saúde, uma carrinha alugada e testes para 1700 utentes e mais de 800 profissionais a trabalhar nos lares. Mas, sem resposta, Eduardo Vítor admite que na quinta-feira pôs "as mãos à cabeça". "Isto não pode ser tratado da mesma forma [burocrática] de uma obra para asfaltar uma estrada. Se não entrávamos ali depressa, ainda corríamos o risco de ter de lá ir com uma agência funerária, em vez da equipa de enfermeiros", criticou, assinalando que só neste lar já morreram quatro utentes com covid-19.

Identificados os doentes, estes foram separados dos restantes utentes do lar, que tem vários pisos, seguindo, aliás, aquele que é o protocolo da Direcção-Geral de Saúde nestes casos, nota o autarca. À agência Lusa, o director do lar adiantou ontem de manhã que 13 pessoas foram internadas no Hospital de Gaia. Eduardo Vítor estima – e espera – que não haja nenhuma outra situação tão grave nos 59 serviços que vão ser percorridos, nos próximos dias, pela unidade móvel que está a trabalhar desde sábado, mas pede ao Governo que reflicta sobre o que se passou.

Gaia, que entre os municípios vizinhos, como Porto ou Matosinhos, "foi o último a tomar em mãos esta questão dos testes aos lares, faz isto porque, financeiramente, o consegue fazer. Como será nos outros municípios mais pequenos?" – questiona o socialista. Para o autarca, a experiência do combate à covid-19, que, assinala, mostra também um certo esvaziamento de competências e meios dos serviços intermédios da administração do Estado, deveria levar ainda a que se repense a descentralização de competências, em áreas como a Educação ou a Saúde, que não deve ser proposta de forma igual para municípios com mais e menos capacidade de intervenção, considera.

A ARS do Norte escusou-se a entrar em polémica com o autarca e ao PÚBLICO confirmou o teste aos utentes e funcionários do Lar de Santa Isabel, "aguardando-se o resultado de 12 profissionais". Ainda segundo a ARS, "até à primeira semana de Maio vão ser testados todos os profissionais dos lares da região norte, situação que já se iniciou na área geográfica de Vila Nova de Gaia e Espinho.

Os dados divulgados ontem pela Direcção-Geral da Saúde revelam que houve nas últimas 24 horas mais 21 mortes por covid-19, aumentando o total para 735. O país tem um total de 20.863 casos de infecção – uma taxa de crescimento de 3,2% face ao dia anterior.

acoentrao@publico.pt

Uma sociedade que não respeita os mais velhos não se merece

Opinião
Maria do Rosário Gama

Há vozes que nos incomodam.

Aparentemente desencadeadas por declarações que repudiamos, feitas no passado Domingo de Páscoa pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, multiplicam-se, agora, as opiniões que, igualmente sem qualquer fundamento científico, vão no sentido de, com uma "aparente" intenção de protecção sanitária, afirmar que as pessoas mais velhas poderão ter de ficar em confinamento até ao final do ano. Quem profere ou defende tais declarações não mede o alcance do que diz. Estão a ser visadas pessoas que podem estar frágeis, carentes de afecto, longe de familiares ou amigos, mas também tantas outras que, com a mesma idade, estão enérgicas, com todas as faculdades activas, com vidas bem preenchidas e úteis à família e à comunidade. Umas e outras têm coração e têm sentimentos e não gostam nem aceitam que as ameacem de isolamento.

Confinar pessoas mais velhas durante meses seguidos configura um grave atentado aos direitos humanos consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Constituição da República Portuguesa. Acresce que muitas dessas pessoas vivem em lares e estruturas residenciais para idosos ,conservando a sua autonomia e o uso de todas as suas capacidades, pelo que tal confinamento contribuiria para um agravamento da sua saúde mental e da sua própria segurança, uma vez que a redução forçada da sua mobilidade aumenta o risco de acidentes. E o mesmo se aplica aos que vivem sós e afastados das suas famílias.

A ameaça da covid-19 não se vai evaporar com o achatamento da curva epidémica. Qualquer plano de levantamento de restrições tem de contemplar, necessariamente, todas as faixas etárias. O confinamento sem fim à vista não é solução, muito pelo contrário é o caminho mais curto para a demência senil ou uma sentença de morte antecipada para idosos que hoje têm autonomia.

Não aceitamos referências estigmatizantes que criem na sociedade a ideia, mais ou menos subtil, de que as pessoas mais velhas, apenas pela sua idade, não são bem vindas no espaço público e poderão constituir um factor acrescido para a expansão da pandemia. Não aceitamos um regime de confinamento que coloque os mais velhos isolados física e socialmente. Cidadãs e cidadãos de pleno direito, cumpriremos as medidas consideradas necessárias para conter e minorar a propagação do vírus no contacto social. Uma sociedade que não respeita os mais velhos não se merece. Nenhum poder democrático pode roubar a autonomia, a dignidade, o direito de decisão e o prazer de viver dos seus cidadãos. O sonho comanda a vida em qualquer idade. Perder a capacidade de sonhar é morrer. É contribuir para agravar o fosso entre os jovens e os mais velhos É este o nosso apelo!

Confinar pessoas mais velhas durante meses configura um grave atentado aos direitos humanos

Pela direcção da APRe!

Professora aposentada

Testes a todos com sintomas
A Dinamarca vai realizar testes a todas as pessoas que tenham sintomas de covid-19, uma decisão que acompanha a reabertura, ontem, das actividades e da economia do país. "É a forma mais eficaz de travar a disseminação da doença", disse o ministro da Saúde.

Entre críticas à sua gestão da crise, Johnson receia segunda vaga de covid-19

Governo britânico está dividido entre os que defendem alívio das restrições e os que privilegiam supressão do vírus. Acusado de ter estado "desaparecido em combate", primeiro-ministro enfrenta teste à sua liderança no combate à pandemia

Boris Johnson abdicou de marcar presença em cinco reuniões de emergê

António Saraiva Lima

Cavalgada a primeira vaga de propagação do novo coronavírus no Reino Unido, com grandes sacrifícios humanos e económicos, o Governo britânico já deu o pontapé de saída na discussão sobre o calendário para o alívio das medidas de contenção e confinamento. O receio de uma segunda onda de contágio está a levar Boris Johnson a temer a reabertura, ainda que gradual, do país, mas a sua liderança está a ser cada vez mais posta em causa, depois de a imprensa ter revelado que falhou cinco reuniões ministeriais de emergência no início da crise, quando foram tomadas decisões cruciais sobre a estratégia do executivo para a pandemia.

O *Sunday Times* noticiou, no domingo, que o primeiro-ministro entendeu não ser prioritário marcar presença nas chamadas reuniões COBRA (sigla para *Cabinet Office Briefing Room A*) de Janeiro e Fevereiro, convocadas propositadamente para responder a uma situação de crise e urgência nacional. Só o fez a 2 de Março.

Downing Street confirmou o relato do semanário, mas retirou-lhe importância, afiançando que Johnson estava a par de tudo. Jonathan Ashworth, trabalhista e "ministro-sombra" da Saúde, acusou-o, ainda assim, de ter estado "desaparecido em combate" numa altura em que "o mundo inteiro já tinha percebido a gravidade do que estava para vir". E nacionalistas escoceses e liberais-democratas juntaram-se às críticas.

Somando essa ausência propositada à ausência forçada, por ter sido infectado pela covid-19 – deu entrada nos cuidados intensivos e teve de delegar a liderança do Governo no ministro dos Negócios Estrangeiros, Dominic Raab –, e acrescentando-lhes as críticas pela decisão controversa de, numa primeira fase, se adoptarem medidas menos restritivas do que as da maioria dos países europeus, a pressão sobre o primeiro-ministro é, por estes dias, gigantesca, e a margem de manobra reduzida, depois do estado de graça trazido do combate do "Brexit".

Mais ainda porque, pouco mais de um mês depois da enunciação dessa primeira abordagem, comedida e concebida para se "reduzir e atrasar o pico" de contágio e se "criar imunidade de grupo" – abandonada ao fim de dez dias –, o Reino Unido apresenta uma situação sanitária alarmante: cerca de 125 mil infectados, mais de 16 mil mortos, menos de metade dos testes diários prometidos e escassez de material de protecção para os profissionais de saúde.

"Todos os Governos cometem erros, incluindo o nosso. Procuramos aprender e melhorar todos os dias. No futuro, teremos a oportunidade de olhar para trás, de reflectir e de retirar algumas lições importantes", defendeu o líder do Conselho de Ministros, Michael Gove, questionado pela BBC sobre se o Governo conservador errou na primeira abordagem à pandemia.

Aliviar ou manter restrições?

Desde o dia 23 de Março que o Reino Unido está em confinamento. Foi divulgada uma lista reduzida de "motivos" que permitem que uma pessoa possa sair de casa, foram proibidas reuniões ou ajuntamentos de mais de duas pessoas e encerraram-se escolas e estabelecimentos entendidos como "não-essenciais", como restaurantes, *pubs*, cafés, ginásios ou locais de culto religioso.

Mas face a um cenário epidemiológico que parece estar a empurrar o país para números próximos de Espanha e de Itália, a discussão sobre o levantamento, a suavização ou a manutenção das medidas de contenção do vírus está ser gerida com pinças pelos membros do Governo, que contam apresentar um calendário concreto sobre o tema daqui a aproximadamente três semanas, já com Johnson ao leme.

> **Todos os Governos cometem erros, incluindo o nosso. No futuro teremos oportunidade de olhar para trás e retirar lições**
>
> **Michael Gove**
> Líder do Conselho de Ministros

Segundo o *Financial Times*, o Conselho de Ministros está partido ao meio, entre os que defendem o alívio gradual das medidas e os que preferem prolongar a quarentena. E nos dois lados da barricada há representantes de peso.

Michael Gove e o ministro das Finanças, Rishi Sunak, querem levantar algumas restrições, para relançar a economia e impedir que o desemprego ultrapasse os 16% estimados, ao passo que Matt Hancock, ministro da Saúde, opta pela manutenção das mesmas, por entender que o contágio tem de ser controlado ao máximo, para não implodir de vez com o serviço nacional de saúde britânico.

O diário económico refere ainda outro nome relevante para a causa de Hancock – que também conta com a maioria da opinião pública. Trata-se de Dominic Cummings, o controverso e radical conselheiro de Johnson, estratego da campanha eleitoral que deu ao primeiro-ministro a chave do "Brexit".

O ministro da Saúde argumenta que um dos requisitos fundamentais para se implementar qualquer estratégia de regresso à normalidade é uma excelente capacidade de realização de testes e de rastreamento das cadeias de transmissão da doença.

Mas o Governo tem vindo a falhar as suas próprias metas nesta matéria, pelo que a garantia de capacidade para 100 mil testes diários no final deste mês, parece, por esta altura, um objectivo demasiado ambicioso, tendo em conta que a capacidade actual é de 38 mil testes por dia.

Recuo de Johnson

Boris Johnson até era um dos que estavam inclinados a defender o alívio de algumas restrições, para permitir que a economia recomece a funcionar aos poucos, mas o elevado número de infectados e os enormes desafios sobre o potencial de resposta médica fizeram o primeiro-ministro recuar, por temer uma segunda, e mais impetuosa, vaga de contágio.

Segundo a BBC, foi esta a mensagem que Johnson – ainda em repou-

Óbitos aumentam em França
A França contabiliza já um total de 20.265 mortes devido ao novo coronavírus, mais 547 do que as que constavam dos dados de domingo. Segundo o director-geral da Saúde, Jérôme Salomon, 30.584 pessoas estão ainda hospitalizadas cinco mil delas nos cuidados intensivos.

9514
enfermeiras de Nova Iorque têm covid-19 e o seu sindicato processou o estado por falta de material de protecção

Casos confirmados no mundo
Valores às 21h00 de 20 de Abril

Fonte: Universidade de Johns Hopkins

Máscaras caem do céu no Chile
A estância balnear de Zapallar, no Chile, vai entregar máscaras e desinfectantes aos habitantes mais velhos e de zonas mais remotas (onde ir a uma farmácia pode significar uma caminhada de duas horas), lançando-as de drones. No país há dez mil casos de covid-19.

EDDIE MULLHOLLAND/EPA

ncia nacional no início da crise

so e a recuperar da infecção – transmitiu a Raab, na sexta-feira, numa reunião por videoconferência, tendo-lhe pedido que a defendesse junto dos restantes ministros.

Na mesma linha, um porta-voz de Johnson disse ontem aos jornalistas que "o segundo pico é a grande preocupação" do primeiro-ministro e "é, em última instância, o que causará mais danos à saúde e à economia". "Se avançarmos demasiado rápido, o vírus poderá propagar-se novamente de forma exponencial", afirmou o porta-voz, citado pela Reuters.

Fontes do Governo disseram à BBC que, por causa destas divergências internas quanto ao caminho a seguir, o mais provável é que as medidas de contenção sejam modificadas e actualizadas, em vez de suavizadas ou levantadas, daqui a três semanas.

A única certeza, porém, é que Boris Johnson terá um verdadeiro teste à sua liderança quando abandonar a casa de campo dos primeiros-ministros britânicos, em Chequers, e voltar a sentar-se à mesa do Conselho de Ministros, em Downing Street.

antonio.lima@publico.pt

Infecções não param de aumentar na Rússia

Ricardo Cabral Fernandes

A Rússia registou ontem mais de quatro mil novos casos de covid-19, depois de no domingo ter identificado o maior número de novas infecções até à data (mais de seis mil), totalizando 47.121 doentes e 361 óbitos. O Presidente Vladimir Putin, que tem optado por delegar as responsabilidades nas autoridades municipais, garantiu que a "situação está completamente sob controlo".

Porém, os números têm levantado dúvidas e especialistas em saúde avisaram que a capacidade de serem realizados testes tem sido fragilizada pela burocracia russa, diz o *Moscow Times*. E o pior pode estar para vir, disse a vice-presidente da Câmara de Moscovo, Anastasia Rakova. "O pico da mortalidade deve chegar nas próximas duas a três semanas", disse.

Foi por isso que as autoridades municipais estreitaram o controlo à população instalando um sistema digital, baseado num código de barras (QR), para saber se quem circula pela cidade está autorizado a fazê-lo, depois de terem decretado o confinamento até 1 de Maio.

A pandemia foi inicialmente desvalorizada pelas autoridades russas, quando já estava a ter profundas consequências em Itália e Espanha.

Mas, no final de Março, quando os números começaram a aumentar dramaticamente, Putin declarou que a Rússia não se poderia isolar da ameaça e anunciou uma semana de não-trabalho pago, entretanto prolongada até 30 de Abril, e o adiamento do referendo às reformas constitucionais. Na quinta-feira, cancelou o desfile na Praça Vermelha, com a imprensa russa a relatar a crescente preocupação do Kremlin.

Apesar deste cenário, no domingo o Presidente russo voltou a dizer que "a situação estava completamente sob controlo" das autoridades. "Todos os níveis de poder estão a trabalhar de forma organizada, responsável e atempada", disse Putin, que continua a optar por deixar a gestão da pandemia nas mãos das autoridades municipais, ao mesmo tempo que anuncia medidas que não prejudiquem os rendimentos dos russos. Analistas ouvidos pelo *Guardian* dizem que esta opção faz parte da estratégia de Putin para se proteger dos efeitos adversos da pandemia, que poderia pôr em causa a sua imagem de garante de estabilidade, que sempre cultivou.

EDUARD KORNIYENKO/REUTERS

O pior está por vir, disse a vice-presidente da Câmara de Moscovo

Austrália pede investigação, China diz que nem pensar

Ricardo Cabral Fernandes

A China rejeita qualquer investigação à origem da covid-19 e à forma como lidou com a doença em Wuhan, garantindo que vai fazer uma "oposição veemente" a quem pressionar para que avance. O Governo de Pequim tem sido acusado de ser responsável pela pandemia e de falta de transparência e o apelo australiano, no domingo, para a constituição de uma investigação independente, foi o mais recente embate.

"Os assuntos sobre o coronavírus são para serem avaliados de forma independente e acho ser importante que o façamos", disse ministra dos Negócios Estrangeiros australiana, Marise Payne, salientando que a sua preocupação sobre a transparência chinesa está "muito elevada". "A Austrália vai insistir nesta questão."

Há anos que a Austrália e a China são rivais no Pacífico e, quando o coronavírus extravasou as fronteiras chinesas, os dois países começaram a competir na chamada diplomacia de saúde. Pequim enviou toneladas de equipamento médico para as ilhas do Pacífico e a Austrália, que era o maior doador até ser ultrapassada pela China, redobrou os esforços.

Pequim não gostou das palavras nem do tom usado pela chefe da diplomacia australiana, aliada dos Estados Unidos no Pacífico, e respondeu ontem. "A China expressa grande preocupação e uma oposição veemente sobre isto", disse o porta-voz do Ministério dos Negócios estrangeiros chinês, Geng Shuang. "Qualquer questão sobre a transparência da China na prevenção e controlo da situação epidemiológica não carece de factos."

O Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tem também acusado a China de ter gerido mal a crise sanitária, depois de num primeiro momento a ter elogiado por essa mesma gestão. E o Presidente francês, Emmanuel Macron, já levantou dúvidas sobre a veracidade do número de mortos oficiais na província chinesa de Hubei (onde se situa Wuhan), devido à falta de transparência das autoridades chinesas.

Xi Jinping, Presidente da China

No início do mês, Trump, que já chamou ao coronavírus "o vírus chinês" (e foi acusado de xenofobia), ordenou a cientistas americanos que investigassem a hipótese de o novo coronavírus ter ido origem num laboratório militar chinês em Wuhan. Fê-lo depois de essa teoria aparecer nas redes sociais e ser apresentada por comentadores da Fox News, canal americano conservador e que o chefe de Estado segue, com vários cientistas a virem a público desmenti-la. No domingo, o Presidente voltou a frisá-lo e disse querer enviar investigadores para a China, mas que os pedidos foram rejeitados.

"Certos americanos devem ter isto claro: a China não é sua inimiga. A comunidade internacional deve unir-se para vencer a luta contra o vírus", disse também ontem o porta-voz da diplomacia chinesa. "Atacar e difamar a China não recuperará o tempo e as vidas perdidas", acrescentou, apelando para que os governantes parem de espalhar teorias da conspiração.

ricardo.fernandes@publico.pt

ESPAÇO PÚBLICO

B. Gantz/B. Netanyahu

No difícil e complexo equilíbrio político israelita, chegou ao fim o impasse na formação de um Governo, com a assinatura do acordo de coligação entre Netanyahu e Gantz, que coloca fim a uma crise que forçou três eleições. Gantz que durante a campanha disse que não entraria em Governos com políticos acusados de crimes (como é o caso de Netanyahu) cedeu e abriu brechas no seu partido. Conseguirá este Governo chefiado de forma rotativa resistir às diferenças? (Pág. 29) **J.J.M.**

Mário Ferreira

O empresário, líder de um grupo de cruzeiros de mar e rio e de hóteis faz uma análise bastante lúcida e atenta do mercado de turismo. Considera que a pandemia vai mudar o turismo e que este terá de se adaptar aos condicionalismos impostos pela covid-19 para recuperar clientes. Apesar da crise, Mário Ferreira mantém algum optimismo, pensa em redireccionar o seu negócio, e é desse tipo de visão que a economia portuguesa precisa. (Págs. 24/25) **J.J.M.**

O regresso da palavra maldita

Manuel Carvalho
Editorial

António Costa, em entrevista à agência Lusa, no dia 11 de Abril, dizia que não "tenciona aplicar no futuro a mesma receita que há dez anos foi aplicada para enfrentar a crise" do euro. António Costa, agora em entrevista ao *Expresso* no dia 18 afirmava: "Já ando nisto há muitos anos para não dar hoje uma resposta que amanhã não possa garantir." Entre a certeza do primeiro momento e a fluidez do segundo persiste a palavra maldita da política portuguesa, em especial da esquerda: austeridade. O primeiro-ministro permanece convencido de que a contracção brutal da economia e o seu impacte nas contas do Estado se remendam com investimento público e níveis de rendimento capazes de alimentar a procura. Mas ele sabe, como todos nós sabemos, que esses estabilizadores da crise não dependem em exclusivo da vontade de quem governa. É a tal resposta de hoje que amanhã ninguém pode garantir.

A austeridade aplicada em Portugal na crise do euro foi cega, excessiva e causou traumas na memória dos cidadãos e destruição desnecessária no tecido económico. Mas vale a pena recordar que essa política não resultou de uma deliberação consciente do Governo de Passos Coelho; foi imposta por agentes externos como condição para resgatarem as finanças públicas – mesmo que se possa sublinhar que Passos e os seus ministros a aceitaram com excesso de condescendência e, em alguns momentos, até com simpatia por acreditarem no seu poder para regenerar o país. Nada nos garante que, com a crise do Grande Confinamento, a combinação do aumento do défice, que se anuncia para a casa dos 7%, o aumento da dívida pública ou o agravamento dos juros não forcem o Governo a cortar nos gastos com salários, pensões ou outras prestações sociais ou a aumentar impostos.

Poderemos chamar a esta estratégia "um ajustamento", "uma correcção orçamental" ou "um aperto de cinto" para escapar ao anátema da palavra maldita. Mas tudo não passará de uma questão semântica. Para os cidadãos, será sempre a mesma austeridade. E por muito que o Bloco ou o PCP insistam nos seus devaneios sobre a infinitude do dinheiro ou na indizível perversidade do capital, a realidade ameaça ser infelizmente mais forte do que a ideologia. Depois de anos de sofrimento e de extraordinária resistência que permitiram ao país reerguer a cabeça, esta crise é absurda e imerecida. Mas na vida dos povos há páginas negras que eles não escrevem. Pode ser o caso. Para nosso infortúnio, a austeridade espreita e não é por não a querermos ou por lhe darmos outro nome que ela deixará de nos afligir.

manuel.carvalho@publico.pt

Países do Norte estão a gastar mais do que os do Sul na resposta à crise

As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados e não prestará informação postal sobre eles.

Email: cartasdirector@publico.pt
Telefone: 210 111 000

CARTAS AO DIRECTOR

A direita está contra a Democracia e não pelo confinamento

O problema crucial é que a covid-19 foi o pretexto "aberto" pela direita e extrema-direita para que não se realizem as comemorações do 25 de Abril que envolvam o poder democrático constituído e todas as oposições democráticas, no Parlamento.

A direita juntou-se para dar início à possibilidade de se pensar em não festejar a Democracia. E, dado o primeiro passo, facilmente outros se seguirão, e quando dermos por nós, estamos todos a permitir mais e mais "confinamentos", já não à covid-19, mas à própria Democracia. Perder livremente tudo o que democraticamente nos faz ser democratas, pode ser a entrada num caminho sem retrocesso, que termina em ditadura.

Agora, em cima do acontecimento, anular a celebração do Dia da Liberdade na Casa da Democracia, soa a ataque à Democracia. Talvez seja de reduzir ainda mais o número de pessoas presentes no Parlamento. Um deputado único por partido. Um único representante do Governo, nenhum convidado, o mínimo possível de funcionários e claro o presidente da AR e o Presidente da República. E filmado apenas pelo canal do Parlamento e entregue depois a todas as televisões. E no próximo ano, livres de covid-19, o Dia da Democracia será celebrado fora do Parlamento.

Augusto K. de Magalhães, Porto

25 de Abril

Invoquem o que quiserem invocar, começando pelo presidente da Assembleia da República que, em tom um tanto desabrido, disse que as comemorações da passagem do 25 de Abril se iam fazer do modo alargado. Dada a minha avançada idade, tendo passado dezenas de anos pela ditadura e tendo aderido incondicionalmente ao 25 de Abril, entendo que se comemore esta data mas sem infringir as normas que estão em vigor. Hoje em dia há várias formas da nossa presença em conjunto sem ser física. Não é a mesma coisa mas para grandes males, grandes remédios. Depois de todos até agora nos termos portado tão bem, não comecem a estragar o que tem sido feito, com maus exemplos, vindos de uma entidade merecedora de todo o respeito. Que se comemore o 25 de Abril assim como o Dia do Trabalhador, o que de resto fiz em toda a minha activa, mas deixemo-nos de politiquices aos menos por agora, neste momento tão penoso para todos nós, seja qual for a nacionalidade, raça, cor ou credo.

Carlos Leal, Lisboa

PÚBLICO ERROU

Ao contrário do noticiado na edição de domingo do PÚBLICO, os deputados europeus do PSD não votaram contra uma proposta de *eurobonds* (ou de "*coronabonds*") porque essa proposta não existia. Votaram, como se explica na edição *online*, contra uma emenda, apenas apresentada pelo Grupo dos Verdes, que falava genericamente em "mutualização". Aliás, os deputados do PSD votaram especificamente a favor da criação de "recovery bonds" para alavancar o fundo de recuperação e de toda a resolução (que preconiza o resseguro de desemprego e um fundo europeu para as despesas de saúde originadas pela covid-19).

Ao contrário do que se escreveu na edição de ontem, o regresso à laboração na Autoeuropa está agendado para o dia 27 e não ontem. Aos leitores e à empresa, as nossas desculpas.

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

Boris Johnson

O combate à pandemia no Reino Unido está a ser um teste à liderança do primeiro-ministro, que ficou fragilizado com a revelação de que falhou cinco reuniões ministeriais de emergência no início da crise, onde foi trabalhada a estratégia do Governo. Este "pequeno" pormenor, associado às medidas menos restritivas no início, obrigam Boris a gerir com pinças o regresso a alguma normalidade e a imprensa diz que terá recuado na intenção de aliviar as medidas. (Págs. 12/13) **J.J.M.**

Marta Temido

O aumento de 0,3% no salário não será sentido por todos os funcionários públicos no mês de Abril. É o caso do Ministério da Saúde, que não conseguiu parametrizar o sistema informático a tempo dos pagamentos deste mês. É certo que o aumento tem um valor simbólico, mas quando todos exaltamos o papel dos profissionais de saúde no combate à pandemia não é aceitável que esta situação tenha precisamente acontecido a quem está na linha da frente. (Pág. 21) **J.J.M.**

ESCRITO NA PEDRA

Num tempo de engano universal, dizer a verdade é um acto revolucionário

George Orwell (1903-1950), escritor e jornalista

SEM COMENTÁRIOS PORTO

PAULO PIMENTA

EM PUBLICO.PT

Milo Manara deixou o erotismo para homenagear as "guerreiras" da covid-19

Com a devastação causada em Itália, as suas mulheres passaram de mitos eróticos a heroínas da pandemia publico.pt/p3

Por onde andam os viajantes portugueses "perdidos" pelo mundo?

Veja *online* algumas histórias, registos, pedidos de ajuda ou desabafos de quem está cansado de esperar publico.pt/fugas

1975 — A eleição de todos os portugueses

Recorda-se o momento em que os portugueses votaram pela primeira vez em eleições democráticas, livres e justas publico.pt/p2

És tu outra vez?

Miguel Esteves Cardoso
Ainda ontem

Não deve ser o mesmo rato que vi há dois anos, mas é tão parecido que me pergunto se será netinho.

Ambos têm três centímetros de comprimento, fora a cauda, que é incomensurável. Surgem sempre das traseiras das minhas estantes, aproveitando a parte delas que nunca uso.

A minha perspicácia surpreende-os. Devem passar muitas vezes pelo meu campo de visão sem eu dar por eles. Estão obviamente habituados a deambular incógnitos pela minha casa, levando algum tempo a apressar o passo quando eu os descubro. Sendo diminutos, são barrigudos. É uma conjunção que existe muito na natureza – pequeninos mas gordos como a Sé de Coimbra, porque não crescer verticalmente nunca foi impeditivo do crescimento total.

É uma casa de muito queijo a nossa, de muito queijo e muito pão. Protegemos estes tesouros como podemos, pendurando sacos nas prateleiras, segurados pelo peso dos livros.

Para os queijos curados temos jaulas especiais que consideramos inexpugnáveis. Mas somos humanos e, de vez em quando, em noites de guitarra e de farra, esquecemo-nos dumas migalhinhas.

No dia seguinte, temos o prazer de recolher os pequenos berlindes de merda que os ratos deixam em cima da mesa de jantar. Sim, tal era a loucura da comezaina que se dispensaram de ir para trás das estantes.

Dizem-nos que são as chuvas que os trazem, outros que é por ser Primavera e que estão a constituir família. Já a Rentokil esclarece que são indiferentes à estação do amor: produzem sete ou oito ninhadas por ano, cada uma com entre quatro e 16 camundongos. Oito vezes 16 dá?...

Mães-mãe

Paulo Rangel
Palavra e Poder

Este texto, escrito há 365 dias como elogio fúnebre e acção de graças, é dedicado a todas as mães que morrem nesta pandemia e a todos os que as perdem sem poderem delas despedir-se, no dia em que se cumpre precisamente um ano sobre a morte de minha mãe, vítima de "gripe A".

Levantei-me esta madrugada, chovia e granizava violentamente.
Levantei-me na alvorada para escrever a acção de graças pela vida e pela morte da nossa mãe, da minha mãe.
Estava uma madrugada pesada, de inverno hostil e duro.
Levantei-me de madrugada, mas falhou-me a inspiração.
Não havia graças, não havia acção.
Não conseguia resumi-la numa lágrima, não lograva defini-la num sorriso, não alcançava captá-la num gemido, não atingia oferecê-la num silêncio.
Nem uma convulsão de choro me valeu, nem o choro da convulsão me envolveu.
Não estava triste, nem alegre, estava inerte.
A chuva pesada e pesante obstruía-me, a alvorada paralisava-me.
O filme, ó Deus, era "tudo sobre a minha mãe".
A acção de graças parecia nada sobre a nossa mãe.

Queria agradecer e falar sobre a mãe-pessoa, a mãe-mulher, a mãe-esposa, a mãe-irmã – irmã de sete irmãs –, a mãe-filha-e-nora que, como nora, filha se sentia.
A mãe crente, a mãe-dona de casa, a mãe-amiga-das-amigas.
A mãe conversadora inveterada,
a mãe que conversava, sempre esconjurando a intriga,
a mãe que se comovia com o simples, o humilde, o trivial,
a mãe que – se não se ultrapassasse o cortês – não desprezava nem escarnecia o social.
A mãe imponente-possante-carismática,
a mãe que marcava e nada nem ninguém deixava indiferente,
a mãe que não gerava animosidades nem rivalidades,
a mãe que nasceu para ser avó, avó e matriarca,
a mãe matriarca, que se sentia bem como "prudente-conselheira-universal".
A mãe – avisada e sensata – que gente íntima e gente longínqua gostava de ouvir,
a mãe que era confidente-juramentada-das-amigas, a mãe que salvava e salvou casamentos, a mãe que guardava os inconfessáveis das suas e dos seus falantes.

PAULO PIMENTA

> **Este texto é dedicado a todas as mães que morrem nesta pandemia e a todos os que as perdem sem poderem delas despedir-se**

A mãe perfeccionista e exigente,
a mãe que ralhava frequentemente,
a mãe que gargalhava, a mãe ridente,
a mãe que afagava depois de levantar a voz,
a mãe que – mesmo reprovando – ia em busca do outro, dela, dele e de nós.

A mãe-senhora, a mãe-de-modos, a mãe-cozinheira-bordadeira, a mãe escrava-da-limpeza-e-serva-do-asseio,
a mãe que só depois dos 70 se tornou pontual, porque tudo o que até então fazia era mesmo – ela garantia, ela insistia – inadiável e essencial.
A mãe-viajante, levada pela curiosidade insaciável do marido, nosso pai,
a mãe-vaidosa, a mãe-que-uma-joia-não-desdenhava, a mãe-que-gostava-de-bem-vestir, a mãe-que-adorava-ir-às-compras, a mãe-que-em-louças-e-panos-se-viciava,
a mãe-que-não-dispensava-o-cabeleireiro, nem ao menos na véspera da pneumonia fatal,
mas a mãe que não-havia-um-tostão-que-gastasse-mal, a mãe que, em tudo, sabia poupar, a mãe para quem a divisa máxima, tão meridiana e tão salutar, era, "sem-fazer-fraca-figura", economizar.
Esta era também a mãe humana, a mãe carnal, padecida,
a mãe-dos-inchaços-e-da-má-circulação, a mãe-cheia-de-mazelas-e-maleitas, a mãe-prenhe-de-queixas, a mãe-que-suportava-dores-físicas-de-todos-os-feitios-e-de-toda-a-cor, a mãe-que-nenhuma-contrariedade-paralisava, a mãe-a-que-não-parava-nenhuma-dor.
A mãe para quem tudo era possível com espírito de sacrifício, a mãe que, arfando e suspirando, ia ao limite dos limites, porque a capacidade de sofrimento era o ânimo do ofício.
A mãe-que-rezava-piamente-e-nunca-foi--beata,
a mãe que preferia o rotundo não e o profundo sim ao nem-ata-nem-desata.
A mãe que execrava beatices, delações, comparações e moralismos,
a mãe que prezava e cultivava virtudes e valores,
a mãe que, sem ceder nunca nos princípios, tolerava e acolhia desamores.
Esta era a mãe-matriarca, terna, meiga, pródiga em beijos e abraços.
A mãe que apaziguava, que cosia, cerzia e tecia os nós e os laços,
a mãe que lembrava que
Maria guardou sempre para si, no coração, os prodígios do redentor, a mãe que temia gabar os seus, fossem filhos, netos ou quejandos.

A mãe que dizia: não esqueçais nunca, as mães e os pais dos outros não têm pelos seus nem mais nem menos amor. Amo-vos muito, mas não mais do que as mães dos outros. Nunca penseis, nunca suspeiteis que o vosso amor é superior, que é maior o vosso amor.

Era esse o seu mandamento: não presumais que amais mais os vossos do que os restantes amam os deles.

O legado maior de nossa mãe é, afinal, esse: ao contrário do que nos ensinaram, não vale a regra "só se pode amar aqueles e aquilo que se conhece". Vale antes o princípio: porque os outros amam tanto como nós, mesmo quando não os conhecemos, podemos reconhecer o amor.

Não basta amar o que se conhece, é preciso amar o que se reconhece.

A mãe amou, foi amada, soube amar, soube ser amada e quis reconhecer o amor. Mesmo o amor de que não foi nem poderia nunca ser parte. É essa a radicalidade da condição humana; é essa a novidade do amor cristão.

Obrigado, Deus, por nos teres dado uma mãe tão humana, tão humana nas grandes coisas, tão humana nas pequenas coisas, que soube e quis incluir todos os humanos no seu sopro de vida.

Fecha-se agora o ciclo de lágrimas, sorrisos, gemidos, silêncios.

Digo-o, conhecendo e reconhecendo o amor que a mãe nos ensinou:

Salmo 2, versículo 4: "O que habita nos Céus, sorri."

Eurodeputado (PSD). Escreve à terça-feira
paulo.rangel@europarl.europa.eu

E depois do mundo desmoronado?

António Costa Silva

Não temos nenhuma certeza sobre a porta de saída de um mundo desmoronado. Mas há algumas coisas que já sabemos

Edgar Allan Poe, num dos seus contos, descreve um reino onde se propaga uma epidemia, a morte vermelha, o que leva o príncipe e a corte a isolarem-se por completo numa abadia e a cortarem as ligações com o mundo exterior, deixando este entregue a si próprio. Cinco ou seis meses depois, "quando a peste mais furiosamente grassava no exterior", o príncipe resolve dar uma festa, um baile de máscaras para os seus amigos. Nessa assembleia de fantasmas aparece mascarada a morte vermelha, como "um ladrão na noite", e faz o seu trabalho demolidor.

O génio do escritor americano ilustra bem uma das características de uma epidemia nova:há tudo menos certezas. Isto contrasta com o desfile de certezas que vemos hoje na luta contra a morte vermelha do nosso tempo. Neil Fergusson, um dos grandes epidemiologistas do Imperial College, disse: "Ninguém percebeu ainda totalmente este vírus. Ninguém sabe onde é a porta de saída." Os sábios são sempre os mais humildes. Eles sabem o que não sabem.

É também interessante olhar para os que dizem que isto era previsível, que não se trata de algo inesperado e anómalo. São os profetas das coisas acontecidas. Também não virá deles a porta de saída.

Vivemos hoje em clausura. Estamos a reinventar a relação connosco, com o tempo e com a morte. Antes soletrávamos a morte como estação do passado. Hoje a morte invadiu a nossa vida. É a estação do presente. Perdemos o mapa para habitar o mundo. Agora habitamo-nos a nós próprios. Olhamos das janelas de casa a nova fronteira da realidade e procuramos não nos tornar obscuros ao girar em torno de nós próprios. Somos os cidadãos no seu labirinto. Nesta clausura, o tempo comprime o espaço. O físico empobrece e o espírito pode ficar mais ansioso e mais rico. Mudamos a nossa relação com o tempo. A lógica da pressa e do urgente desvanece-se no roçar lento dos dias. Temos mais tempo para a família e os outros. Reinventamos o sentido da vida. Vale a pena investir no humano. Não precisamos de viajar para nos encontrarmos.

Vivemos hoje num tom de cautelosa perplexidade. Face a todas as incertezas do futuro, os verdadeiros antigos já não são Homero ou os homens do Génesis. Somos nós. E, por isso, precisamos de uma ponte entre o mundo antigo e o novo. Mas essa ponte tarda. O que temos hoje é uma ausência que busca uma nova relação com a vida.

MANUEL ROBERTO

A nossa civilização não pode tornar-se numa experiência química ou biológica imprevisível. Temos de encontrar a porta de saída

Falamos à margem do mundo e somos o centro do medo. O vírus gera a incerteza que tudo corrói. Sentimos em nós a gravitação da fadiga. Somos um planeta à beira da perda. É preciso impedir que o medo global alargue o campo da irracionalidade. A nossa civilização não pode tornar-se numa experiência química ou biológica imprevisível. Temos de encontrar a porta de saída. E, por isso, precisamos de um novo alfabeto para habitar o mundo. Precisamos de voltar a falar com o futuro. O problema é que o futuro teima em não falar connosco.

A crise mais importante das nossas vidas exige um novo pensamento, um novo modelo económico e social, uma nova ordem internacional. Não basta dizer que nada será como antes. É preciso trabalhar com uma nova energia e acção para nada ser como antes. Não temos nenhuma certeza sobre a porta de saída de um mundo desmoronado. Mas há algumas coisas que já sabemos.

A primeira: este vírus é um teste a todas as nossas instituições. E, no caso de Portugal, as instituições têm respondido de forma admirável. Como sempre, não faltam os críticos e até aqueles que se indignam porque o país é elogiado pela sua resposta ao vírus. Imaginem então se o número de mortos e de infectados fosse superior a outros países. A resposta das instituições, desde o SNS e DGS ao Governo, Presidente e Parlamento, é a prova de que um país vale pela força das suas instituições e das políticas públicas. E se esta crise contribuir para o seu reforço, isso gerará mais confiança que é crucial para enfrentar o futuro. E podemos também assistir a uma mudança na forma de fazer política, com mais projecto e menos rejeição, com mais cooperação e menos insulto, com mais adesão e menos desconfiança autofágica.

A segunda: o regresso do Estado. Não vamos ter ilusões. A crise sanitária está a deflagrar um *tsunami* económico e social. Hoje temos no mundo 95% do transporte aéreo, 80% do transporte terrestre, 60% das fábricas parados e 2/3 do PIB mundial paralisado. Nunca aconteceu antes na história. Precisamos de um Estado mais interventivo e mais forte para impedir que a economia entre em coma com uma cascata de falências das empresas e um desemprego galopante. Não é o mercado que vai resolver estes problemas. Sem uma mudança do paradigma económico e a intervenção maior do Estado na economia, sem tabus, vamos viver tempos ainda mais sombrios. Os Estados crescem durante as crises e é mais fácil aumentar a despesa. Sabemos que depois é mais difícil baixá-la e por isso é importante desenhar um modelo para salvar e reconstruir a economia e depois restabelecer um equilíbrio virtuoso entre Estado e mercado, que é o segredo da prosperidade.

A terceira: precisamos de um novo modelo económico e social que leve ao renascimento da economia e da sociedade. O mundo ia num caminho mau com o crescimento das desigualdades, do desperdício e da destruição ambiental. O vírus expôs todas as fragilidades desse modelo, incluindo o das cadeias logísticas longas e desproporcionais e a mobilidade incessante. Precisamos de um novo modelo capaz de gerar uma sociedade mais justa, mais humana, com mais equilíbrio na distribuição da riqueza, maior proteção dos mais vulneráveis, mais tempo para a família, mais ética nos negócios, menor dominância do lucro e da ganância, mais atenção às pessoas e às comunidades, menor destruição ambiental e governos mais interventivos e mais reguladores na economia.

A quarta: a remodelação da ordem internacional. Vivemos num planeta em que as instituições multilaterais são frágeis ou irrelevantes, em que o nacionalismo e o populismo crescem, em que a cooperação internacional é substituída pelo insulto e a confrontação. Isto não promete nada de bom para o futuro. Henry Kissinger disse um dia: "Uma nova ordem mundial não pode ser concebida como uma medida de emergência, mas é necessário uma emergência para produzir uma nova ordem mundial." A emergência está aí e, com o mundo desmoronado, a porta de saída é o reforço das instituições multilaterais e não a sua destruição, é o reforço da cooperação internacional e não do isolacionismo, é a busca da decência e não da jactância e fanfarronice.

Quando uma grande epidemia assolou Atenas e tudo tinha sido tentado para a debelar, Epiménides, segundo conta o filósofo Laércio, advogou a edificação de um santuário ao "Deus apropriado". Mas isso foi no século V antes da nossa era. Hoje estamos à procura do nosso "Deus apropriado".

Professor do Instituto Superior Técnico

Forças Armadas podem ser chamadas a controlar fronteiras

Militares portugueses são os terceiros, entre 19 países, que mais participam num conjunto diverso de operações relacionadas com o combate à pandemia provocada pelo novo coronavírus

Defesa
Nuno Ribeiro

As Forças Armadas podem ser chamadas a controlar as fronteiras, se houver um esgotamento da capacidade da GNR e do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras para continuarem a destacar os militares e agentes que actualmente cumprem esse serviço. O controlo fronteiriço consta de acções em planeamento num estudo da Direcção-Geral de Política de Defesa Nacional do ministério de João Gomes Cravinho, que compara o envolvimento em tempo de covid-19 das forças militares de 19 países.

"Espero que essa operação fique em planeamento. Só quando as forças de segurança esgotarem as suas capacidades se justificará", explicou ontem, ao PÚBLICO, Gomes Cravinho. "As Forças Armadas não fazem acções de ordem pública, mas há planos, se necessário for", admite o titular da Defesa Nacional. "Por enquanto, não há essa necessidade e esses planos podem mesmo ficar na gaveta", sintetiza.

O ministro refere-se ao quadro comparativo das acções das Forças Armadas de 19 países, no âmbito do combate ao coronavírus, a que o PÚBLICO teve acesso. Sobre Portugal, aparecem dois casos em planeamento: o já referido controlo de fronteiras; e o apoio militar aos hospitais civis. Só o tempo dirá se passam da fase de planeamento à acção.

"Temos 1300 camas de prevenção que podem chegar às duas mil de apoio ao Serviço Nacional de Saúde (SNS)", recorda o ministro. "É a Segurança Social que nos está a pedir mais apoio, não o SNS", revela. Por isso, não avançou o apoio aos hospitais civis, que têm vindo a absorver os choques da pandemia.

Os pedidos da Segurança Social levaram a que ontem 165 imigrantes e refugiados do hostel da Rua Morais Soares, no bairro de Arroios, em Lisboa, fossem transferidos para a base da Ota. Idêntica situação ocorreu, a pedido da Câmara de Almada, relativamente a 100 utentes e 30 funcionários de um lar, que foram colocados na base militar no Alfeite.

Nestas instalações são ainda disponibilizadas 50 camas para profissionais de Saúde do Hospital Garcia de Orta, sete das quais já ocupadas. E, finalmente, para um unidade militar de Tavira foram transferidos seis imigrantes.

RUI GAUDÊNCIO

Militares portugueses só intervieram menos do que os de Espanha e Itália, onde a covid-19 fez um número muito mais elevado de mortos

"A visibilidade não nos move"

No estudo comparativo, em 19 itens ou funções possíveis, as Forças Armadas portuguesas participam em 11, e em quatro não têm acções – armazenamento de material sanitário, apoio a terceiros países, reparação de contingentes de substituição e organização de funerais. Sendo que, neste último aspecto, só os militares espanhóis e italianos têm participado, dado o elevado número de óbitos verificados naqueles países.

No total das funções desempenhadas face às Forças Armadas dos outros 18 países, os militares portugueses aparecem em terceiro lugar, com 11 missões, depois de espanhóis e italianos, a par dos alemães e franceses e, à frente, entre outros, de britânicos, belgas, austríacos, holandeses, suecos ou noruegueses.

Assim, na luta contra a covid-19, as Forças Armadas portuguesas têm acções na elaboração de testes no Laboratório Militar, cujo envolvimento se estende, também, à produção de gel alcoolizado. Os hospitais militares já foram utilizados e os militares montaram já diversos hospitais de campanha.

Também criaram centros de atendimento, fizeram transporte de material e diversas funções de desinfecção. Tal como distribuição de ajuda alimentar, elaboração de planos de contingência, notificação de reservistas e voluntários na área da saúde e criação de células de crise.

É a soma de todas estas funções que leva aos 11 itens preenchidos pelas Forças Armadas portuguesas. As de Espanha e Itália, as únicas duas em 19 com mais desempenho do que as nacionais, juntam a estas acções, por exemplo, os funerais, a articulação com as forças de segurança e o apoio a hospitais civis.

"Neste quadro, verifica-se que em Portugal as Forças Armadas estão muito activas", resume o ministro da Defesa Nacional. "Se há uma crítica que é feita, e que aceito, é de uma certa falta de visibilidade das nossas acções, de não estarmos na primeira página dos jornais ou nos telejornais, mas não é isso o que nos move", assume.

Acresce que as indústrias de Defesa têm colaborado com as Forças Armadas no desenvolvimento de equipamentos de protecção individual e de ventiladores.

"Estamos prontos para receber críticas e identificar o que faz sentido", prossegue Gomes Cravinho. "Temos nas Forças Armadas uma instituição muito preparada. Parece-nos que esta aproximação à sociedade civil está ser reflectida na opinião dos cidadãos, porque sou interpelado com agradecimentos", conclui.

nribeiro@publico.pt

Partidos já começaram a escolher quem vai estar na cerimónia do 25 de Abril

Sessão solene
Marta Moitinho Oliveira

Figurino final da sessão do 25 de Abril no Parlamento fica hoje fechado, já com as recomendações das autoridades de saúde

Os partidos já começaram a escolher quem os vai representar na sessão solene que assinala o 25 de Abril e que este ano decorre com menos deputados em resultado da crise pandémica. A polémica em torno desta celebração na Assembleia em plena crise de saúde pública gerou divisões entre os partidos e até mesmo junto dos convidados. Jorge Sampaio e Mota Amaral não vão estar na cerimónia. Já Ramalho Eanes estará presente, apesar de discordar da solução encontrada. O figurino final fica fechado hoje em nova conferência de líderes, depois da reunião com as autoridades de saúde para definir regras que evitem o contágio com o novo coronavírus.

Ontem já era claro que o número total de pessoas no plenário – fixado em 130 – pode vir a ser menor. Além das baixas entre os convidados, há partidos a admitir levar para dentro do plenário menos deputados. No sábado, a líder do grupo parlamentar socialista, Ana Catarina Mendes, disse à Lusa que, apesar de o PS poder ter 36 deputados na sala, seriam apenas 22. A bancada ainda não definiu quem discursa nem o tema a abordar.

Até ontem, o PSD tinha indicado que levaria os 27 deputados que correspondem a um terço da bancada, dando prioridade aos estreantes e que exerçam cargos de direcção no partido ou no grupo parlamentar. Mas o partido aguardava pelas conclusões do encontro entre os serviços do Parlamento e as autoridades de saúde para fechar o modelo de representação.

Outros grupos parlamentares optaram por manter o número de deputados a que corresponde um terço da bancada e indicam já nomes. O BE tem 19 deputados, mas na sessão só estarão seis, o que corresponde a um terço. São eles a liderança da bancada (Pedro Filipe Soares, Mariana Mortágua e Jorge Costa), a líder do partido, Catarina Martins, o orador, o deputado Moisés Ferreira e o vice-presidente da Assembleia da República, José Manuel Pureza. O tema escolhido pelo BE será a defesa e reforço do Serviço Nacional de Saúde (SNS), "ainda mais necessários" no contexto da resposta à pandemia da Covid-19.

Dos dez deputados do PCP estarão presentes quatro: o secretário-geral do partido a quem caberá a discurso na sessão solene e os três deputados da direcção do grupo parlamentar (João Oliveira, António Filipe e Paula Santos). Um deputado senta-se na primeira fila, o segundo na segunda e assim sucessivamente até à quarta fila.

A deputada não inscrita, Joacine Katar Moreira, vai estar presente na sessão solene do 25 de Abril. Os deputados não inscritos não costumam intervir nesta cerimónia e, na conferência de líderes que aconteceu na semana passada, ficou definido que esta não será excepção. No entanto, a deputada informa que "a esquerda herdeira do 25 de Abril decidirá se [lhe] dará ou não a palavra" nesta comemoração.

Com quatro deputados no Parlamento, o PAN far-se-á representar apenas por uma deputada, a líder parlamentar, Inês Sousa Real.

O líder do CDS já tinha comunicado que não estaria presente na sessão solene por não concordar com a sua realização em tempo de confinamento doméstico por causa da pandemia. O partido, que tem cinco deputados, irá estar representado por um único parlamentar (ainda a designar).

Apesar de ter defendido um modelo diferente, a Iniciativa Liberal vai participar na sessão solene do 25 de Abril. O momento é aguardado com alguma expectativa, já que será a "primeira vez que a liberdade será evocada por um partido liberal" na AR.

Embora tenha protestado contra a realização da cerimónia do 25 de Abril no Parlamento, o deputado André Ventura vai estar presente na sessão e vai "discursar e assinalar tudo o que está a ser feito pelos democratas contra a própria democracia".

marta.oliveira@publico.pt

DANIEL ROCHA

No final poderão estar menos do que as 130 pessoas previstas

CGTP insiste na rua

A CGTP decidiu que a sua celebração do 1.º de Maio vai realizar-se através de "algumas acções de rua" por entender que é preciso "denunciar" os "atropelos aos direitos dos trabalhadores", explicou esta semana a secretária-geral da CGTP, Isabel Camarinha. O PÚBLICO tentou, sem efeito, saber o que decidiu ontem a comissão executiva da central sindical, que marcara uma reunião para definir os locais e o modo da celebração do 1.º de Maio.

Santuário de Fátima não terá mesmo peregrinos no 13 de Maio deste ano

Religião
São José Almeida

Conferência Episcopal Portuguesa apresenta hoje plano para a reabertura progressiva de algumas cerimónias religiosas

Devido à pandemia da covid-19, as cerimónias religiosas do 13 de Maio em Fátima serão este ano definitivamente celebradas, em espaço fechado e sem crentes católicos, nem peregrinos, confirmou o PÚBLICO.

A Conferência Episcopal Portuguesa anuncia hoje a decisão de que as celebrações do 13 de Maio, em Fátima, a celebração católica que mais pessoas reúne em território nacional, não se realizará nos moldes tradicionais. Já no início de Março, perante o desenvolvimento da pandemia de covid-19, o bispo de Leiria-Fátima, António Marta, declarou à Rádio Renascença que as cerimónias do 13 de Maio poderiam não ser públicas.

Hoje será confirmado que as celebrações do 13 de Maio vão decorrer no interior da Basílica de Fátima, e serão transmitidas pelas televisões e rádios, do modo que têm estado a decorrer as cerimónias católicas.

De acordo com as informações obtidas pelo PÚBLICO, o Governo considera que a Igreja católica tem tido uma atitude "exemplar, sensata, prudente" perante o desenvolvimento da pandemia da covid-19. Sublinhando essa interpretação, o mesmo membro do Governo salientou o facto de a Conferência Episcopal Portuguesa ter suspendido as celebrações públicas católicas antes mesmo do fecho das escolas, por parte do Governo, e da declaração do estado de emergência, pelo Presidente da República.

"Podemos começar a encarar Maio de uma forma diferente daquela que temos vivido nos últimos dois meses", declarou Costa aos jornalistas, ressalvano que "este ainda não é momento para o país baixar a guarda".

O PÚBLICO sabe que a decisão de que as celebrações do 13 de Maio deste ano respeitarem os cuidados de contágio da pandemia partiu da hierarquia da Igreja católica portuguesa. Aliás, o problema de Fátima nem sequer foi seriamente falado na reunião que, ontem de manhã, o primeiro-ministro, António Costa, manteve com o cardeal-patriarca de Lisboa, Manuel Clemente. A hierarquia católica segue, assim, o exemplo do Papa Francisco que na Sexta-feira Santa, a mais simbólica cerimónia católica, recriou sozinho a Via Sacra.

Na conversa entre Manuel Clemente e António Costa, o assunto central foi a necessidade de começar a abrir os locais de culto católico, as igrejas e capelas, aos crentes. Ficou decidido que compete à hierarquia da Igreja católica ditar as regras e os momentos em que tal abertura se fará, respeitando, assim, o Estado a autonomia do culto religioso.

De acordo com as informações obtidas pelo PÚBLICO, a hierarquia católica está consciente do risco de contaminação que as celebrações religiosas podem trazer. Assim como está consciente de que a franja de população que inclui os grupos de maior risco constitui uma percentagem significativa daqueles que mais vão à missa.

Ainda que tendo consciência de quanto os católicos sentem falta das cerimónias presenciais nas capelas e igrejas, o cardeal-patriarca de Lisboa, chefe da Conferência Episcopal Portuguesa, deixou clara, no encontro com o primeiro-ministro, a intenção de articular com o Governo a abertura dos locais de culto católico.

Costa reuniu-se com o patriarca

sao.jose.almeida@publico.pt

Um mar livre de plásticos na ilha do Porto Santo

O projecto arranca em Setembro. Durante 18 meses toda a comunidade vai ser chamada a participar na batalha para reduzir drasticamente o uso de plástico na ilha que quer ser reserva da biosfera

Ambiente
Patrícia Carvalho

Foi como se tudo se conjugasse na perfeição. No ano passado, duas associações encontraram-se na ilha do Porto Santo no âmbito de um evento relacionado com o consumo sustentável de pescado realizado durante o Festival Rota do Atum. Pouco depois, entrava nos serviços da Unesco a candidatura do território à Rede Mundial de Reservas da Biosfera. E, numa ilha grega, a WWF – World Wide Fund for Nature desenvolvia um projecto para que aquele local pudesse tornar-se na primeira ilha do Mediterrâneo livre de plásticos. Foi a conjugação de tudo isto que permitiu que os actores, o *timing* e a experiência já desenvolvida se encontrassem, fazendo nascer o projecto Porto Santo Sem Lixo Marinho, que já tem financiamento garantido através do programa EEAGrants Ambiente, que em Portugal é gerido pelo Fundo Ambiental.

Não fosse a pandemia da covid-19 e este deveria ser o mês para que o projecto do consórcio que inclui a Associação Natureza Portugal, em associação com a WWF (ANP/WWF), enquanto promotora, a AIDGlobal – Acção e Integração para a Cidadania Global e organismos públicos locais estivesse no terreno. Assim, foi preciso rever o calendário e os 18 meses que a iniciativa deve durar só começam a contar a partir de Setembro.

É nessa altura que deverá arrancar a primeira das três fases do projecto, inspirado no trabalho desenvolvido pela WWF na ilha grega de Pharos. "Quisemos trazer para Portugal uma metodologia que a WWF tinha experimentado na Grécia, mas adaptada à realidade de Porto Santo, e, por isso, vamos começar por identificar os fluxos e descargas dos resíduos na ilha, porque é algo que achamos que ainda não está feito", diz Ângela Morgado, directora executiva da ANP/WWF.

Com este trabalho e a respectiva monitorização será possível perceber as fontes destes resíduos, quem os produz, qual a sua composição e como são geridos. E esta análise permitirá seguir para o segundo ponto na agenda do projecto: "A ideia é optimizar a recolha e gestão de resíduos plásticos. Com isto, pretendemos reduzir radicalmente o volume de plásticos descartáveis, de uso único, utilizados no Porto Santo, e gerir mais eficientemente aquele que vai continuar a ser utilizado", diz Sofia Lopes, gestora de projectos da AIDGlobal.

Para facilitar este trabalho, os responsáveis pelo projecto esperam contar com uma aplicação digital, a ser desenvolvida, que irá permitir identificar "os locais críticos de acumulação de resíduos e também os locais de recolha existentes", explica Sofia Lopes. "É muito importante que todos, moradores e visitantes, possam aceder e participar, ajudando a identificar os locais da ilha com mais concentração de plástico e estabelecendo assim uma comunicação em rede, entre entidades públicas e privadas, que torne possível uma recolha mais célere e eficaz", acrescenta.

Um dos passos que está já definido, para facilitar essa recolha, é a instalação no Porto Santo de uma máquina de entrega de garrafas de plástico, que dê a quem as deposite alguma forma de compensação, à semelhança do que já acontece em 23 grandes superfícies do continente, no âmbito de um projecto-piloto, financiado pelo Fundo Ambiental. Depois, será desenvolvido um plano de gestão comunitário para cinco anos que aposta na participação da comunidade. "Temos de envolver todos na criação deste plano de prevenção e sensibilização para a redução do lixo marinho. É preciso estabelecer conjuntamente metas para a redução do plástico. O objectivo é que haja um esforço conjunto", diz Sofia Lopes.

Juntar moradores e turistas

Da WWF Noruega virão pessoas que já participaram no projecto grego e que vão desenvolver *workshops* que ajudem a explicar como se atingem os objectivos propostos. Haverá seminários e muitas conversas para "dar directrizes e orientações para que a gestão dos resíduos se torne mais eficaz", explica Ângela Morgado.

A terceira e última fase aposta na redução efectiva e radical do uso de plásticos descartáveis. Está prevista uma forte acção de sensibilização e comunicação que chegue a todos os que vivem ou usufruam da ilha: moradores, empresários, pescadores, alunos e professores, operadores turísticos e visitantes. "Queremos uma campanha de comunicação que chegue a todo o público que visita Porto Santo. Os turistas contribuem para o fluxo de resíduos e por isso também eles têm de ser responsáveis pela redução de plásticos na natureza", defende Ângela Morgado.

Se as fases iniciais estarão, sobretudo, nas mãos dos parceiros institucionais do consórcio, – a Águas e Resíduos da Madeira, a Câmara Municipal do Porto Santo e a Agência Regional para o Desenvolvimento da Investigação, Tecnologia e Inovação – a campanha de sensibilização e de educação será da responsabilidade da AIDGlobal, que já desenvolve há três anos no arquipélago o projecto Educar para Cooperar – Porto Santo e Madeira, muito voltado para o desenvolvimento sustentável, a cooperação e os direitos humanos. A campanha de comunicação terá como principal promotora a ANP/WWF.

A preparar a chegada do projecto ao terreno, Sofia Lopes já tem na cabeça algumas das formas de como a comunidade de uma ilha que quer ser reserva da bioesfera poderá ser cativada. "Queremos criar um selo de qualidade Porto Santo Sem Plástico no Mar para hotéis e restaurantes. E vamos aumentar as brigadas de voluntários de recolha de lixo marinho, que já existe no âmbito da iniciativa Amigos do Mar. A praia é enorme e há muitos quilómetros a percorrer para a limpeza", refere.

No final de tudo isto, o nome do projecto será mesmo uma realidade? "Num território com esta dimensão como é a ilha do Porto Santo acredito que vamos conseguir reduzir muito a utilização de plástico de uso único", diz Ângela Morgado. A monitorização que se seguirá avaliará o sucesso da iniciativa.

patricia.carvalho@publico.pt

DANIEL ROCHA

Haverá um selo de qualidade Porto Santo Sem Plástico no Mar

Portugal utilizou pouco os fundos europeus para a acção climática

Alterações climáticas
Patrícia Carvalho

Realidade não difere da dos restantes Estados-membros. Novo ciclo de fundos deve trazer realidade diferente, pedem associações

Os países da União Europeia recorreram muito pouco aos fundos que esta disponibilizou para intervenções relacionadas com a acção climática. Em média, os Estados-membros mobilizaram apenas 9,7% dos Fundos de Coesão e Desenvolvimento Regional da UE destinados a financiar, no período 2014-2020, infra-estruturas de energia limpa. Portugal saiu-se bem na utilização dos fundos destinados a infra-estruturas públicas, mas só utilizou 7,7% dos fundos no investimento em energias renováveis, eficiência energética e em investigação e inovação que tinha à disposição, diz um relatório agora divulgado.

O relatório *Climate and energy transition: the untapped potential of EU funds* (*Transição climática e energética: o potencial inexplorado dos fundos da UE*), feito no âmbito do projecto Life Unify, que congrega várias associações europeias com o objectivo de ajudar os Estados-membros a realizarem a transição energética, conclui que estes têm sido "lentos em apoiar os seus compromissos climáticos com os fundos europeus", sintetiza, em comunicado, a Zero, a representante portuguesa do projecto.

Na análise feita à utilização de fundos por parte dos 27 Estados-membros, Portugal aparece como aquele que utilizou a maior percentagem da verba destinada a investimento nas infra-estruturas públicas – cerca de 85% dos fundos –, mas isto não impede que a avaliação final aponte para uma "reduzida" utilização dos apoios europeus, já que quando se olha para o outro prato da balança – os fundos destinados a investimento em energias renováveis, eficiência energética e em investigação e inovação – não fomos além de uma utilização de 7,7% do valor disponível.

Filipa Alves, da associação ambientalista Zero, encontra razões para o país, e os restantes Estados-membros, estarem a usar muito pouco estas verbas. "Muitos destes fundos começaram em 2014, numa altura em que estávamos a começar a ter mais fenómenos extremos na Europa e em que ainda não estávamos tão cientes que as mudanças climáticas estavam a começar a bater à nossa porta", diz. Além disso, lembra, atravessámos no período analisado a grave crise económica e financeira. "E nessa altura estávamos a pensar noutro tipo de problemas, mais relacionados com a subsistência", acrescenta.

Hoje, o desejo dos que integram a Life Unify é que a utilização dos fundos que estarão disponíveis no período 2021-2027 possa ser muito diferente da que agora foi conhecida. E até a actual situação atípica causada pela pandemia de covid-19 pode contribuir para isso, argumenta a responsável da Zero. "Os países têm de perceber que este é o momento de apostar, porque a acção climática traz muito emprego", defende Filipa Alves.

E, por isso, a Zero e Rede Europeia da Acção Climática (CAN Europa), que coordena o projecto Life Unify, querem que o orçamento da UE para 2021-2027 dedique 40% do seu valor à acção climática. E Portugal, defendem, terá mesmo de investir mais nas energia renováveis, na mobilidade eléctrica, na economia circular e na adaptação às alterações climáticas. A começar pelos municípios e comunidades intermunicipais que, segundo o relatório agora apresentado, "devem estar no lugar do condutor das medidas de mitigação e adaptação às alterações climáticas, na transição para economias sustentáveis".

patricia.carvalho@publico.pt

País deve investir mais em energias renováveis

Médicos e enfermeiros não recebem já aumento da função pública

Saúde
Ana Henriques e Sónia Trigueirão

Tutela não explica por que razão não foi possível "parametrizar" o sistema informático a tempo. Sindicatos estão indignados

MANUEL ROBERTO

Sindicato dos enfermeiros diz que a situação é "inadmissível"

Os profissionais de saúde não vão receber o aumento de 0,3% que vai começar a ser pago a todos os funcionários públicos já este mês. Quando hoje verificarem os recibos de vencimento, médicos, enfermeiros e auxiliares, entre outros, vão reparar que receberão um valor idêntico aos meses anteriores por o Ministério da Saúde não ter conseguido parametrizar o sistema informático a tempo dos pagamentos de Abril. O aumento apenas será pago a partir de Maio.

Questionado pelo PÚBLICO, o Ministério da Saúde confirma-o, embora sem explicar os motivos pelos quais não conseguiu preparar tudo a tempo: "O pagamento em Abril depende das circunstâncias concretas de cada área. No Ministério da Saúde não foi possível efectuar a parametrização dos sistemas informáticos no corrente mês. O processamento ocorrerá no próximo mês, com efeitos a Janeiro."

O sistema informático é gerido pelos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde, entidade que apenas informa que está a avaliar a situação, remetendo para mais tarde uma justificação para o sucedido.

Para Emanuel Boieiro, dirigente do Sindicato dos Enfermeiros, a situação não é aceitável. "É inadmissível que quem está na linha da frente do combate à pandemia seja prejudicado", afirma. "Já não basta que o aumento seja miserável, ainda têm de esperar pelos 0,3% no próximo mês." No mesmo sentido vai a reacção de Guadalupe Simões, do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, que lembra todos os problemas com que os enfermeiros já se confrontam ao nível dos baixos salários e longos horários de trabalho. "Batem-nos palmas e dizem-nos que somos importantes, mas não nos vão pagar a tempo a miséria de um aumento salarial de dois euros mensais", diz.

Já a líder da Associação Sindical Portuguesa dos Enfermeiros, Lúcia Leite, explica que as parametrizações de salários na Saúde são uma operação complexa, por causa dos turnos que muitos destes profissionais fazem, razão pela qual já não é a primeira vez que sucedem problemas deste género. Mas também lamenta terem sido uma vez mais prejudicados aqueles que estão neste momento na linha da frente do combate à pandemia.

Noel Carrilho, o novo presidente da Federação Nacional dos Médicos, prefere, por seu turno, recorrer à ironia para desvalorizar o atraso: "Trata-se de um aumento quase homeopático. O que é grave é ser preciso estar com muita atenção para se dar por ele, uma vez que não passa dos 0,3%." Para Jorge Roque da Cunha, do Sindicato Independente dos Médicos (SIM), "a incompetência do Ministério da Saúde, além de não proteger os profissionais, vê-se nas pequenas coisas". "Ao contrário do que se passa noutros países, como na Alemanha e em França, em Portugal persiste-se no erro do distanciamento e na falta de consideração pelos profissionais de Saúde", lamenta.

Os funcionários públicos começaram ontem a receber os salários de Abril com os aumentos de 0,3% para a generalidade dos trabalhadores e de dez euros para as remunerações inferiores a 700 euros, com retroactivos a Janeiro. E de facto, na sexta-feira, uma fonte oficial do Ministério da Administração Pública já tinha admitido à Lusa que poderiam existir serviços que não iriam conseguir pagar as actualizações ainda em Abril. "As actualizações salariais já começaram a ser processadas em Abril. No entanto, esse pagamento dependerá da capacidade dos serviços e do momento em que estes processam os respectivos salários", afirmou fonte oficial do Ministério da Modernização do Estado e da Administração Pública. "Em todo o caso, os aumentos serão retroactivos a Janeiro de 2020", acrescentou.

Os funcionários públicos não recebem todos no mesmo dia. De acordo com a Lusa, os salários da função pública começam a ser pagos ao dia 20 de cada mês e os primeiros a receber são os trabalhadores da Presidência do Conselho de Ministros, dos ministérios das Finanças, da Defesa Nacional, do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, da Cultura, dos Negócios Estrangeiros e da Modernização do Estado e da Administração Pública, segundo o despacho que define as datas de pagamento.

O despacho do IGCP – Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública define que no dia 21 (hoje) são pagos os salários dos ministérios da Administração Interna, Justiça e Saúde e, no dia seguinte, os da Economia e da Transição Digital, Planeamento e das Infra-estruturas e da Habitação.

Os últimos a receber, no dia 23 (na quarta-feira), são os trabalhadores dos ministérios da Educação, da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, do Ambiente e da Acção Climática, da Coesão Territorial, da Agricultura e do Mar.

ana.henriques@publico.pt
sonia.trigueirao@publico.pt

Há muito que há isolamento nas aldeias. Agora soma-se o medo

Autarquias multiplicam redes de apoio para reduzir deslocações nas aldeias. Aqueles que podem cuidar dos terrenos fogem aos constrangimentos de ficarem encerrados em casa – mas não verem os netos é difícil

Interior
Daniel Dias

“Aqui nas aldeias do interior, costumamos brincar e dizer que já estamos habituados a passar o ano inteiro em isolamento.” Fernanda Esteves, presidente da Junta de Freguesia de Sortelha, conversa com uma serenidade que atenua e disfarça as preocupações dos últimos tempos. Há quatro semanas, a autarquia começou a pedir aos seus pouco mais de 400 residentes para limitar rigorosamente as deslocações. Para “as respostas em termos das necessidades imediatas”, apenas o minimercado e a padaria continuam com as portas abertas. De resto, a sueca no café depois do almoço ou as caricas pelo fim da tarde tiveram de ficar para depois. Um cenário que, eventualmente, podia agravar a solidão daqueles que vivem longe dos grandes centros do país, mas que, garante a comunidade, tem sido combatido “com muita entreajuda”.

“A vantagem de estar aqui em vez de na cidade é que posso ficar sozinho no meu terreno à vontade. E depois ainda há outra coisa importante: de vez em quando, temos alguma liberdade para sair porque o mais provável é não nos cruzarmos com ninguém na rua. Regra geral, as aldeias estão completamente desertas.” Por estes dias, aos 69 anos, Luís Paulo tenta “não passear muito”. A propriedade que tem “a caminho de Belmonte”, “a uns cinco quilómetros de casa”, transformou-se no destino quase exclusivo sempre que entra no carro. É uma viagem relativamente segura, até porque, conta ao PÚBLICO, não faz nenhuma paragem desnecessária. Fora isso, é comprar medicamentos na farmácia, “sempre com a máscara no rosto”, e pouco mais.

Por agora, as conversas com os vizinhos acontecem a partir dos quintais. “Eles ficam nos cantos deles e eu no meu. Temos gente aqui em Sortelha com mais de 80 anos. O medo faz com que muitos não arrisquem sair de casa por nada”, explica. “De vez em quando, dá para perceber o nível de ansiedade que isto trouxe. Aliás, acho que depois do vírus vamos ter a segunda doença, que é a psicológica. As pessoas vão sair de casa muito afectadas. Aí é capaz de ser ainda pior.”

ADRIANO MIRANDA

A solidão faz parte da vida das aldeias há muito tempo mas a Páscoa sem a família foi um rude golpe

“O medo é inescapável. Somos bombardeados com notícias todos os dias e, como é óbvio, as pessoas ficam mais tensas quando ouvem que os idosos são mais vulneráveis. Mas, enquanto não tivermos nenhum registo de casos confirmados aqui, conseguimos ficar mais ou menos sossegados”, frisa José da Conceição Lopes, presidente da Junta de Freguesia de Piódão, do concelho de Arganil. O autarca explica que, apesar de “esta situação ter, evidentemente, contornos muitos específicos”, os moradores da aldeia passarem a esmagadora maioria do tempo dentro de casa não é “algo a que estejam desabituados”. Para além disso, sublinha, o espírito de “solidariedade” tem sido fundamental para a comunidade responder aos desafios levantados pela crise sanitária. “Isto aqui é como uma família. Toda a gente conhece e ajuda toda a gente.”

> “O mais provável é não nos cruzarmos com ninguém na rua. Regra geral, as aldeias estão desertas”

Para já, avança, tem sido possível manter “alguma ordem”. Todos os dias, o padeiro continua a poder passar com a carrinha de porta em porta e, uma vez por semana, “o homem da fruta também faz a ronda”. Por outro lado, a Câmara de Arganil criou uma “linha de apoio” para as aldeias do município. “As pessoas podem contar com a nossa ajuda se, por algum motivo, precisarem de se deslocar à mercearia ou à farmácia e não conseguirem. Nós trazemos até casa os bens de que necessitam”, salienta.

“Para os mais velhos, acho que foi muito difícil perceberem e lidarem com a ideia de que não iam poder passar a Páscoa com a família. Nós tentámos fazer a substituição possível.” Adelino Antunes de Almeida passou o último fim-de-semana a “percorrer as aldeias” e a “bater a todas as portas” da União das Freguesias de Cerdeira e Moura da Serra. Para o autarca, mais importante ainda do que distribuir por todos os munícipes “dez máscaras protectoras e um frasquinho de gel desinfectante” foi “conversar um pouco com as pessoas e tentar perceber como é que estavam”. “Às vezes, o que elas mais querem é só alguém com quem falar.”

A Casa do Povo de Cerdeira e Moura da Serra tem ajudado “muitos utentes que passavam grande parte do seu tempo em centros de dia e estão agora a receber apoio domiciliário”. Pelo meio, assinala Bruno Pinto, da direcção do projecto, “já encontrámos situações complicadas de gerir”. “Temos vindo a confeccionar refeições para um senhor que costumava passar o dia no lar onde a esposa está a ser acompanhada”, exemplifica. “As visitas foram suspensas há pouco mais de um mês e, sobretudo nestas circunstâncias, nem sempre é fácil fazer frente às saudades.”

A tristeza de não ver os netos

As saudades também já deixam marcas em Tarouca. “Os nossos mais velhos ficam muito tristes por não conseguirem ver e brincar com os netos”, observa José Damião Melo, vice-presidente da câmara. É através das videochamadas que “vão até casa dos filhos” e “encurtam distâncias”. “Sabemos que nada substitui os momentos que têm quando partilham o mesmo espaço com o resto da família, mas é muito importante e valioso terem algo para não se esquecerem da vida antes disto.”

De resto, o concelho de Viseu tenta viver com “o máximo de ‘normalidade’ dentro do nosso alcance”. “Muitas pessoas têm o seu pequeno jardim ou a sua agricultura doméstica aqui nas aldeias. Felizmente, nestes momentos, conseguem distrair-se um bocadinho.” Nas últimas semanas, o município também criou uma rede de entrega ao domicílio de bens alimentares de primeira necessidade para “aqueles que têm uma maior dificuldade de movimentação” – e por vezes, “até para os cãezinhos ou as galinhas trazemos alguma coisa”. “Os idosos ouviram com muita atenção as recomendações que lhes demos e agora até são os primeiros a fazer chamadas de atenção para os mais jovens”, reflecte José Damião Melo. “Aqui, sinto que devo mostrar o meu orgulho pela minha terra e por eles, porque estão a portar-se lindamente.”

Na freguesia de Sortelha, descreve Fernanda Esteves, as pessoas “já se organizaram” para a recolha dos seus medicamentos. “Elas passam os comprovativos das receitas ao nosso tesoureiro, que é o único taxista da aldeia, e ele vai lá buscá-los.” Perante a pandemia, a autarquia tem tentado multiplicar soluções para não desistir das medidas de apoio – e afugentar a solidão. “Como estamos numa zona pequenina, temos o contacto da maior parte dos habitantes. Às vezes, quando conversamos por telefone, eles falam-me do quão irreal este pesadelo parece e contam que mal podem esperar para podermos sair de casa novamente.” Nos dias menos bons, é esse desejo partilhado que traz algum conforto. “No fundo, lembramo-nos que, mesmo não podendo estar juntos, não deixamos de estar unidos.” **Texto editado por Ana Fernandes**

Tribunal de Contas chumba contrato para a recuperação de habitats na serra de São Mamede

Conservação da natureza
Carlos Dias

ICNF abriu concurso para intervenção no parque, mas exclusão de candidato por causa da assinatura digital mereceu críticas do TdC

Dúvidas suscitadas pelo júri sobre a validade de uma assinatura digital da sociedade Mata Verde – Estudos e Projetos, Ld.ª, um dos concorrentes ao concurso para a recuperação e valorização dos habitats naturais do Parque Natural da Serra de S. Mamede (PNSM), levaram à exclusão da sua candidatura. A proposta tinha apresentado o preço mais baixo, precisamente o principal critério de adjudicação. Agora, o Tribunal de Contas recusou o visto prévio ao contrato de adjudicação a assinar entre o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e um outro candidato, dizendo que as razões para afastar a Mata Verde não são válidas.

O relatório do Tribunal de Contas (TdC), a que o PÚBLICO teve acesso, refere que o júri do concurso alegou, em 19 de Outubro de 2019, que a descrição da assinatura digital apresentada pela sociedade excluída "não demonstrava a respectiva função e poder".

A sociedade Mata Verde tinha referido que, para efeitos de assinatura digital, o seu gerente, José Ramiro Cordeiro Rodrigues, "tem poderes bastantes para assinar electronicamente em nome e representação da sociedade". Para reforçar a sua argumentação, juntou à pronúncia uma declaração emitida pela entidade certificadora de assinaturas e certificados digitais, a DigitalSign, entidade que "afirma essa titularidade", reconhece o TdC. Na declaração emitida pela DigitalSign consta que o representante da sociedade Mata Verde – Estudos e Projetos, Ld.ª "poderá assinar em plataformas electrónicas de contratação, na qualidade de seu legal representante."

O TdC, a quem o ICNF remetera o contrato que adjudicara à empresa Florecha – Forest Solutions, SA, para efeitos de fiscalização prévia, considerou que a exclusão da Mata Verde "viola os princípios da legalidade, igualdade, justiça, imparcialidade e boa-fé." E acrescenta: a recusa de uma candidatura "exclusivamente por força de mera formalidade não-essencial" contraria o articulado do Código dos Contratos Públicos (CCP) no seu artigo 72.º ponto 3: "O júri deve solicitar aos candidatos e concorrentes que, no prazo máximo de cinco dias, procedam ao suprimento das irregularidades das suas propostas e candidaturas (...)"

No caso em apreço, verificou-se "a agravante de nem sequer ter sido concedido ao concorrente qualquer prazo para satisfazer a formalidade" que suscitou a exclusão da candidatura, sublinha o acórdão. Perante as conclusões subtraídas, o TdC decidiu "recusar o visto ao contrato".

Foram apresentadas a concurso quatro propostas e a da sociedade Mata Verde – Estudos e Projetos, Ld. ª inscreveu um preço contratual de 1.231.063 euros, inferior ao apresentado pela Florecha (que era a segunda com valor mais baixo, 1.299.318 euros) e que veio a ser seleccionada por ter o mais baixo preço das três que não foram excluídas.

Para o TdC, o impacto no resultado financeiro "é evidente", já que o preço contratual da proposta excluída "é inferior ao da proposta sobre a qual recaiu a adjudicação e o único critério de adjudicação era o preço, pelo que, a ser admitida, a proposta excluída seria a vencedora."

"Posições diferentes"

A sociedade Mata Verde intentou a impugnação do acto administrativo de exclusão da proposta por si apresentada e do acto de adjudicação da proposta apresentada pela Florecha contra o ICNF no Tribunal Administrativo de Círculo de Lisboa.

Nos esclarecimentos prestados ao PÚBLICO, o ICNF salienta que a questão suscitada pelo Tribunal de Contas no acórdão em causa "é apenas de ordem processual e não substantiva". Esta questão "decorre da existência de posições diferentes do TdC e do ICNF quanto à aplicação do enquadramento legal em matéria de assinaturas qualificadas e da vinculação das sociedades comerciais em procedimentos pré-contratuais", observa o ICNF, sublinhando que a decisão do TdC "não suscita questões de violação das regras da concorrência, nem de ilegalidade, nem de despesa pública." Mesmo assim, "não existe, nem existiu, qualquer execução material ou financeira desse contrato", diz o ICNF, acrescentando que "ainda está em prazo para recorrer dessa decisão", facto que justifica o seu propósito de "não tecer mais comentários."

"A ser admitida, a proposta excluída seria a vencedora", diz o Tribunal de Contas no seu acórdão

O objecto central do concurso do ICNF contempla a aquisição de serviços para "valorização dos habitats naturais" e aplicação de novas soluções de prevenção contra incêndios no Parque Natural da Serra de São Mamede (PNSSM), que se estende pelos concelhos de Arronches, Castelo de Vide, Marvão e Portalegre.

O parque natural foi profundamente afectado por vários incêndios em 2003, que destruíram um território com cerca de 10 mil hectares, preenchido na sua maioria por um coberto vegetal com grande diversidade de espécies autóctones. Neste momento assiste-se à regeneração natural numa área com cerca de 550 hectares, mas carecem de intervenção "cerca de 2465 hectares", refere o ICNF.

TIAGO MACHADO

O parque natural foi atingido por incêndios e são necessárias intervenções em boa parte do seu território

Passes que expiraram são válidos até Junho

Lisboa

Passa a ser possível, em qualquer caixa automática da rede Multibanco, carregar passes em cartões Lisboa Viva expirados

Os cartões de transporte público Lisboa Viva que expiraram a validade após 23 de Fevereiro mantêm-se válidos "até Junho", podendo ser carregados em toda a rede Multibanco, anunciou ontem a OTLIS – Operadores de Transportes de Lisboa.

A decisão de estender o prazo de validade dos cartões tem em conta as medidas restritivas de circulação dos cidadãos, no âmbito do estado de emergência devido à pandemia da covid-19, com o objectivo de "reduzir ao máximo as deslocações aos locais de atendimento dos operadores".

"Assegura-se deste modo um prazo mais alargado para que os portadores de cartões Lisboa Viva possam programar atempadamente a emissão de um novo cartão", afirmou a OTLIS, em comunicado, indicando que os utentes podem fazê-lo através do portal *online* Viva ou do agendamento nos operadores de transporte que continuam a prestar este serviço.

O prolongamento do período de validade aplica-se a cartões Lisboa Viva que expiraram após o dia 23 de Fevereiro, referiu a OTLIS, adiantando que esta extensão é "válida até Junho". Com a implementação desta medida, "passa a ser possível, em qualquer caixa automática da rede Multibanco, carregar passes em cartões Lisboa Viva expirados, seja esta expiração a de validade do cartão ou a do seu perfil, nomeadamente social+, 4_18 ou sub23", informou a OTLIS.

O carregamento dos cartões pode ser feito nas máquinas automáticas do Metropolitano de Lisboa e no portal Viva, mas esta funcionalidade está "limitada à validade dos cartões, não abrangendo assim a validade dos perfis social+, 4_18 ou sub23".

A 7 de Abril, a Área Metropolitana de Lisboa (AML) anunciou que os cartões Lisboa Viva que perderam a validade após o dia 23 de Fevereiro vão continuar a poder ser carregados nas máquinas automáticas do metro e no site durante o estado de emergência. **Lusa**

"Turismo vai ter de se adaptar se quiser voltar a ter clientes"

Mário Ferreira Líder de um grupo de cruzeiros de mar e rio, fez testes de stress financeiro à empresa e concluiu que aguenta durante cerca de um ano uma eventual paragem total dos seus barcos

Entrevista
Cristina Ferreira

O dono do grupo Mystic Invest, empresa de cruzeiros de mar e de rio e de hotéis, Mário Ferreira, antecipa alterações no sector do turismo: as pessoas com mais de 60 anos vão deixar de viajar para fora; haverá uma queda dos preços e das taxas de ocupação, pelo menos nos próximos dois anos; mas o alojamento local vai crescer.

Em 2019, o grupo teve uma facturação na área do turismo de 127 milhões que beneficiou da actividade de cruzeiros fluviais nos grandes rios europeus e asiáticos, e agora no Amazonas, e que tem base na Alemanha onde, nos últimos dias, e depois de um interregno, recebeu novas reservas. Já os portugueses devem ser atraídos para os cruzeiros no Douro.

Quando é que tomou consciência do impacto que esta crise poderia ter na actividade da sua empresa o turismo?

No final de Fevereiro, houve logo a percepção de que alguma coisa de muito grave ia acontecer. E do meu ponto de vista, até foi tarde, porque, erradamente, não se olhou com a devida atenção para o que se estava a passar na China há pelo menos dois meses, talvez porque a quantidade de vítimas era pequena face aos seus mais de mil milhões de habitantes. Mas assim que em Itália os casos de infecção por covid-19 começaram a crescer exponencialmente, percebemos que estava descontrolada, e que o padrão de mortalidade era muito diferente do reportado pela China. O que se passou em Itália foi o sinal de alerta de que o vírus acabaria por espalhar-se pelo resto da Europa, com uma população muito envelhecida.

Face a essa percepção, como é que o grupo se preparou?

Depois dos voos da China e para China terem sido interrompidos, no início de Março, os voos na Europa começaram também a ser cancelados e o sector do turismo a ressentir-se, e o negócio dos cruzeiros ia por arrastamento. E a 16 de Março o nosso grupo iniciava a actividade dos cruzeiros. Então, desenhámos um plano de contingência que ficou fechado na primeira semana de Março, já quando se mencionava que as fronteiras europeias podiam encerrar. E a 10 de Março fizemos uma projecção, em cenário de stress adverso, para perceber o que aconteceria à caixa e aos financiamentos se a facturação ficasse a zero entre 15 de Março de 2020 e 15 de Março de 2021.

E o que concluíram?

Chegámos à conclusão que, num quadro de facturação zero, até final de Dezembro deste ano, não teremos grandes problemas e conseguiremos, ainda que com algum esforço, aguentar a actividade do grupo Mystic Invest [turismo], isto, com os navios todos encostados e preparados para arrancar assim que necessário. Mas acredito que chegará ainda algum negócio e tudo o que for realizado até final do ano será uma mais-valia. No fundo, com o teste de stress, quisemos ter a certeza de que temos condições para manter a empresa, os cerca de mil postos de trabalho e garantir os meios para financiar os cinco investimentos em curso: um hotel com 120 quartos na ribeira de Gaia, 14 apartamentos no Porto e a construção de três navios nos Estaleiros de Viana do Castelo.

Já recorreu ao *layoff*?

Temos cerca de metade dos nossos funcionários em regime de *layoff*, fundamentalmente os que trabalham nos navios de cruzeiro. Na Alemanha, temos umas dezenas de colaboradores em tempo parcial com redução de 30% do horário de trabalho. E nos EUA, na Florida, quase todos os colaboradores passaram também a tempo parcial. E nos dois países estão em regime de teletrabalho.

> **Num quadro de facturação zero, até final de Dezembro deste ano, não teremos grandes problemas e conseguiremos, ainda que com algum esforço, aguentar a actividade**

Pediu acesso às linhas criadas pelo Governo para apoiar o sector empresarial?

Não, ainda não foi preciso. Mas pediremos se for necessário.

Está preocupado com o futuro do grupo?

Claro, mas fiquei com alguma confiança de que estamos preparados para aguentar durante cerca de um ano. E uma parte da nossa actividade, nomeadamente a que não está afecta à área hoteleira, continua a funcionar, nas áreas dos seguros, educação pré-escolar, imobiliária – parte já arrendada. Mas a prioridade é assegurar as encomendas de navios, que estão a garantir mais de mil postos de trabalho no Estaleiro de Viana do Castelo. Um desses navios, o que vai operar no rio Douro (*São Gabriel*) até já nos foi entregue e deveria começar a trabalhar a 1 de Abril, o que não aconteceu. O *World Voyager*, um paquete de 200 passageiros destinado ao mercado alemão e a percursos na Antártida e na Amazónia, deverá ser-nos entregue na última semana de Junho e deveria começar a operar na primeira semana de Julho, também não vai acontecer. Já o *World Navigator* só estará pronto em Março de 2021, é idêntico ao *World Voyager* e destina-se ao mercado dos EUA.

O ano está perdido para o

Leia a entrevista na íntegra em
www.publico.pt

PAULO PIMENTA

sector do turismo?
Mais ou menos. No nosso caso, ainda esperamos vir a ter algum negócio, relativo, claro, e sem a mesma força do passado, e mais orientado para os mercados europeus. Nomeadamente para o alemão, que não tem sido o nosso segmento mais importante. Vamos apostar ainda nos mercados suíço, austríaco, inglês e francês. E são eles que podem vir a compensar a perda dos clientes norte-americanos os que mais pesavam no nosso negócio. E vamos igualmente tentar atrair o mercado nacional para fazer férias no Douro.

Em que é que se baseia para estar tão optimista?
Nas duas últimas semanas, na Alemanha, onde temos uma das nossas operações, voltámos a ter reservas novas para Setembro e Outubro para cruzeiros nos rios Danúbio, Reno, Sena e Douro. E vou contar-lhe um episódio que se passou comigo recentemente. Recebi um telefonema de um amigo e cliente, um operador francês, para conversar sobre o que se está a passar no sector. Ele opera através de um navio que é fretado ao nosso grupo e contou que o negócio que perdeu até Junho está a ser protelado para a frente, e pediu-me um segundo navio para poder responder a essa oferta adiada. Então, vai tentar trabalhar em simultâneo com dois navios. E, portanto, quer fazer durante a metade da época o que habitualmente faz durante a época inteira.

Vai adoptar essa estratégia?
Sim, vou tentar fazer o mesmo. Não vai ser fácil, mas estou confiante que de Julho para a frente, até Novembro, possamos compensar as desistências dos clientes norte-americanos com outros que aceitem adiar as viagens e que acredito que sejam sobretudo europeus.

O negócio está muito dependente da aviação e dos clientes mais velhos, de risco. Isto não refreia o seu optimismo?
Temos de nos habituar a uma nova realidade e uma das realidades é a de perder o medo e passar a viajar com a máxima protecção.

Como avalia a actuação do Governo neste combate aos efeitos da crise pandémica no sector do turismo?
Esta situação é completamente nova e é cedo para avaliar seja o que for. É difícil dizer se está a fazer bem ou mal. Mas com a informação que disponho, parece-me que tem feito o que é possível. Tudo depende da abertura dos países. Mas o arranque da actividade turística dependerá muito dos mercados locais, do "faça férias cá dentro". Agora, também lhe digo: não é possível continuar com a economia parada, pois caso contrário não morreremos da doença, mas da cura. Não tenha dúvidas de que vai haver gente a passar mal por falta de condições económicas e só piora se este quadro se mantiver.

Há a sensação de que gestores e empresários estão a empurrar os governos para levantarem as restrições e a pressa pode colocar em risco a população.
Estamos numa realidade nova e mesmo que a vacina não apareça tão cedo quanto desejamos, o vírus vai continuar por aí e é impossível pensar que alguma economia do mundo pode aguentar paralisada.
Na China, o vírus continua por lá e eles estão a aprender a lidar com ele e conhecendo-o cada vez melhor. Quanto mais depressa a economia abrir, mesmo com restrições, mais depressa os problemas provocados na economia por esta pandemia serão ultrapassados e temos mesmo de começar a viver, a ir trabalhar, com todos os cuidados e ajustados a esta nova realidade.

> “Temos cerca de metade dos nossos funcionários em regime de *layoff*, fundamentalmente os que trabalham nos navios de cruzeiro
>
> Estamos numa realidade nova e, mesmo que a vacina não apareça tão cedo quanto desejamos, o vírus vai continuar por aí e é impossível pensar que alguma economia do mundo pode aguentar paralisada
>
> Em todos os sectores do turismo vai haver uma queda de preços, neste também, e tão cedo não se voltarão aos preços e às taxas de ocupação anteriores
>
> Os passageiros com mais de 60 anos terão, a partir de agora, maior receio em viajar

Sem vacina ou remédio quem é que vai arriscar ir ao restaurante, ao cinema, ao teatro?
Acredito que até ao final do ano haverá uma vacina contra a covid-19, que ajudará muito a normalizar a vida das pessoas e a trazer de volta confiança. A preocupação é como é que vamos actuar até lá e temos de aprender com os asiáticos e ganhar novos hábitos: passar a ter distanciamento, usar máscaras, andar sempre com desinfectante nos bolsos, lavar frequentemente as mãos. E o sector do turismo também vai ter de se adaptar se quiser voltar a ter clientes.

Como?
Olhe, no nosso negócio de cruzeiros, os clientes terão de ser sujeitos a testes rápidos, de sete a oito minutos, e só embarcam nos navios depois do resultado. Terá de haver cuidados semelhantes com os nossos trabalhadores e com grande frequência, diária. A bagagem antes de ser levada para o navio terá de ser também desinfectada. Não é tudo, mas são filtros. E terão de ser assinados protocolos com os hospitais e com o INEM, no caso das viagens pelo Douro. Os navios grandes já dispõem de um hospital, de médicos e de enfermeiros e de ventiladores.

O irmão pobre do turismo é o alojamento local, para o qual se prevê um grande tombo…
Vai ser o contrário. Vai haver um crescimento dessa actividade. O que é que uma família prefere? Ir para um *resort* com mais 200 pessoas, ou ir para uma casa simpática em ambiente controlado, desde que haja garantias de limpeza e de higiene? Parece-me óbvio, quer ir para a casa. É o que eu acho. Uma certeza tenho: em todos os sectores do turismo vai haver uma queda de preços, neste também, e tão cedo não se voltarão aos preços e às taxas de ocupação anteriores.

Esta pandemia vai obrigar a repensar a globalização que foi o motor da expansão e da democratização do turismo?
Discordo. Já tivemos outros casos semelhantes na China, como a gripe das aves, ainda que de menor gravidade. E embora na altura as viagens dos americanos e dos europeus tenham sido, na sua maioria, canceladas, dali a dois anos foram retomadas.
E até há bem pouco tempo o turismo para a Ásia crescia a dois dígitos. Sem dúvida que o negócio vai sofrer alterações, e uma delas é inevitável, os passageiros com mais de 60 anos terão, a partir de agora, maior receio em viajar. E, no sector dos cruzeiros, vão retrair-se em entrar nos grandes navios com cerca de cinco mil passageiros ou mais. Já os aviões quanto maiores melhor, pois terão mais espaço para garantir a distância necessária entre passageiros.

O preço das viagens de avião é que vai subir…
Talvez não. O preço do petróleo está a descer e a aviação vive muito do preço do combustível e com os aviões parados, este desce.
A actividade do turismo é resiliente, mas é óbvio que no curto prazo não se manterá com a mesma intensidade. Talvez daqui a ano e meio ou a dois anos, e no pressuposto de que haverá uma vacina, consiga recuperar.

Uma última pergunta: desistiu do negócio da TVI?
Sobre isso não falo.

cferreira@publico.pt

"Parece que estamos a rever a luta de libertação ao contrário"

Em Cabo Delgado, a Frelimo surge agora como a força da ocupação no lugar dos portugueses e os jovens jihadistas lutam contra a exploração, a corrupção e a arbitrariedade da elite local apoiada por um governo distante

Moçambique
António Rodrigues

Cabo Delgado é a mais pobre e a mais rica província de Moçambique, abundante em grafite, rubis, gás natural e desigualdade. Aí as grandes multinacionais exploram os recursos e a maioria da população vive na pobreza, sem acesso a educação, cuidados de saúde e empregos. Nem sequer se lhes permite cultivar a terra, expulsos das vastas extensões de território concessionado às empresas.

"Olhando para o mapa mineiro do Governo vê-se que tudo em Cabo Delgado que não é parque nacional foi entregue para mineração ou exploração. O reassentamento por causa do gás e dos rubis parou, porque não há terras agrícolas próximas para onde as pessoas possam ser mudadas", explica Joseph Hanlon, jornalista e investigador americano que há muitos anos reside em Moçambique.

Afungi, a zona do gás natural perto de Palma, no extremo norte do país, e Montepuez, a área dos melhores rubis do mundo no interior sul de Cabo Delgado, "são hoje mais pobres do que há uma década" e "milhares de jovens perderam os seus meios de subsistência", diz ao PÚBLICO Hanlon, que dirige o *Mozambique News Reports & Clippings*.

"A injustiça piorou com a chegada do *oil and gas*. A terra é mal paga, as pessoas são retiradas da sua terra sem pagamento justo", diz Yussuf Adam, professor de História na Universidade Eduardo Mondlane, que há muito estuda a situação em Cabo Delgado.

Os pregadores mais radicais perceberam que o ambiente era propício à fermentação das suas palavras: "Para dizer que a elite da Frelimo estava a apropriar-se da riqueza e que a liderança muçulmana fazia parte dessa elite ligada à Frelimo" e para "apresentar o fundamentalismo islâmico como mais igualitário", diz Hanlon.

"Toda a violência precisa" de "adoptar um discurso político mais coerente", afirma o sociólogo moçambicano Elísio Macamo, professor de Estudos Africanos na Universidade de Basileia. "Infelizmente, esse discurso é escolhido em função de narrativas localmente inteligíveis. Lá em Cabo Delgado o discurso integrista é o mais 'racional'", acrescenta.

Passada uma década de promessas do Governo moçambicano de que o gás traria riquezas para Moçambique e para a província, a população continua sem sentir melhorias na sua condição; antes pelo contrário, a corrupção grassa e as Forças de Defesa e Segurança (FDS) trazem mais temor do que defesa e segurança.

"Eu sempre digo que quando estou em Moçambique tenho mais medo da polícia e dos militares do que dos bandidos. Há, naturalmente, bons profissionais, mas dum modo geral as FDS conservaram o pior da cultura autoritária que a Frelimo revolucionária implantou", confessa Elísio Macamo.

"O mais triste e revoltante, porém, é o silêncio do Governo perante as constantes violações dos direitos humanos que membros dessas forças cometem. Nos últimos tempos têm circulado vídeos horríveis protagonizando essa indisciplina, mas o Presidente, o nosso comandante-chefe, não se sente convidado a vir a público dizer que esses agentes não representam a ética do Exército nacional. Ele prefere o silêncio cúmplice", acrescenta.

O silêncio ou "vazio comunicacional", como o PÚBLICO ouviu de várias fontes, vem definindo a posição do Presidente, Filipe Nyusi, e do Governo em relação à insurgência em Cabo Delgado. Desde o primeiro ataque em Mocímboa da Praia, a 5 de Outubro de 2017, Nyusi nunca falou directamente à população para explicar o que se estava a passar e o que o executivo e as FDS estavam a fazer para resolver o problema.

Silêncio

Onde o silêncio impera grassam os rumores, as invenções, os exageros e os limites entre a mentira e a verdade esbatem-se. E as pessoas sentem-se esquecidas na luta contra o grupo armado que já realizou mais de 300 ataques, matou mais de 700 pessoas e já fez, segundo disse recentemente o bispo de Pemba, D. Luiz Fernando Lisboa, em entrevista à Agência Ecclesia, mais de 200 mil deslocados internos.

"Nunca houve um comunicado oficial que abordasse o assunto de forma aberta, nós nunca tivemos por parte do Governo nenhuma reacção a dizer: 'Olhe, está-se a passar isso em Cabo Delgado...' Houve sempre uma tentativa de ocultar os factos, sempre naquela de que não vamos criar pânico. Até que a situação atingiu esta dimensão e, mesmo agora, não há realmente nenhum comunicado oficial sobre a situação", refere uma fonte que preferiu o anonimato.

Tirando referências avulsas, secundárias, em discursos sobre outros assuntos, Nyusi tem-se mantido calado sobre uma situação que ele próprio já reconheceu "pode comprometer" a soberania de Moçambique. Qual é a razão para esse silêncio?

"Essa é a grande pergunta que todo o moçambicano decente coloca", responde Elísio Macamo. "Por uma questão de respeito pelo povo que votou nele e pela Constituição que jurou defender, já devia, por iniciativa própria, ter feito uma comunicação à nação a explicar o que está a acontecer, o que ele está a fazer para proteger a integridade do país e como gostaria que todos os moçambicanos participassem nesse esforço."

Esse esquecimento, essa sensação de abandono, esse silêncio do poder central sobre a situação em Cabo Delgado levou ao nascimento da insurgência. "Como o Estado e o Governo não têm uma estrutura dialogante com a população, esta foi-se revoltando", diz Yussuf Adam. "A Frelimo não fez, nos últimos 20 anos, uma limpeza, uma purificação de fileiras a sério."

"Jovens moçambicanos lutam por comida, casa, terra, dignidade e uma sociedade mais justa contra uma elite de moçambicanos que, acreditam, querem vê-los mortos. O islão passou a ser a bandeira a seguir; na sua busca, vêem o fundamentalismo islâmico

Fora algumas referências avulso, o Governo do presidente Nyusi tem-se m

História longa do Islão em Moçambique

As relações entre o Islão e os principais povos de Moçambique remontam ao século VIII, quando os muçulmanos invadiram a costa moçambicana, enquanto o comércio árabe chegou no século X, com a criação de emirados na costa da África Oriental. Com a criação do sultanato de Kilwa, no século XI, o islamismo passou a ser a principal religião da zona e Sofala transformou-se num dos grandes centros comerciais da costa de Moçambique. Só com a chegada dos portugueses, o catolicismo se tornou maioritário. Durante o Estado Novo, a Igreja Católica tinha privilégios e a oposição ao Islão só se aligeirou depois do início da luta de libertação, quando houve necessidade de evitar que os muçulmanos se aliassem à Frelimo. Hoje, a maioria dos 20% de muçulmanos que compõem os 26,4 milhões de habitantes de Cabo Delgado são sunitas, principalmente nascidos em Moçambique e descendentes de pessoas oriundas do sul da Ásia. Há também um pequeno número de imigrantes do Norte de África e do Médio Oriente. ***A.R.***

Como o Estado e o Governo não têm uma estrutura dialogante com a população, esta foi-se revoltando

Yussuf Adam
Professor de História na Universidade Eduardo Mondlane

ANTÓNIO SILVA/LUSA

...mantido calado sobre o que se passa em Cabo Delgado

como uma forma de recuperar a dignidade e remediar a sua pobreza", refere Hanlon.

Como explica Adam, "a presença de grupos islâmicos zangados com o Estado em Cabo Delgado é antiga". No tempo colonial, houve repressão e muitos foram mantidos presos em Ibo, Mantemue e outras ilhas desde 1964 até ao 25 de Abril. Depois da independência e até ao fim do período da Frelimo como partido único, marxista-leninista, a relação com as religiões manteve-se muito difícil, especialmente com o islamismo.

E mesmo que desde os anos 1990, aberto o país ao multipartidarismo, a Frelimo tenha feito de tudo para normalizar as relações entre os políticos e os líderes religiosos, a desconfiança da população em relação às elites locais nunca se perdeu, como nunca desapareceu a "vontade de recorrer à violência para se defenderem", diz Hanlon.

Yussuf Adam, que tem feito muito trabalho de campo na província, afirma que a opinião generalizada dentro das comunidades é que tudo isto é "culpa" do Governo e da Frelimo. "Os culpados são os chefes que roubam e só tratam de si e das suas famílias", que se associam com os madeireiros e comerciantes que dominam a exportação ilegal de madeira. "Os locais não têm empregos e quem ganha são os *maputecos*", o termo depreciativo usado para falar de quem é de Maputo.

"As ligações estreitas entre os negócios globais, legais e ilegais, e do gás à heroína beneficiam a elite, mas o dinheiro vai passando ao longo da cadeia em contratos e subcontratos e subornos a militares e polícias. No nível mais baixo, alguns funcionários públicos da Frelimo dos escalões inferiores ganham dinheiro suficiente para ser vistos pelos seus vizinhos como estando a viver melhor, mesmo quando continuam a ser relativamente pobres", diz Hanlon.

Islão mais puro

Da falta de perspectiva de futuro e da revolta, também contra os líderes da comunidade islâmica, que consideram cúmplices da situação difícil em que são obrigados a viver, nasceu um grupo formado por jovens radicais que se afastaram das mesquitas e passaram a reunir-se em espaços improvisados, defendendo um islão mais puro e mais radical.

Por isso se chamaram Ahlu Sunnah Wal-Jamaa, que significa "adeptos da tradição profética e da congregação", por contraponto aos imãs de Mocímboa da Praia, que consideravam não estar a seguir a tradição do profeta. E, como eram jovens, chamaram-lhes Al-Shabab que é como se diz "jovens" em árabe, sem que isso significasse uma relação com o grupo islamista Al-Shabab da Somália.

Eram poucos a princípio, mas com condições propícias e um discurso de resgate da dignidade face a um poder que os menospreza, o seu número cresceu. "O recrutamento é fácil para os extremistas", explica Adam, porque "o Estado cria as condições para que possam recrutar" facilmente. E dá um exemplo recente.

Em Dezembro, as chuvas fortes e a falta de manutenção levaram à queda da ponte sobre o rio Montepuez, construída no tempo colonial, cortando a Estrada n.º 380, principal ligação asfaltada entre o Sul e o Norte de Cabo Delgado, e deixando isolados sete distritos: Meluco, Macomia, Muidumbe, Mueda, Nangade, Palma e Mocímboa da Praia.

A construção da nova ponte foi entregue "a dois comerciantes que nada sabem do assunto", afirma Adam, e toda a gente diz que "eles entregam aos chefes 30% do orçamento", ou seja, 30% do valor que o Estado paga pela obra vai para os bolsos de quem adjudicou a sua construção. E se fosse preciso mais um exemplo de como a estrutura do Estado na província está corroída, a queda, a 24 de Março, da ponte metálica provisória que lá foi posta serve de metáfora perfeita.

Os jihadistas usam a corrupção, a arbitrariedade e a repressão do Estado para legitimar a violência, reclamam a pureza das suas convicções contra a podridão das instituições e de quem as dirige – a Frelimo, o partido no poder desde a independência de Moçambique. E se começaram por aterrorizar, atacando a esmo, queimando, matando com requintes de crueldade (decapitações), agora estão mais selectivos nos alvos: atacam edifícios administrativos, bancos, o comércio, polícias e militares, evitando a população.

"Estão a seguir as tácticas da Renamo nos anos 1980 e da Frelimo nos anos 1960 – primeiro atemorizam as pessoas, para mostrar que são poderosos, a seguir tentam conseguir o seu apoio, atacando os seus inimigos", explica Hanlon. "A ocupação de Mocímboa, Quissanga, Bilibiza mostra um avanço", diz Adam, e "a tentativa de penetrar no planalto de Mueda é também significativa".

"Hoje parece que estamos a rever a luta de libertação ao contrário. A Frelimo ocupou Mueda, o sítio dos portugueses. E os Al-Shabab ocuparam as aldeias, as baixas, os locais ideais para se esconder", refere Yussuf Adam.

"A história importa e é uma presença viva em Cabo Delgado. Alberto Chipande disparou o primeiro tiro da luta pela independência a 25 de Setembro de 1964, em Chai, no distrito de Macomia, em Cabo Delgado", afirma Hanlon; agora "Chai e Macomia estão no centro de uma nova guerra civil".

Jovens moçambicanos lutam por uma sociedade mais justa, contra uma elite que, acreditam, quer vê-los mortos. O islão passou a ser a bandeira a seguir

Joseph Hanlon
Director do *Mozambique News Reports & Clippings*

Adam e Hanlon até partilham a opinião de que o jihadismo, a *sharia* e a construção de um Estado islâmico em Cabo Delgado é uma ilusão, apenas um discurso coerente que serve como relações públicas da causa. Nas palavras de Adam, "a conotação religiosa ou étnica é uma camada de fumo. Há mwanis, macondes, angonos, etc., envolvidos na insurgência. Há cristãos, católicos, muçulmanos, protestantes e mesmo animistas", ou seja, está muito para lá de uma questão religiosa, é uma revolta armada contra a injustiça.

"O primeiro tiro da nova guerra civil", escreve o director do *Mozambique News Reports & Clippings*, "foi cuidadosamente escolhido." O 4 de Outubro é feriado, aniversário dos acordos de paz de 1992, que puseram fim à guerra civil entre a Frelimo e a Renamo. Quando o grupo atacou Mocímboa da Praia no dia seguinte, "a maioria dos soldados estava fora, num comício da Frelimo em Pemba".

O grupo usou o ataque como publicidade para recrutar novos membros, estendendo-se além de Mocímboa para norte até à Tanzânia e para a sul até a zonas pobres da costa de Nampula. Também engrossaram as suas fileiras muitos garimpeiros expulsos com violência pela Montepuez Rubi Mining, a empresa que conseguiu em 2011 a concessão exclusiva da exploração de rubis e que está ligada a altas figuras da Frelimo, nomeadamente o filho do primeiro Presidente do país, Samora Machel Júnior.

"Têm capacidade para mobilizar gente e estão a usar o campo de Ruárua para treinar jovens e crianças", adianta Yussuf Adam, e já ocupam uma zona libertada que vai de Mucojo, distrito de Macomia, a Mbau, distrito de Mocímboa da Praia, e daqui para o centro, até Magaia, distrito de Muidumbe.

Desde o primeiro ataque até agora, o movimento cresceu, ganhou apoios junto da população, acumulou experiência para melhor atacar os seus alvos e melhor se defender das acções das FDS. Como explica Hanlon, "os militantes criaram uma rede de inteligência através das famílias, dando-lhes telemóveis e algum dinheiro para que informem sobre o movimento dos soldados". Os comerciantes informam-nos de quando a tropa recebe o salário, para que sejam apanhados bêbados e eles movimentam-se ➜

com fardas iguais às da tropa para melhor passarem despercebidos.

"De acordo com as nossas fontes, o moral das tropas das FDS parece baixo, especialmente nas unidades regulares do Exército", escrevem Saide Habibe, Salvador Forquilha e João Pereira em *Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique – O Caso de Mocímboa da Praia*, publicado pelo Instituto de Estudos Sociais e Económicos. "O cansaço causado pelos ataques armados do grupo dos Al-Shabab, os problemas logísticos e a sensação de que o Governo está a tratar os soldados de maneira injusta, especialmente no que diz respeito à alimentação e tempo de permanência no terreno, estão a causar frustração no seio das FDS. Os soldados estão irritados, porque não têm comida suficiente e nem assistência médica."

Os vários interlocutores com quem o PÚBLICO falou partilham a ideia de que a solução para o problema não é militar, terá de ser mais profunda dom que isso. "Terá de ser uma intervenção, primeiro, de curto prazo, sim, de carácter militar, para eliminar as células, mas tem de ser acompanhada de uma intervenção de longo prazo, estrutural, mais profunda, que resolva os problemas económicos, os problemas de distribuição de riqueza que existem no país", refere a mesma fonte que preferiu não se identificar. "Senão, corremos o risco de solucionar este problema a curto prazo, mas ele pode voltar a qualquer momento."

"É um projecto de longo prazo que nos convida a revermos a forma como o sistema político funciona", diz Elísio Macamo. "Precisamos de mais subsidiariedade sem que o Estado abdique da sua responsabilidade de garantir que haja mais justiça social na distribuição da riqueza do país."

O único problema é a própria Frelimo e o seu "instinto natural", quando se fala de "gestão do poder" que é o de "desconfiar de qualquer exercício de soberania". E o professor da Universidade de Basileia dá o exemplo da eleição do governador provincial, que deveria ter contribuído para uma maior delegação de poder: "Só que não, criou-se a figura do secretário de Estado nomeado pelo Presidente e esvaziou-se completamente o conteúdo democrático da eleição."

antonio.rodrigues@publico.pt

Desde os ataques, começaram as perseguições a muçulmanos

Yussuf Adam
Historiador

O Exército moçambicano "é o seu pior inimigo"

António Rodrigues

Dois anos e meio depois do começo da insurgência armada na província de Cabo Delgado, no Norte de Moçambique, as Forças de Defesa e Segurança (FDS) não conseguiram ainda dominar a revolta que já deixou para cima de 700 mortos e um número de deslocados superior a 200 mil. E cada dia que passa parecem mais longe de o conseguir fazer.

O grupo armado vem engrossando as fileiras com gente local e jihadistas estrangeiros, melhorou o seu arsenal e a sua rede de informadores, está mais ousada nos seus ataques. Enquanto isso, o moral das tropas vem-se deteriorando, por sentirem que não lhes dão as condições para enfrentar o inimigo e há relatos de deserções.

"Estamos cansados com esta situação que se vive em Mocímboa... Cada dia que passa temos menos logísticas nos acampamentos militares... Muitos de nós para comer temos de pedir nas comunidades... A nossa comida está a acabar nas mãos dos nossos comandantes. Dizem que temos bónus, mas esses bónus nunca chegaram aos soldados rasos", contava um militar aos investigadores Saide Habibe, Salvador Forquilha e João Pereira em *Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique – O Caso de Mocímboa da Praia*, publicado pelo Instituto de Estudos Sociais e Económicos.

"O Exército não pode ser melhor do que o ambiente geral", diz ao PÚBLICO o sociólogo moçambicano Elísio Macamo, professor de Estudos Africanos na Universidade de Basileia. "O esforço que é necessário para tornar o Exército operacional implicaria fazer o tipo de coisas que o Estado moçambicano até aqui não tem conseguido fazer, nomeadamente introduzir mais disciplina, mais cultura institucional, mais criatividade e saber acomodar aqueles que trazem conhecimento consigo. Não vejo mérito nenhum no adversário do nosso Exército, infelizmente, ele é o seu pior inimigo."

ANTÓNIO SILVA/LUSA

Soldados moçambicanos em Cabo Delgado

Quando alguém "é poupado pelos seus algozes que fazem o papel de Robin dos Bosques, sente-se aliviado e grato", diz Elísio Macamo

Depois de terem sido atacados em determinados postos avançados, os militares decidiram abandonar esses postos e consolidar as suas principais bases, diz o referido estudo, uma manobra que os protegeu, mas deixou as populações sem protecção, o que levou muita gente a fugir, aumentando o número de deslocados e o ressentimento dos cidadãos em relação aos soldados. "Além disso, o Exército e a polícia mostram alguma dificuldade em realizar operações militares à noite. Bem informado sobre os seus alvos, o grupo dos Al-Shabab lança a maioria dos seus ataques à noite e raramente enfrenta uma intervenção militar."

"Talvez por causa das especificidades da nossa história recente, o investimento num Exército funcional sempre enfrentou constrangimentos de vária ordem, a principal das quais foi sempre a necessidade de integrar homens dum partido armado", explica Macamo. "Razão pela qual se investiu mais na Unidade de Intervenção Rápida (UIR) que, contudo, não pode ser a resposta para uma insurgência desta natureza."

A presença maior do Exército e das unidades especiais da polícia (além da UIR, também o Grupo de Operações Especiais – GOE) não trouxe grandes vantagens, porque, como explica Joseph Hanlon, jornalista e investigador norte-americano que há muitos anos reside em Moçambique, "se tornou numa clássica operação antiguerrilha, em que grupos militares, de movimentos mais lentos, tentam capturar grupos de três ou quatro pessoas que se movem rapidamente e usam telemóveis para comunicar".

Ainda por cima, seja por frustração, retaliação, maldade ou cultura autoritária, os militares acabam por recorrer à violência contra as populações e "a violência da polícia e do Exército contra as comunidades tem um efeito de radicalização, fazendo crescer o apoio dos insurgentes", acrescenta Hanlon, director do *Mozambique Poli News Reports & Clippings*.

"Desde os ataques, começaram as perseguições a muçulmanos. Era quase proibido usar cofio, ter barba. Houve muitas prisões e abusos", denuncia Yussuf Adam, historiador, professor na Universidade Eduardo Mondlane – "temos dezenas de exemplos de maus tratos, torturas". Hanlon confirma: "Centenas de pessoas foram detidas no final de 2017 e princípio de 2018, mantidas presas durante meses e julgadas (ilegalmente) em segredo. Jornalistas também foram detidos e mantidos presos ilegalmente", afirma.

Como refere Adam, "uma estratégia de luta contra os extremistas tem de ter uma componente militar", mas esta, por si só, não chega e até se "pode tornar perigosa". O antigo Presidente Samora Machel "chegou a retirar quadros da frente do Niassa para Nachingwea [base da Frelimo na Tanzânia] porque se estavam a tornar bons matadores e torcionários".

Para Elísio Macamo, o apoio aos insurgentes "é a atitude real de quem não tem como se defender e se sente desprotegido". Quando alguém "é poupado pelos seus algozes que fazem o papel de Robin dos Bosques, sente-se aliviado e grato" e se a isso se junta "a indisciplina de alguns membros das FDS que, infelizmente, não têm nenhum respeito pelos civis e submetem-nos a maus tratos", acabamos num "círculo vicioso: os soldados sentem-se traídos pelas populações e submetem-nas a sevícias, estas, em reacção, tornam-se indiferentes e não colaboram".

É, por isso, que Hanlon defende que esta "crescente guerra civil não tem solução militar". Ao ser "alimentada por injustiças", não conseguirá romper o apoio da população aos insurgentes enquanto o Governo não reparar essas injustiças. E isso passa primeiro por assumir publicamente que existem e que pretende pôr-lhes cobro.

HANDOUT/EPA

O acordo prevê que Netanyahu chefie o Governo durante os próximos 18 meses

Netanyahu e Gantz assinam acordo de coligação

Israel
João Ruela Ribeiro

O Governo terá poderes de emergência para lidar com a crise do coronavírus e será chefiado de forma rotativa pelos dois

Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro em exercício em Israel, e o líder da aliança Azul e Branco, Benny Gantz, assinaram ontem um acordo para formar um Governo de coligação de emergência devido à propagação do novo coronavírus. O acordo põe um ponto final a um período de 17 meses, com três eleições, em que a política israelita esteve em clima de crise permanente, sem Governo e com o primeiro-ministro interino envolvido nas malhas da justiça.

O Governo será chefiado de forma rotativa entre Netanyahu e Gantz. Uma das exigências do líder da oposição era a de ser ele o primeiro chefe do executivo, mas será Netanyahu a manter-se no cargo que desempenha há uma década durante os próximos 18 meses.

"Evitámos umas quartas eleições. Iremos proteger a democracia", afirmou Gantz, através do Twitter, assim que o acordo foi anunciado. Já Netanyahu publicou apenas uma imagem da bandeira israelita.

É o culminar de um longo processo negocial e de três eleições legislativas no período de pouco mais de um ano em que o Likud, de Netanyahu, e a aliança Azul e Branco terminaram virtualmente empatados. As conversações estiveram bloqueadas por causa das divergências em relação ao mecanismo de nomeação dos juízes, uma matéria particularmente sensível para Netanyahu, que responde por três processos de corrupção. A possibilidade de que o Supremo Tribunal possa vir a decretar o afastamento de Netanyahu do cargo também preocupou o Likud, que receava que Gantz assumisse a chefia do Governo. Segundo o *Israel Times*, Gantz concordou que, nessa eventualidade, serão marcadas novas eleições.

Dilema de Gantz

A pressão para que Gantz aceitasse integrar um Governo de coligação com poderes de emergência vinha até do Presidente, Reuven Rivlin, que tinha encarregado o Parlamento de procurar uma coligação. Caso o período de 21 dias iniciado na semana passada terminasse sem que fosse fechado um acordo, Israel voltaria a ter eleições legislativas.

No entanto, Gantz também se viu confrontado com a erosão do apoio dentro do próprio partido, que encarou como uma quebra das promessas de campanha a aproximação a Netanyahu, acusado de corrupção em três processos judiciais. Durante as campanhas eleitorais, Gantz tinha prometido não entrar em Governos com políticos acusados de crimes e fez da luta contra a corrupção uma das principais bandeiras.

A propagação do coronavírus em Israel – onde, de acordo com os últimos dados, há 13.654 infectados e 173 mortos – veio mudar o cenário político. Netanyahu, que sofria uma forte reprovação por causa do envolvimento nos casos de corrupção, viu a sua popularidade aumentar por estar à frente do país numa altura de crise. Mas foi também criticado por algumas das medidas que começou por implementar, como a suspensão da actividade do Parlamento e a utilização dos dados de geolocalização dos cidadãos para seguir os movimentos de pessoas suspeitas de estarem infectadas ou de terem tido contacto com doentes que contraíram a covid-19.

No domingo à noite, cerca de duas mil pessoas concentraram-se na Praça Rabin, em Telavive, num protesto contra as medidas tomadas pelo Governo interino.

O grande desafio para o novo Governo israelita começa desde logo pela dúvida sobre se Netanyahu e Gantz irão conseguir superar a desconfiança que nutrem entre si, de forma a poderem trabalhar em conjunto.

joao.ruela@publico.pt

O regresso do eterno

Editado em França em 2016, premiado um ano depois em Angoulême, *O Homem Que Matou Lucky Luke* de Matthieu Bonhomme chegou finalmente a Portugal

Banda desenhada
José Marmeleira

Se há heróis que têm sobrevivido aos seus autores, são os da banda desenhada franco-belga. Asterix, Tif e Tondu, Blake e Mortimer, Alix, Spirou e Fantasio, Tenente Blueberry. Ei-los que reaparecem com outras roupagens, outros desenhos, sob a curiosidade e o juízo de velhos e novos leitores. Noutras obras.

Uma das mais celebradas foi finalmente traduzida para português, ao fim de quatro anos: *O Homem Que Matou Lucky Luke* de Matthieu Bonhomme (1973, França), com a chancela da editora A Seita.

Cheio de cores, este álbum de 64 páginas (premiado no Festival de Angoulême, em 2017) mantém o respeito pela personagem, mas leva-a para lugares diferentes, dá-lhe palavras nunca antes escritas. O humor não desapareceu, tornou-se apenas mais fino, quase silencioso. Já o *cowboy*, só por uma vez dispara mais depressa do que a sua sombra, enquanto os maus têm tempo para contar as suas histórias, isto é, as suas razões.

Não se pense que Bonhomme se desiludiu com o seu herói da infância. Na verdade, *O Homem Que Matou Lucky Luke* permanece uma carta de amor, endereçada à banda desenhada, ao *western* (com recortes do cinema) e, em especial, às tardes em que as pranchas, as vinhetas, os balões se animavam à voltam dos nossos dedos, antes do virar de cada página. Dito isto, não há sinais dos irmãos Dalton e de Rantanplan.

Da sua casa, em França, onde prepara o segundo livro do *cowboy*, Matthieu Bonhomme revela-nos a génese do álbum. "A ideia foi minha. Em 2010 fiz a proposta à editora com que trabalho, a Dargaud, que publica o Lucky Luke desde 1967, quando o Morris e o Goscinny foram trabalhar para a [revista semanal] *Pilote*. A primeira resposta foi negativa, mas à segunda tentativa acabaram por dizer que sim. Fiquei muito entusiasmado, percebi logo que tinha de encontrar uma história, uma ideia para o argumento. Fui anotando tudo o que me passava pela cabeça e lembrei-me do momento em que ele deixara de fumar."

Em 1988, se estão recordados, o cigarro desapareceu da personagem. Morris aceitou tornar a personagem mais saudável, menos disposta ao vício, decisão que lhe valeu uma distinção da Organização Mundial da Saúde. Sinal dos tempos que se avizinhavam. "Foi estranho para mim vê-lo a deixar de fumar. Deixara de ser um *cowboy*. Percebi que se tratava uma estratégia de marketing, mas foi como se o autor arrancasse o herói à sua vida real. E, para mim, durante muito tempo, o Lucky Luke foi real."

Em termos cronológicos, *O Homem Que Matou Lucky Luke* começa nesse intervalo, como se o herói estivesse a transformar-se, humanizando-se. A revelar, enfim, as suas fraquezas. "Uma das perguntas que fiz aos editores foi: até onde iria a minha liberdade? Responderam que podia fazer o que quisesse, que seria a minha visão. Perguntei-lhes logo se [o Lucky Luke] podia fumar e responderam que não [risos] Então, procurei imaginar o que o poderia ter levado a deixar os cigarros."

A sombra de um passado

Matthieu Bonhomme sorri do outro lado ecrã (a conversa fez-se por Skype) antes de confessar: "Fumei durante 15 anos, sei da dificuldade de deixar o tabaco, do stress, das mãos que tremem. Na história tentei sugerir um motivo pelo qual ele deixará esse hábito. Vai tendo cada vez dificuldades em fumar o seu cigarro. Há uma corrente de arte, a chuva, o galope do cavalo. Mas é mesmo um viciado."

Nas primeiras páginas, vemo-lo taciturno, debaixo da chuva, à procura de tabaco e, depois, a enrolá-lo, tenso e absorto na tarefa. Não conseguirá fumá-lo e raramente o veremos a disparar o seu revólver. Este já é outro Lucky Luke. Ainda um mito, mas imperfeito. Um herói afável que sorri pouco.

"Quis torná-lo o mais real possível. Quando [eu] era miúdo, ele era para mim real, um amigo, uma espécie de irmão mais velho. Conhecia alguns traços da sua personalidade, queria mostrar ao público quem ele era para mim. Um *cowboy* verdadeiro, tão importante na banda desenhada quanto aqueles que o Clint Eastwood interpretou no cinema. Um monumento do *western*, mas não um super-herói. Lida com o perigo, pode ser morto e é um homem solitário."

Com chancela da editora A Seita, a mais recente aventura do *cowboy* tem 64 páginas

Ouvir Matthieu Bonhomme levanos, num salto, para três vinhetas, das mais bonitas do álbum. A galope no seu *Jolly Jumper*, Lucky Luke foge de cinco miúdos que, excitados, o perseguem com perguntas. Representam os leitores (infantis e juvenis) das aventuras do *cowboy* e as suas inocentes interrogações resumem-se numa só: já mataste um homem, Lucky Luke? A réplica é ambígua e não se reproduzirá aqui, mas o autor deixa pistas. "No livro, há várias cenas que são piscadelas de olhos aos fãs do *western* no cinema. Essa resposta é uma citação directa de *Imperdoável* [de Clint Eastwood, realizado em 1992] e uma forma estranha de falar de morte. Nunca mais a esqueci", revela o autor.

"Há um ponto comum entre o meu Lucky Luke e o pistoleiro William 'Will' Munny que o Eastwood interpreta. Este sai do mito para ser um tipo real, com um passado muito sombrio, aterrorizador. Tento trazer isso para o livro. Quis tornar Lucky Luky um tipo perigoso. Quando os miúdos lhe perguntam se ele matou, repare que ele não responde não. E é curioso de notar que nos primeiros livros da personagem, nos anos 50, ele mata outras personagens, abate os irmãos Dalton."

Em *O Homem Que Matou Lucky Luke* há mortes, o prazer trágico das histórias, mas também as cores luminosas e vibrantes de banda desenhada franco-belga e, em particular, a sua

o cowboy

FOTOS: DR

utilização monocromática nas vinhetas para exprimir emoções e sentimentos e até a personalidade ou modo de aparecer das personagens (estratégia que Morris empregava amiúde).

"Trabalhei a cor para separar os contornos, recortar os desenhos, sublinhar o contraste entre dia e noite, o sol e chuva. Quis tornar a leitura dinâmica, fluente. Mas tem razão quando fala das cores como recurso para falar das personagens – por exemplo, o rosa aparece sempre associado à [personagem feminina] Laura Leggs. Quis trazer a impressão sedutora de um perfume. O vermelho, por outro lado, aparece nas cenas mais violentas. Mas também há outras cores importantes, o verde e o castanho, que são elementos de um certo tipo de *western*, que se situa em paisagens húmidas, no Norte."

Outro artista, o mesmo mito

Das cores volte-se ao enredo. Embora com tiroteios, mortes e a habitual cena de pancadaria no *saloon*, alguns vilões revelam-se afinal homens com histórias, circunstâncias. Há uma figura detestável (inspirada num filme de John Ford e num álbum do Tenente Blueberry de Jean-Michel Charlier e Jean Giraud), mas o duelo final contraria a habitual violência do género. "Sempre gostei, no cinema e na banda desenhada, de descobrir as personagens, de ser surpreendido por elas, de perceber que não há os bons e os maus, mas há pessoas que fazem coisas más. No álbum, há personagens assim, parecem más. Mas não para todos. A Laura Leggs, por exemplo, está sempre a contrariar essa ideia. Sabe que não são."

A história de *O Homem Que Matou Lucky Luke* inscreve-se no quadro mítico do *western*. O título cita um filme de John Ford e no interior há menções a outras obras do realizador de *A Desaparecida*, bem como a filmes de William A. Wellman, Lawrence Kasdan, Howard Hawks, Sergio Leone. Porquê a permanência deste fascínio pelo *western*? "Em França, representa um género à volta do qual as pessoas ainda se reúnem muito. Fala de experiências e ideias que considero muito importantes. A construção, a fundação de uma comunidade, a possibilidade de um recomeço, um mundo sem lei, a liberdade, a esperanças dos migrantes."

Quis torná-lo o mais real possível. Em miúdo, ele era para mim real, um amigo, uma espécie de irmão mais velho

Matthieu Bonhomme

Ao fazer o segundo álbum do *cowboy*, Matthieu Bonhomme passa a integrar o conjunto de autores que têm vindo a reinterpretar personagens famosas da banda desenhada franco-belga: Joann Sfar e Christophe Blain, Emile Bravo e Blutch. Como a destes autores, a sua abordagem pretende trazer algo de inédito a um universo construído ao longo de décadas, expandi-lo para lá dos fins comerciais e do legado construído por dezenas de álbuns. "Há duas maneiras de abordar uma série ou uma personagem como Lucky Luke. Uma é fazer a mesma coisa e para isso há desenhadores e argumentistas competentes. Uma parte do público gosta desse tipo de livros. Não lhe interessa os autores, mas sim as personagens. A outra perspectiva, que considero mais artística, é tentar algo novo. Não se trata de modernizar o que quer que seja. O Lucky Luke não tem nada de *old school*, o seu apelo é universal, mas quis poder experimentar. De algum modo, o que fiz não é muito diferente daquilo que vemos nos universos dos super-heróis ou do James Bond. A reacção dos leitores foi muito positiva. O Lucky Luke é uma personagem que mudou ao longo da história, não tem a carga mística de um Blueberry [o autor refere-se à crítica a francesa dividid na recepção de *Blueberry* de Joann Sfar e Christophe Blain]. As pessoas foram mais tolerantes [risos]."

Sobre o segundo volume Matthieu Bonhomme – que é também o criador das aventuras da personagem Esteban, traduzidas para várias línguas – aceitar desvelar alguns detalhes. "Posso dizer que será um *western* seco, quente. O cenário será outro, com outras personagens que não posso dizer quem são. Adianto apenas uma das perguntas que o livro deixará no ar: a quem pertence o *cowboy*? Ao autor, ao leitor, a outras personagens, a alguém que o ama, a alguém que o odeia? Porque afinal, ele continua a ser um mito."

Peter Beard, um fotógrafo selvagem

Obituário
Lucinda Canelas

Peter Beard 1938-2020

Fotografou vida selvagem em África, mas também escritores, músicos e artistas em Nova Iorque

RON GALELLA/GETTY IMAGES

Peter Beard estava desaparecido há 19 dias quando o seu corpo foi encontrado anteontem, já sem vida, na floresta de Montauk, em Long Island, a cerca de 200km do centro de Nova Iorque, a sua cidade. O fotógrafo, conhecido pelas imagens intimistas de África e pela irreverente vida pessoal, tinha 82 anos e sofria de demência.

Sempre apresentado como um dos mais singulares e aventureiros fotógrafos da vida selvagem, Beard passou mais de 50 anos a documentar o continente africano.

Nascido em 1938 em Nova Iorque, numa família abastada, Peter Beard estava destinado a ser um príncipe da alta-roda americana, com uma vida mais ou menos convencional.

Começou a fotografar na década de 1940, com uma Voigtländer que lhe ofereceu a avó. As imagens que fazia eram, depois, associadas a textos, recortes de jornais, bilhetes de cinema e de transportes, pedras e penas, folhas e flores, nos seus diários. Mais tarde, lembra o obituário agora publicado no jornal *The New York Times*, essa prática da colagem deu origem a obras de grande formato, em que o artista viria a misturar outros materiais, como terra e sangue, o de animais ou mesmo o seu.

Com um perfil de galã de cinema e uma carteira recheada, Beard chegou à Universidade de Yale em 1957 para estudar Medicina, mas acabou por sair de lá em 1961 licenciado em História de Arte.

África sempre

Em 1955, com apenas 17 anos, Peter Beard fizera a sua primeira viagem africana, fotografando intensamente, sobretudo fauna, na África do Sul, em Madagáscar e no Quénia. Em 1964-65 consolidou em definitivo o seu amor pelo continente quando passou meses a trabalhar no Parque Nacional de Tsavo, uma área protegida no Quénia e na Tanzânia. Foi lá que assistiu à morte de dezenas de milhares de animais devido à destruição do seu habitat. Mais de 35 mil elefantes e cinco mil rinocerontes, escreveria mais tarde naquele que viria a ser o seu livro mais popular, *The End of the Game* (1965), a obra que lhe valeu a reputação de grande fotógrafo da vida selvagem.

Foi nesse período que Beard comprou uma quinta a sudoeste de Nairobi. Com uma casa em Manhattan e outra em Montauk, o fotógrafo passava temporadas no Quénia. E mesmo já depois dos 70 anos, era conhecido por ficar até de madrugada nas discotecas da capital, lembra o *New York Times*, acrescentando que a sua vida privada, cheia de "drama, ousadia, perigo e romance", sempre foi, na realidade, pública. O que não é de estranhar para quem teve na sua lista de amigos Jacqueline Kennedy Onassis, Mick e Bianca Jagger, Andy Warhol, Truman Capote, David Bowie, Grace Jones ou Francis Bacon, que lhe pintou o retrato mais do que uma vez.

"O Peter redefiniu o que significa ser aberto: aberto a novas ideias, novos encontros, novas pessoas, novas maneiras de viver e de ser. Sempre insaciavelmente curioso, seguiu as suas paixões sem limitações e apreendeu a realidade através de uma lente única", pode ler-se num comunicado da família, divulgado ontem por jornais norte-americanos. "O Peter era um homem extraordinário que teve uma vida extraordinária."

[O Peter] morreu onde viveu – na natureza

Família, em comunicado

Beard retratou ainda amigos famosos com que dançava no Studio 54 e fez fotografia de moda para revistas como a *Elle* e a *Vogue*, tendo na sua longa lista de relações afectivas *top models*, incluindo Cheryl Tiegs, com quem se viria a casar. "A última coisa que resta na natureza é a beleza das mulheres , por isso sinto-me muito feliz por poder fotografá-la", disse no final dos anos 1990 ao britânico *The Observer*, o jornal que o definia assim: "Peter Beard – cavalheiro, socialite, artista, fotógrafo, *Lothario* [por referência a um personagem de Cervantes que era um grande sedutor, embora pouco escrupuloso], profeta, *playboy* e fã de drogas recreativas – é o último dos aventureiros." Peter Beard mostrou o seu trabalho a solo em exposições e em várias edições.

A casa onde o fotógrafo vivia com a mulher, Nejma Khanum, fica perto do Camp Hero State Park, a área protegida onde o seu corpo foi encontrado. A família concluía, assim, o comunicado em que deu conta da sua morte: "[O Peter] morreu onde viveu – na natureza."

lcanelas@publico.pt

Layoff do Global Media Group abrange 538 trabalhadores

Media
Luís Miguel Queirós

Sindicato solicita ao grupo que suspenda o *layoff* e aconselha jornalistas visados a irem trabalhar

O Global Media Group, proprietário do *JN*, do *DN*, d' *O Jogo*, do *Açoriano Oriental* e da rádio TSF, entre outras marcas, accionou ontem os mecanismos legais do *layoff* simplificado para, diz a administração do grupo em comunicado interno, "defender a sustentabilidade" da suas empresas e os seus "quase 700 postos de trabalhos directos".

Com duração de três meses, findos os quais a situação terá de ser reavaliada, a medida foi aplicada de forma diferente em cada empresa. Globalmente, haverá 84 funcionários em *layoff* total e 454 com reduções variáveis do horário de trabalho e correspondente penalização salarial. Destes últimos, cem integram o grupo da TSF, onde haverá quatro trabalhadores em *layoff* total, sofrendo os outros 96 uma redução média do horário laboral de 24,4%, noticiou a Lusa.

Os restantes 354 trabalhadores atingidos irão sofrer uma redução média de 26,1%. *N'O Jogo*, a medida abrange por igual os trabalhadores das redacções do Porto e de Lisboa, que terão todos um corte de um terço no horário e no salário. Já no *JN* e no *DN*, a medida foi aplicada caso a caso. O ex-director do *DN* Ferreira Fernandes já afirmara, ao demitir-se, que a redacção do *DN* seria das mais atingidas. No *JN*, as reduções oscilam entre um mínimo de 10% e um máximo de 100% nos casos de *layoff* total, soube o PÚBLICO.

No comunicado enviado ontem à tarde, a administração refere a "drástica redução das receitas, provocada por uma maciça redução do investimento publicitário e por uma violenta quebra das vendas de jornais e revistas, face ao confinamento generalizado da população", e lamenta a "tardia concretização das anunciadas medidas de apoio do Estado ao sector", cujo "critério de repartição", nota, "ainda nem sequer foi concertado com os parceiros da indústria".

O Sindicato dos Jornalistas (SJ) confirmou ao PÚBLICO já ter recebido as comunicações de *layoff* relativas ao *JN*, ao *DN*, a *O Jogo* e à TSF, documentação que está a analisar com os seus advogados para verificar se as medidas estão devidamente fundamentadas. Para já, o SJ detectou um possível problema no comunicado da administração aos delegados sindicais. "Queremos acreditar que seja erro, mas o grupo comunica o *layoff* com efeitos a 20 de Março", diz a presidente do sindicato, Sofia Branco.

Mas mesmo que tenha sido lapso, observa, "estão a comunicar aos seus trabalhadores com 12 horas de antecedência que não vão trabalhar no dia seguinte". Um prazo que "não cumpre os requisitos mínimos da decência", lamenta a presidente do SJ, que já aconselhou os trabalhadores do grupo a apresentarem-se amanhã ao trabalho. Argumentando que não houve uma audição dos delegados sindicais, como a lei exige, e que estes foram meramente informados das decisões da administração, o SJ já solicitou ao grupo "a suspensão imediata do *layoff*, até adequada e atempada formalização processual".

O PÚBLICO tentou ouvir Afonso Camões, membro da administração presidida por Daniel Proença de Carvalho, mas este escusou-se a fazer quaisquer comentários. Já as direcções do *JN* e d'*O Jogo* comentam o *layoff* nos respectivos editoriais, ao contrário do *DN*, em que o director interino, Leonídio Paulo Ferreira, escreveu no sábado um editorial que não lhe faz qualquer referência.

luis.miguel.queiros@publico.pt

FARMÁCIAS

Lisboa/Serviço Permanente
Avis (Av. Roma) - Av. Roma, 56 B-C - Tel. 218495370 **Grijó** (Beato) - Rua do Grilo, 25 - Tel. 218685264 **Simões** (Benfica - Cemitério) - Calçada do Tojal, 102 - A - Tel. 217649649 **Sousa Martins** - Rua Sousa Martins, 21-A - Tel. 213162468

Outras Localidades/Serviço Permanente
Abrantes - Ondalux **Alandroal** - Santiago Maior, Alandroalense **Albufeira** - Albufeira **Alcácer do Sal** - Alcacerense **Alcanena** - Correia Pinto **Alcobaça** - Holon Alcobaça **Alcochete** - Nunes, Póvoas (Samouco) **Alenquer** - Catarino **Aljustrel** - Pereira **Almada** - Atlântico (Cova da Piedade) **Almeirim** - Correia de Oliveira **Almodôvar** - Ramos **Alpiarça** - Gameiro **Alter do Chão** - Alter, Portugal (Chança) **Alvaiázere** - Ferreira da Gama, Castro Machado (Alvorge), Pacheco Pereira (Cabaços), Anubis (Maçãs D. Maria) **Alvito** - Nobre Sobrinho **Amadora** - D. João V, Dias e Brito **Ansião** - Medeiros (Avelar), Rego (Chão de Couce), Pires (Santiago da Guarda) **Arraiolos** - Misericórdia **Arronches** - Batista, Esperança (Esperança/Arronches) **Arruda dos Vinhos** - Da Misericórdia **Avis** - Nova de Aviz **Azambuja** - Nova, Peralta (Alcoentre), Ferreira Camilo (Manique do Intendente) **Barrancos** - Barranquense **Batalha** - Ferraz, Silva Fernandes (Golpilheira) **Beja** - Central **Belmonte** - Costa, Central (Caria) **Benavente** - Batista **Bombarral** - Hipodermia **Borba** - Carvalho Cortes **Cadaval** - Central **Caldas da Rainha** - Perdigão **Campo Maior** - Campo Maior **Cartaxo** - Central do Cartaxo **Cascais** - do Alto da Castelhana (Alcabideche), Alcoitão (Alcoitão), Grincho (Parede) **Castelo Branco** - Grave **Castelo de Vide** - Freixedas **Castro Verde** - Alentejana **Chamusca** - Bonfim, S. Pedro **Constância** - Vila Farma Constância, Carrasqueira (Montalvo) **Coruche** - Higiene **Covilhã** - São João **Cuba** - Da Misericórdia **Elvas** - Moutta **Entroncamento** - Carvalho **Estremoz** - Godinho **Évora** - Galeno **Faro** - Almeida, Da Penha **Ferreira do Alentejo** - Singa **Ferreira do Zêzere** - Graciosa, Soeiro, Moderna (Frazoeira/Ferreira do Zezere) **Figueiró dos Vinhos** - Campos (Aguda), Vidigal **Fronteira** - Vaz (Cabeço de Vide) **Fundão** - Sena Padez (Fatela) **Gavião** - Mendes (Belver), Gavião **Golegã** - Salgado **Grândola** - Costa **Idanha-a-Nova** - Andrade (Idanha A Nova) **Lagoa** - Vieira Santos (Estombar), Amparo Lagoa **Loulé** - Nobre Passos (Almancil), Avenida, Maria Paula (Quarteira) **Loures** - Santo António dos Cavaleiros **Lourinhã** - Quintans (Foz do Sousa), Liberal (Reguengo Grande) **Mação** - Catarino **Mafra** - Caré (Ericeira), Rolim (S. Cosme) **Marinha Grande** - Moderna **Marvão** - Roque Pinto **Mértola** - Pancada **Monchique** - Higya **Monforte** - Jardim **Montemor-o-Novo** - Novalentejo **Montijo** - Nova Circular **Mora** - Canelas Pais (Cabeção), Falcão, Central (Pavia) **Moura** - São Miguel **Mourão** - Central **Nazaré** - Ascenso, Maria Orlanda (Sitio da Nazaré) **Nisa** - Ferreira Pinto **Óbidos** - Vital (Amoreira/Óbidos), Senhora da Ajuda (Gaeiras), Oliveira **Odivelas** - Gonçalves, Universo (Caneças) **Oeiras** - Tercena (Tercena) **Oleiros** - Martins Gonçalves (Estreito - Oleiros), Garcia Guerra, Xavier Gomes (Orvalho-Oleiros) **Olhão** - Olhanense **Ourém** - Verdasca **Ourique** - Nova (Garvão), Ouriquense **Pedrógão Grande** - Baeta Rebelo **Penamacor** - Melo **Peniche** - Proença **Pombal** - Vilhena **Ponte de Sor** - Matos Fernandes **Portalegre** - Nova **Portel** - Fialho **Portimão** - Moderna **Porto de Mós** - Lopes **Proença-a-Nova** - Roda, Daniel de Matos (Sobreira Formosa) **Redondo** - Xavier da Cunha **Reguengos de Monsaraz** - Paulitos **Rio Maior** - Central **Salvaterra de Magos** - Martins **Santarém** - Verissimo **Santiago do Cacém** - Jerónimo **São Brás de Alportel** - São Brás **Sardoal** - Passarinho **Serpa** - Serpa Jardim **Sertã** - Farinha (Cernache do Bonjardim), Confiança **Sesimbra** - de Santana (Santana) **Setúbal** - Bocagiana, Portugal **Silves** - Sousa Coelho **Sines** - Atlântico, Monteiro Telhada (Porto Covo) **Sintra** - Caldeira, Fidalgo (Algueirão - Mem Martins), André (Queluz) **Sobral Monte Agraço** - Costa **Sousel** - Mendes Dordio (Cano), Andrade **Tavira** - Félix Franco **Tomar** - Misericórdia **Torres Novas** - Palmeira **Torres Vedras** - Quintela **Vendas Novas** - Santos Monteiro **Viana do Alentejo** - Nova **Vidigueira** - Pulido Suc. **Vila de Rei** - Silva Domingos **Vila Franca de Xira** - Central de Alverca (Alverca), César **Vila Nova da Barquinha** - Tente (Atalaia), Carvalho (Praia do Ribatejo), Barquinha **Vila Real de Santo António** - Carmo **Vila Velha de Rodão** - Pinto **Vila Viçosa** - Duarte **Alvito** - Baronia **Ansião** - Moniz Nogueira **Oeiras** - Nova de Carnaxide (Carnaxide) **Redondo** - Alentejo

FICAR

CINEMA

Cavalo Dinheiro
TVCine Edition, 11h20
Enquanto, a 25 de Abril de 1974, os capitães faziam a revolução, no bairro das Fontainhas o povo procurava Ventura. Hoje, demolido em nome do progresso, o bairro já não existe. Perdido num país assombrado pela Guerra Colonial, pela revolução e pela descolonização, Ventura revisita os seus fantasmas pessoais, que se vão moldando aos fantasmas de Portugal. *Cavalo Dinheiro* valeu a Pedro Costa o prémio de Melhor Realizador no Festival de Cinema de Locarno (Suíça), um dos muitos galardões que o filme viria a acumular.

No Vale de Elah
AXN, 14h21
Depois de regressar do Iraque, Mike Deerfield desaparece e é considerado desertor. O pai tenta encontrá-lo, com a ajuda de uma detective. Mas, à medida que o mistério se revela, tudo aquilo em que acreditava é posto em causa. Um filme de Paul Haggis, com Jonathan Tucker, Tommy Lee Jones (nomeado para o Óscar de Melhor Actor Principal), Susan Sarandon e Charlize Theron.

Um Dia de Cão
Fox Movies, 22h57
Em Agosto de 1972, um assalto a um banco de Brooklyn torna-se um autêntico *show* da vida real. Deveria durar apenas dez minutos. Mas, horas depois, os assaltantes ainda estão dentro do banco. A ideia do mentor, Sonny (Al Pacino), era conseguir dinheiro para que Leon (Chris Sarandon), o seu amante, pudesse fazer uma cirurgia de mudança de sexo. Realizado por Sidney Lumet, o filme foi nomeado para sete Óscares e ganhou um, de Melhor Argumento Original (Frank Pierson).

A Condessa de Hong Kong
RTP1, 00h14
Com Marlon Brando e Sophia Loren nos papéis principais, uma sátira à política norte-americana sob a forma de comédia romântica, com realização de Charlie Chaplin. É o seu único filme a cores. E foi o último que dirigiu e onde apareceu. Ogden Mears é um embaixador que regressa a casa, a bordo de um transatlântico, em direcção aos EUA, onde tem a esposa e a carreira à espera. Mas a descoberta de uma clandestina russa, escondida no seu camarote, muda-lhe os planos.

Televisão

lazer@publico.pt

Os mais vistos da TV
Domingo, 19

		%	Aud.	Share
Isto é Gozar com Quem...	SIC	16,4	26,1
Jornal da Noite	SIC	15,0	24,7
Primeiro Jornal	SIC	12,4	25,1
Jornal das 8	TVI	11,9	19,4
Mental Samurai	TVI	11,0	20,6

FONTE: CAEM

Canal	Share
RTP1	11,7%
RTP2	1,3
SIC	18,0
TVI	15,3
Cabo	37,9

RTP 1
6.30 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **13.00** Jornal da Tarde **14.30** Cuidado com a Língua! **14.53** Solteira e Boa Rapariga **15.19** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.08** O Preço Certo **19.59** Telejornal **21.00** Especial Estado de Emergência **21.41** Joker **22.32** Fabrico Internacional **22.52** David Attenborough e a Grande Barreira de Coral **23.45** Idiotas, Ponto **0.14** A Condessa de Hong Kong **2.08** Europa Minha **2.28** O Sábio

RTP 2
6.32 Repórter África - 2.ª Edição **7.00** Espaço Zig Zag **12.09** Vamos à Descoberta **12.37** A Mentira da Verdade **13.04** Os Daltons **13.19** A Ilha dos Desafios **13.41** Chovem Almôndegas **13.52** Folha de Sala **14.00** Sociedade Civil **15.03** A Fé dos Homens **15.37** Visita Guiada **16.06** O Outro Lado do Paraíso **17.00** Espaço Zig Zag **20.35** Merlí **21.30** Jornal 2 **22.04** Folha de Sala **22.11** Acredita, Faith **23.03** Nada Será como Dante **23.34** Com os Nervos em Franja **0.22** MãePaiFilho **1.21** Sociedade Civil **2.24** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **2.51** Euronews

SIC
6.00 Edição da Manhã **9.10** Alô Portugal **10.10** O Programa da Cristina **13.00** Primeiro Jornal **14.55** Amor Maior **16.15** Júlia **18.15** Amor à Vida **19.57** Jornal da Noite **21.55** Nazaré **22.30** Terra Brava **23.20** Amor de Mãe **0.20** Passadeira Vermelha **1.55** À Descoberta com... **2.50** Alô Portugal

TVI
6.00 Batanetes **7.00** Notícias **8.00** Diário da Manhã **10.10** Você na TV! **13.00** Jornal da Uma **14.52** Destinos Cruzados **16.15** A Tarde É Sua **18.07** Morangos com Açúcar **19.12** Ver p´ra Crer **19.57** Jornal das 8 **21.55** Quer o Destino **22.47** Na Corda Bamba **23.37** Casos da Vida: O amor não escolhe idades **1.32** 1000 à Hora **2.36** Chicago Fire **3.24** Mar de Paixão **4.08** Saber Amar

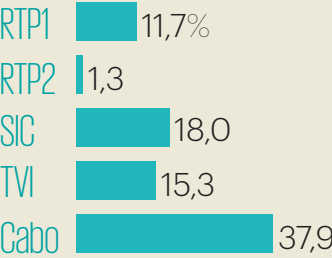
TVCINE TOP
9.15 Ralph vs. Internet (VP) **11.05** O Rapaz Que Queria Ser Rei **13.05** Backtrace - Rasto de Violência **14.40** Anna - Assassina Profissional **16.40** Brightburn - O Filho do Mal **18.15** A Maldição da Mulher Que Chora **19.50** Segredos do Passado **21.30** Extremamente Perverso, Escandalosamente Cruel e Vil **23.25** Guerra Sem Quartel **1.00** A Vingança de Lizzie Borden **2.50** Cinetendinha **3.00** A-X-L: Uma Amizade Extraordinária

FOX MOVIES
9.37 O Fugitivo **11.07** Esquece o Meu Passado **12.45** O Regresso de Ringo **14.18** Pistoleiro Profissional **16.03** Corre Homem Corre **18.00** Sartana, o Vingador **19.39** Um Homem, um Cavalo, uma Pistola **21.15** E Deus Disse a Caim **22.57** Um Dia de Cão **1.01** Irmão **2.48** Scarface - A Força do Poder

CANAL HOLLYWOOD
10.30 O Meu Nome É Alice **12.10** Visto do Céu **14.15** Step Up 5 - Todos Dançam **16.10** 6 Dias 7 Noites **17.50** Esquecido **19.55** Equipa Mortal **21.30** 10.000 AC **23.15** O Lobo de Wall Street **2.10** 13 Fantasmas **3.45** Ao Ritmo do Hip Hop 2

AXN
13.36 Mentes Criminosas **14.21** No Vale de Elah **16.17** Mystic River **18.39** Chicago Fire **20.14** Engana-me Que Eu Gosto **22.05** Como Defender Um Assassino **22.53** Como Defender Um Assassino **23.40** The Blacklist **0.29** The Blacklist **1.19** A Verdadeira História **2.56** Chicago Fire **4.23** Whiskey Cavalier

AXN MOVIES
14.20 O Livro de Eli **16.10** Uma Entrevista de Loucos **18.03** Dr. Dolittle 2 **19.32** Guarda-Costas de Segunda **21.15** Get a Job **22.40** Negócios de Ocasião **0.11** Companheiros de Copos **1.41** Step Up **3.18** Tempos Cruéis

AXN WHITE
13.15 Pan Am **14.02** 19ª Esposa **15.32** Fé Inabalável **16.58** A Caça ao Assassino de BTK **18.28** Aladino e a Lâmpada da Morte **19.56** Inesquecível **21.25** Pan Am **22.08** Uma Coroa Pelo Natal **23.36** Pan Am **0.21** Anna Nicole **1.49** A Teoria do Big Bang **2.55** Inesquecível **3.40** O Mentalista **5.10** Young Sheldon

FOX
10.32 Hawai Força Especial **11.57** Chicago P.D. **14.46** Investigação Criminal: Los Angeles **16.11** Hawai Força Especial **17.43** C.S.I. Miami **19.13** Investigação Criminal: Los Angeles **20.44** Hawai Força Especial **22.15** Magnum P.I. **23.05** Investigação Criminal: New Orleans **23.53** Hansel & Gretel: Caçadores de Bruxas **1.13** C.S.I. Miami

FOX LIFE
10.28 Corações Reais **11.54** Anatomia de Grey **13.19** Chicago Med **14.01** Lei & Ordem: Unidade Especial **14.44** Killing Your Daughter **16.14** Mommy's Secret **17.42** Killer in Law **19.12** Nora Roberts: Refém do Amor **20.46** Lei & Ordem: Unidade Especial **21.31** Chicago Med **22.20** Bull **0.01** The Missing Sister **1.28** Lei & Ordem: Unidade Especial **2.08** Anatomia de Grey **3.30** Chicago Med

DISNEY
15.00 A Irmã do Meio **15.47** Acampamento Kikiwaka **16.33** Coop & Cami **17.20** Star Contra as Forças do Mal **17.43** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.30** Os Green na Cidade Grande **19.15** Gravity Falls **20.05** Sadie Sparks **20.55** Bia **21.35** Coop & Cami

DISCOVERY
17.30 Alasca: A Última Fronteira **19.15** Expedição ao Passado **2.15** Desmontando o Cosmos **3.00** Segredos do Universo com Morgan Freeman **4.30** Guerra de Propriedades

HISTÓRIA
17.22 Alienígenas **19.27** A Maldição de Oak Island **20.50** Forjado no Fogo **1.02** Alienígenas, Edição Especial **1.45** Alienígenas **2.27** Jogos de Guerra **3.21** Maquinaria de Guerra **5.06** Gulag

ODISSEIA
18.23 The Explorers: a Partir do Céu **19.16** Clima Extremo Viral **19.59** Top 10 Combate **20.44** Engenharia Letal **23.00** The Weekly **23.26** Aviões Que Mudaram o Mundo **0.13** Engenharia Letal **0.59** The Weekly **1.25** Aviões Que Mudaram o Mundo **2.12** Top 10 Combate **2.57** Guerra de Drones **3.54** América do Norte Vista do Céu

SÉRIE

Como Defender Um Assassino
AXN, 22h05
Estreia, com episódio duplo, da sexta e última temporada do drama criminal protagonizado pela oscarizada Viola Davis. Tal como noutros títulos produzidos pelo império televisivo de Shonda Rhimes (*Anatomia de Grey*, *Clínica Privada*, *Scandal*...), o enredo é intenso e vive tanto dos ossos do ofício como dos problemas pessoais das personagens – neste caso, uma brilhante advogada de defesa, Annalise Keating, e o seu grupo de ambiciosos aprendizes. Nomeada para nove Emmys, a série foi premiada com um, pela prestação de Davis. A actriz concorreu também, por duas vezes, aos Globos de Ouro.

DOCUMENTÁRIO

A Fronteira
National Geographic, 13h05
Tráfico de drogas, corrupção, imigração ilegal e todos os dramas humanos inerentes fazem parte do dia-a-dia dos agentes de protecção das fronteiras norte-americanas. Esta série documental segue-os na luta contra cartéis mexicanos, na perseguição a contrabandistas e na detecção de imigrantes (quase sempre, transportados e mantidos em condições deploráveis). Oferece também um vislumbre das técnicas utilizadas e dos treinos de preparação. Esta tarde é preenchida pela sétima temporada (do primeiro ao décimo episódio), filmada nos limites sul dos EUA, ao longo do Rio Grande.

INFANTIL

Ralph vs. Internet (V. Port.)
TVCine Top, 9h15
Em tempos o vilão de um jogo de vídeo muito popular, Ralph (voz de Pedro Laginha na versão portuguesa) mudou de vida e tornou-se o "bom da fita" desde que entrou noutro jogo e ganhou uma amiga chamada Vanellope von Schweetz (Carla Garcia). Agora, vêem-se numa missão urgente que implica infiltrarem-se na Internet. No seu caminho estará Yess, o algoritmo responsável pelo BuzzTube, um famoso *site* que determina as novas tendências. Dos estúdios Disney, um filme de animação realizado por Phil Johnston e Rich Moore, que continua a história iniciada em 2012 por Moore em *Força Ralph*.

EM DESTAQUE

Actividades

#StayArtHomePejac, para mudar o que vemos pela janela

E se nos telhados, nos postes de electricidade ou nas ruas pudesse ver aquilo que quisesse? É isso mesmo que o artista de rua espanhol Pejac, conhecido pelo uso de silhuetas, propõe: transformar a paisagem que vemos, desenhando silhuetas nas nossas janelas. Baptizou o movimento de #StayArtHomePejac e desafia quem está em casa devido ao surto de covid-19 a participar. "Sempre acreditei que todos temos um artista escondido dentro de nós e que, se lhe dermos um bom motivo, ele acaba por fazer coisas maravilhosas", escreve Pejac no seu *site*. "Nestes dias estranhos de isolamento global, acredito que a criatividade pode ser uma das melhores terapias para lutar contra a ansiedade e o aborrecimento." O artista já recebeu centenas de contribuições de diversos países. Desde um grupo de pessoas que se senta num corrimão, um ciclista que faz truques em cima de um telhado, pessoas que tentam comunicar de uma casa para a outra ou uma sereia que nada no céu. Tudo vale neste desafio, onde só os caixilhos são o limite. **P3**

Teatro

A festa (virtual) do Theatro Circo de Braga

A 21 de Abril de 1915 era inaugurado o edifício do Theatro Circo de Braga, projectado pelo arquitecto João de Moura Coutinho. Readaptado e moldado pela evolução das próprias necessidades culturais, ao longo de décadas de actividade, o espaço acolheu artistas e produções das mais diversas áreas, do teatro ao cinema, passando pela música, ópera, bailado e exposições. É também a casa da Companhia de Teatro de Braga. Hoje comemora os 105 anos com uma festa num formato que não estava nos planos, mas que assegura uma celebração à altura e à medida dos tempos que correm. Para mostrar que "um teatro cabe sempre dentro de uma casa", o Theatro Circo abre as portas a todos, convidando a entrar numa Visita Virtual 360º e percorrer os espaços do edifício. A partir das 13h, o programa é alimentado por mais de 20 artistas nacionais que partilham *performances* intimistas, em directo das suas contas de Instagram. No alinhamento há música, dança e poesia, trazidas por Tainá, Mr. Gallini, Jorge Coelho, Carne Doce, Joana Gama, Luís Figueiredo, LaBaq, Cachupa Psicadélica, André Henriques, Angélica Salvi, Márcia, Cristina Branco, Ana Moura, Rita Redshoes, Selma Uamusse, Pedro Abrunhosa, Conan Osiris, Duarte Valadares, Mara Andrade, Valter Hugo Mãe, Adolfo Luxúria Canibal e António Durães. A fechar a cortina, por volta da meia-noite, entra em cena *Drag Queen, Doll Maron*. **C.A.M.**

Actividade

Matar saudades dos sons do dia-a-dia

Nem sempre nos dávamos conta, mas agora, limitados ao silêncio das nossas casas, percebemos como o nosso quotidiano estava preenchido por sons. Não lhes prestávamos atenção – às vezes, até os silenciávamos com auriculares nos ouvidos –, mas as saudades já apertam. Por isso, depois de ficarmos a conhecer um *site* que reúne sons de escritório, quisemos recuperar outros sons que faziam parte do nosso dia-a-dia. Desde o movimento da cidade ao do café, o metro ou o comboio, um aeroporto ou um museu. Na *playlist* disponível no Spotify, a que chamamos *Sons do Quotidiano (para Ouvir em Quarentena)*, também estão o som do mar, o silêncio de uma sala onde só se ouve uma caneta a percorrer um papel, ou os secadores que ouvimos no cabeleireiro. A ideia é matar saudades e relembrar rotinas – em casa, enquanto cumprimos o período de quarentena e lutamos contra o surto de covid-19. Por falar em saudades, também não nos queremos esquecer de como soa uma multidão a aplaudir ou de como sabe bem ouvir um *cocktail* a ser feito. **P3**

Bem-Estar

Meditação para relaxar

Sabe aquela sensação de aperto no peito e de inquietação, o coração a bater cada vez mais forte, os ombros contraídos, a dificuldade em respirar? A prática de *mindfulness* pode ajudar a não fazer da ansiedade "um papão" e a evitar que "o medo" da pandemia da covid-19 "tome conta de nós", defende o psiquiatra José Pinto Gouveia, presidente Associação Portuguesa para o Mindfulness (APM).

Segundo Dulce Gonçalves, da Associação Mentes Sorridentes, o *mindfulness* implica ter consciência do presente, "estar no aqui e no agora, sem deixarmos que os pensamentos nos controlem, porque, ao meditar, vamos focar-nos na respiração ou nos sons que ouvimos". Por isso, sugere integrar a prática na rotina diária – esta prática faz parte da lista de conselhos da Organização Mundial de Saúde (OMS) para quem está em isolamento. A especialista aconselha a parar por uns minutos, relaxar e tentar não pensar em nada. E não se preocupe se a mente começar a dispersar, é normal, avisa. José Pinto Gouveia criou um "*kit* de primeiros socorros mentais para quem está na linha da frente, que lida com a verdadeira ameaça", mas que pode ser seguido por qualquer pessoa. O psiquiatra convida, assim, a uma prática de seis minutos para "activar o sistema de segurança e tranquilizador". O vídeo está disponível na página de Facebook da APM. Também a Associação Mentes Sorridentes tem publicado várias meditações guiadas para ajudar a relaxar. **Susana Pinheiro**

JOGOS

CRUZADAS 10.954

HORIZONTAIS: 1. Com a "diplomacia das máscaras", afirma-se como salvadora do mundo. Ministrar uma substância com o efeito de acalmar. **2.** Cada um dos quatro grupos de um baralho de cartas. Fileira. **3.** Imposto sobre o Valor Acrescentado. Atmosfera. Regressar. **4.** Feixe ou molho que pode abarcar-se com a mão. Versado. **5.** Luis (...), escritor chileno que foi vítima de covid-19 (1949-2020). **6.** Símbolo do Pascal. Ressoar com força. Preposição que designa posse. **7.** Tomba. União Europeia. **8.** Eu te saúdo! (interj.). (...)-Andoche Junot, dirigiu o exército francês que invadiu o território de Portugal em 1807. **9.** Palavra que designa o procedimento de invadir aulas na ferramenta virtual Zoom e publicá-las no YouTube. **10.** Extraterrestre. Carne da parte inferior do lombo do porco. Doutor da lei, entre os Judeus. **11.** Grande porção (popular). Tomar o peso de, com a mão.

VERTICAIS: 1. De acordo com o Antigo Testamento, foi o primeiro filho de Adão e Eva. Satisfação. **2.** Fundo lodoso do rio, mar, etc. Sufrágio. **3.** Vazio. Chief Executive Officer. **4.** Sódio (s.q.). Decide-se por. Abreviatura de manuscrito. **5.** Suspiro. Conjunto de jurados. Autocarro. **6.** (...) Giordano, autor do livro "Frente ao Contágio", distribuído pelo PÚBLICO. (...) Pedro Matos Fernandes, Ministro do Ambiente e da Transição Energética. **7.** Ente. Fruto deiscente das leguminosas. **8.** Um prazer de quem gosta de livros. Inaugura. **9.** (...) O. Russell, realizador do filme "Golpada Americana". Juntavas. **10.** Régua móvel que faz parte de um instrumento com que se determinam ângulos em topografia. Campeonato profissional norte-americano de basquetebol. **11.** Pouco frequente. Proceder.

Solução do problema anterior:
HORIZONTAIS: 1. Luís. Nativo. **2.** Sul. Rad. **3.** Disfonia. Si. **4.** Go. Saco. **5.** Aulir. Assou. **6.** Saraiva. **7.** CE. Pinoco. **8.** Livro. Agres. **9.** Sede. Lo. **10.** Purismo. Oo. **11.** Etano. Russo.
VERTICAIS: 1. Ladra. Clipe. **2.** Usei. Ut. **3.** Ínsula. Vira. **4.** Irar. In. **5.** Sogra. Osso. **6.** Nuno. IP. Em. **7.** Ali. Aviador. **8.** Assange. **9.** Ir. As. Or. Os. **10.** Vasconcelos. **11.** Odiou. Oso.

BRIDGE

Dador: Sul
Vul: Todos

NORTE
♠Q10965
♥K84
♦AQ5
♣J3

OESTE
♠2
♥QJ1095
♦J98
♣Q1084

ESTE
♠4
♥A7632
♦K1074
♣976

SUL
♠AKJ873
♥-
♦632
♣AK52

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♠
passo	2ST1	passo	3♠2
passo	4♦3	passo	5♥4
passo	5ST5	passo	6♠
Todos passam			

Leilão: Qualquer forma de Bridge. 1. *Jacoby* – 12 ou mais pontos com pelo menos 4 cartas de *fit* 2. A resposta mais forte que se pode dar sobre o *Jacoby* 3. Controlo a ouros 4. *Blackwood* de exclusão – chicana a copas 5. Uma chave de 5, não contando com o naipe de copas

Carteio: Saída: Q♥. Qual a melhor linha de jogo?
Solução: Depois de cortarmos a primeira vaza e de tirarmos uma volta a trunfo (trunfos estão 1-1), podemos fazer melhor do que apostar tudo na passagem a ouros. Temos uma hipótese adicional se jogarmos um pau em direcção ao Valete do morto. Se Oeste fizer a Dama ficaremos com três vazas a paus, o que permitirá a balda dos dois ouros perdentes do morto.

Esta manobra eleva a probabilidade inicial de 50% para 75%, um aumento significativo. Contudo, é possível fazer melhor: existe mesmo uma linha a 100%, partindo do pressuposto de que o Ás de copas está em Este, perfeitamente normal pela saída. Com este dado na manga, temos de proceder a um jogo de eliminação para começar: Ás e Rei de paus e pau cortado, copa cortada e o último pau da mão cortado. E agora o momento sublime desta linha de jogo: Rei de copas do morto, Ás de Este e a balda de um ouro da nossa mão! Em mão, Este não terá defesa possível, joga ouro para debaixo de Ás e Dama do morto ou corte e balda.

Não jogou o Rei de copas logo à primeira vaza, pois não?

Considere o seguinte leilão:

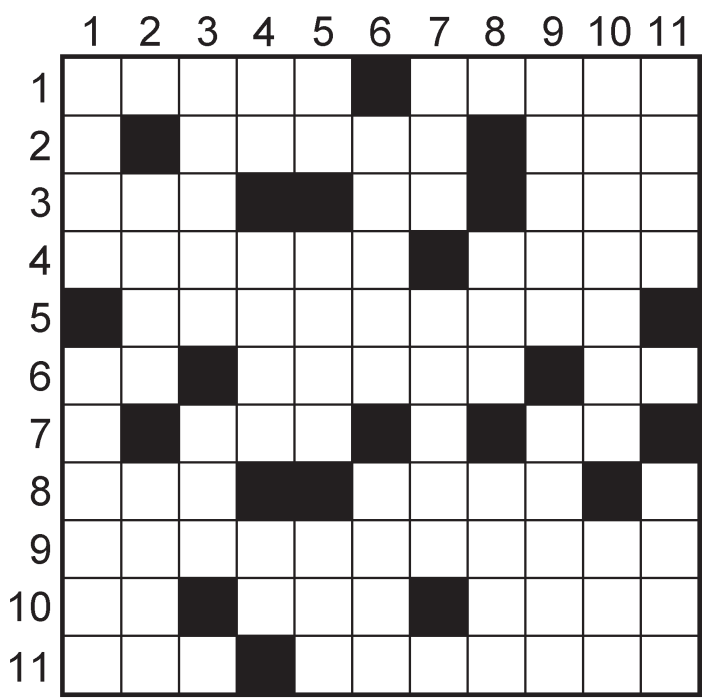
Oeste	Norte	Este	Sul
		1♣	?

Interviria, ou não, com a mão seguinte? ♠AJ109 ♥KJ1084 ♦873 ♣2

Resposta: Marque dois paus ou dois ouros, a voz que indique um bicolor rico. Mostra de uma vez só os seus dois naipes, sim tem apenas um 5-4, mas isso dificilmente será um problema, pois o seu parceiro na dúvida deverá preferir o mais económico: copas.

João Fanha (bridgepublico@gmail.com e fanhabridge.com)

SUDOKU

Problema 9682
Dificuldade: Fácil

				5	8		7	
2	7			3			9	
				1	9			
6		1		8				
5	9	8	3		4	1	6	7
				9		3		5
			1	4				
	2			7			5	4
	8		9	6				

Solução do problema 9680

7	1	2	5	9	8	3	4	6
6	4	5	3	7	2	1	8	9
9	8	3	6	4	1	5	7	2
2	7	1	8	3	9	6	5	4
8	5	6	7	1	4	9	2	3
4	3	9	2	5	6	8	1	7
5	2	8	9	6	7	4	3	1
1	9	7	4	8	3	2	6	5
3	6	4	1	2	5	7	9	8

Problema 9683
Dificuldade: Difícil

	5			9	1			
	9	8					7	1
							8	
8			4		5			
2								4
			9		6			5
	8							
3	1					7	6	
			7	4			3	

Solução do problema 9681

8	3	4	7	6	5	1	9	2
1	9	2	3	8	4	5	7	6
6	5	7	9	1	2	4	8	3
9	2	6	8	5	7	3	1	4
3	7	1	4	2	9	8	6	5
4	8	5	1	3	6	7	2	9
7	6	9	5	4	1	2	3	8
2	4	3	6	7	8	9	5	1
5	1	8	2	9	3	6	4	7

TEMPO PARA HOJE

Sol
Nascente 6h51
Poente 20h20

Lua Nova
23 Abr. 03h26

Marés

	Leixões	Cascais	Faro
Preia-mar	15h18 ▲ 3,2 03h29* ▲ 3,3	14h53 ▲ 3,2 03h04* ▲ 3,3	14h53 ▲ 3,1 03h08* ▲ 3,2
Baixa-mar	09h06 ▼ 0,8 21h20 ▼ 0,8	08h41 ▼ 0,9 20h53 ▼ 1,0	08h35 ▼ 0,8 20h46 ▼ 0,8

Fonte: www.AccuWeather.com *de amanhã

"É melhor jogar à porta fechada do que não jogar de todo"

Presidente da UEFA defende que os jogos, mesmo com todos os condicionalismos, trarão alguma alegria aos adeptos em tempos de dificuldades. Sindicato dos jogadores relata um aumento dos casos de depressão

Futebol
Nuno Sousa

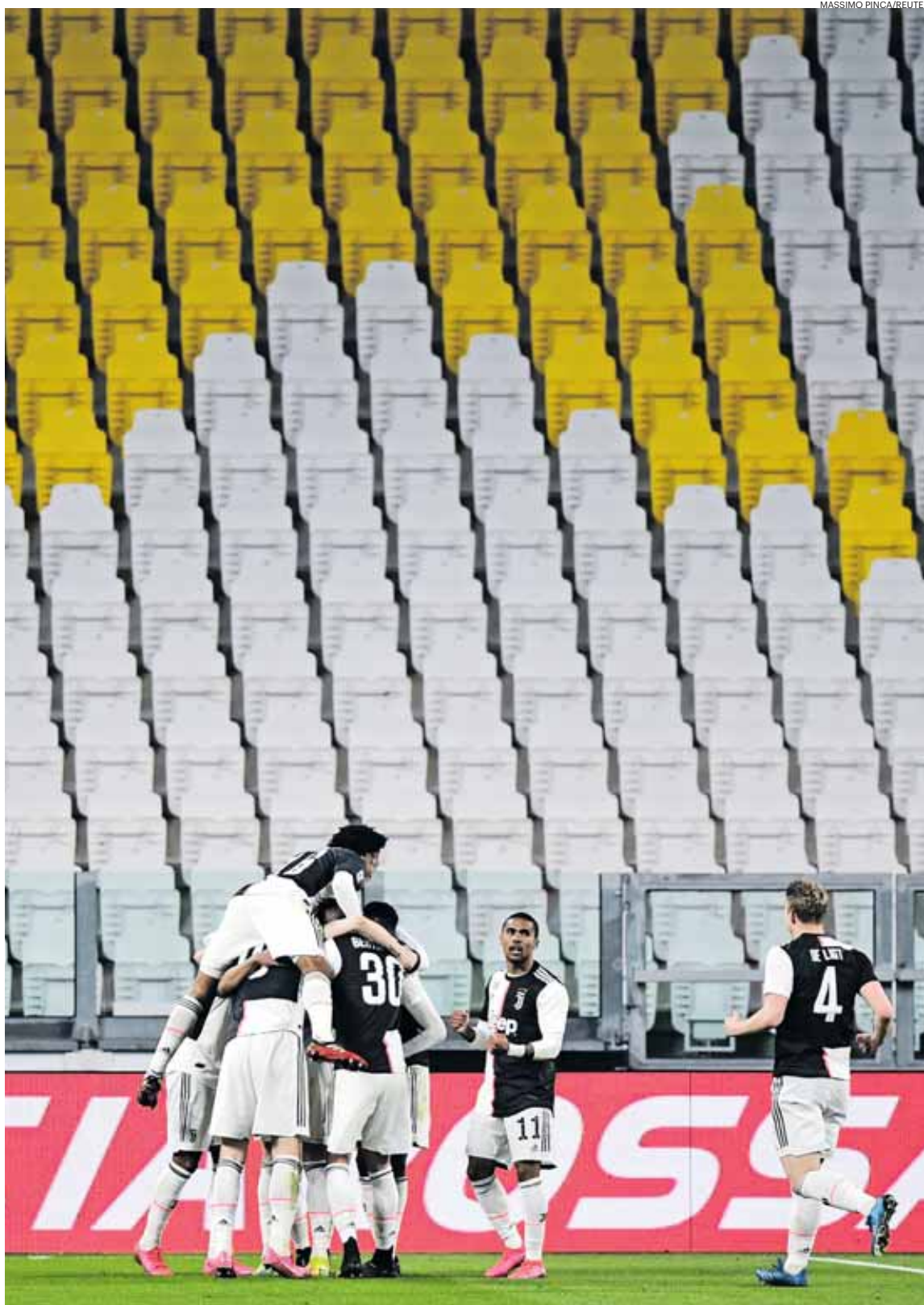
Continua a haver cautela e parcimónia na abordagem da UEFA ao desenlace da presente temporada. Aleksander Ceferin, presidente do organismo, admite que nos próximos meses os jogos venham a ser disputados à porta fechada e aponta a conclusão dos campeonatos como a principal medida para minimizar o impacto da pandemia de covid-19 nas finanças dos clubes.

Em entrevista ao jornal italiano *Corriere della Sera*, Ceferin diz acreditar que existem ainda opções disponíveis para terminar as Ligas nacionais. "Poderemos ter de recomeçar sem espectadores, mas o mais importante é disputar os jogos. Numa altura tão difícil, isso traria alegria às pessoas e uma sensação de alguma normalidade, mesmo que os jogos fossem seguidos só pela televisão."

Até ver, é intenção da UEFA compatibilizar os campeonatos e as taças nacionais, sendo que Ceferin considera ser ainda "muito cedo" para concluir que não é possível acabar a temporada. "Conseguimos terminar", confia o dirigente, lembrando que é preciso respeitar as decisões das autoridades. Quanto a uma data-limite para uma decisão, "não existe". "Depende sempre de quando recomeçarmos a jogar".

Com a Série A a apontar o reinício para 4 de Maio, Aleksander Ceferin sublinha que o mais importante é seguir escrupulosamente as medidas sanitárias que forem decretadas pelas autoridades, salvaguardando sempre a saúde de todos os agentes desportivos envolvidos.

Tendo em conta a complexidade do combate à covid-19 e a longa janela temporal que se prevê que tenha de ser cumprida até à comercialização de uma vacina, a perspectiva é de que os jogos de futebol sem público nos estádios se tornem regra. "No início, sim, mas é melhor jogar sem espectadores do que não jogar de todo. O futebol trará de volta as emoções às casas dos adeptos."

Estas e outras questões paralelas estarão no centro do debate na próxima quinta-feira, quando o comité executivo da UEFA se reunir por videoconferência para uma reunião que visa discutir os desenvolvimentos mais recentes. Isto já depois de uma sessão de esclarecimento com os secretários-gerais das 55 federações-membro do organismo.

Aleksander Ceferin, de resto, acredita que este cenário de jogos de bancadas vazias será uma realidade somente "durante um período limitado" e que, "com o tempo, tudo voltará ao normal". "Voltaremos a ter estádios cheios, tenho a certeza disso", projecta.

A vontade de concluir as jornadas em falta nos diferentes campeonatos radica, também, nas urgentes necessidades financeiras dos clubes. "As Ligas são a base das receitas dos clubes em todo o lado. Se terminarem, as consequências serão limitadas. Já a UEFA, pelo contrário, vai perder imenso dinheiro com o adiamento do Euro 2020."

O que não pode acontecer, de acordo com a FIFPro, é atingir esse objectivo a qualquer custo. O sindicato internacional dos jogadores deu ontem conta das conclusões de um estudo que aponta para crescentes sintomas de depressão entre os atletas neste período, mas alerta também que o reatamento sem segurança será ainda mais prejudicial.

"Se pressionarmos os jogadores para trazê-los de volta a um ambiente em que eles possam sentir que a sua segurança está em risco, isso aumentará a ansiedade e preocupação", avisa Jonas Baer-Hoffmann, secretário geral da FIFPro, sublinhando que a saúde mental dos jogadores não deve ser usada como argumento para a rápida retoma das competições.

O estudo em causa foi conduzido entre 22 de Março e 14 de Abril, junto de 1602 atletas, a competirem em 16 países que adoptaram "medidas drásticas" para conter o novo coronavírus, e concluiu-se que "22% dos jogadores e 13% das jogadoras relataram sintomas compatíveis com depressão", enquanto um estado de "ansiedade" foi relatado por 18% dos homens e 16% das mulheres.

nsousa@publico.pt

MASSIMO PINCA/REUTERS

Jogos sem espectadores deverão ser uma realidade nos próximos meses

Juiz pede afastamento do processo de Rui Pinto após polémica com Benfica

Justiça
Miguel Dantas

Juíza-presidente da Comarca de Lisboa, Amélia Almeida, confirmou pedido de afastamento de Paulo Registo

O juiz Paulo Registo pediu para ser afastado do julgamento do *hacker* Rui Pinto, após a polémica com as publicações alusivas ao Benfica no Facebook. A informação foi confirmada ao PÚBLICO pela juíza-presidente da Comarca de Lisboa, Amélia Almeida, que adiantou que o pedido de afastamento está "relacionado com as notícias que surgiram nos últimos dias".

Paulo Registo foi sorteado, na última terça-feira, para presidir a um colectivo de juízes, do qual fazem ainda parte Ana Paula Conceição e Helena Leitão, que irá julgar Rui Pinto (em data a determinar), actualmente acusado de 90 crimes. O juiz também integra o colectivo que irá julgar o processo da *Operação e-toupeira*, que envolve o ex-assessor jurídico do Benfica Paulo Gonçalves.

Contudo, foram tornadas públicas publicações que mostram a simpatia clubística do juiz em relação ao Benfica. Num desses *posts* – que foram, entretanto, removidos do perfil do magistrado –, Paulo Registo critica a arbitragem numa partida dos "encarnados" frente ao FC Porto, exigindo inclusive a saída do actual presidente do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol, com o comentário: "Fontelas Gomes cbrao [sic] pede a demissão".

A juíza-presidente da Comarca de Lisboa, Amélia Almeida, garantiu ao PÚBLICO que a distribuição deste processo "foi electrónica e pública". Já Francisco Teixeira da Mota, um dos advogados de Rui Pinto, classificou a situação como "preocupante", garantindo que a defesa se iria reunir para discutir a situação e avaliar que medidas deveriam ser tomadas.

Rui Pinto é acusado de ser o responsável pelo blogue Mercado de Benfica. Esta página divulgou ficheiros de vários processos judiciais que envolvem o Benfica e *emails* de dirigentes dos "encarnados".

Depois de ter sido detido na Hungria em Janeiro de 2019, Rui Pinto foi extraditado para Portugal, onde ficou em prisão preventiva durante praticamente um ano. Há cerca de duas semanas, no dia 8 de Abril, foi revelado que Rui Pinto seria transferido para uma residência controlada pela Polícia Judiciária (PJ), após ter sido acordada uma colaboração do *hacker* com as autoridades. Na base deste acordo esteve a cedência das senhas de dez discos rígidos que se encontravam encriptados e inacessíveis desde a detenção do denunciante em Budapeste.

Na posse da PJ estavam ainda dois outros discos rígidos que não estavam protegidos. Terá sido nestas unidades que as autoridades encontraram documentos que ligavam o *hacker* às revelações dos *Luanda Leaks*, que dão conta de alegados esquemas financeiros utilizados pela empresária angolana Isabel dos Santos.

miguel.dantas@publico.pt

MÁRIO CRUZ/LUSA

O caso que envolve Rui Pinto continua a gerar polémica

ISSEI KATO/REUTERS

Evento multidesportivo foi adiado para o Verão do próximo ano

Especialistas com reservas acerca dos Jogos em 2021

Olimpismo

Os organizadores dos Jogos de Tóquio garantem que continuam a "preparar o evento para o Verão do ano que vem"

O infectologista japonês Kentaro Iwata, crítico da gestão da pandemia da covid-19 pelas autoridades do seu país, afirmou ontem que considera "pouco provável" que os Jogos Olímpicos de Tóquio possam ser realizados em Julho e Agosto de 2021. "Sinceramente, não penso que seja provável que os Jogos Olímpicos ocorram no ano que vem", declarou Iwata, professor do Departamento de Doenças Infecciosas da Universidade de Kobe, durante uma conferência de imprensa.

O adiamento de grandes eventos desportivos tem sido uma constante nos últimos meses e isso traduzir-se-á num calendário competitivo mais sobrecarregado no próximo ano. O que este especialista vem pôr em causa é que este período temporal seja suficiente para que os torneios internacionais mais concorridos decorram com normalidade.

"Os Jogos Olímpicos precisam de duas condições: controlar a covid-19 no Japão e no resto do mundo, já que estariam presentes atletas e espectadores de todo o mundo", explicou o médico. Iwata admite que o Japão possa "estar em condições de controlar a doença até o próximo Verão, mas não acredita que isso seja uma realidade "em todos os países do planeta", estando, por isso, "muito pessimista em relação à organização dos Jogos Olímpicos em 2021".

A única possibilidade de organizar o evento seria, segundo o infectologista, respeitar rigorosas medidas de contenção como, por exemplo, não haver público ou haver "uma participação limitada de espectadores".

Zach Binney, epidemiologista da Universidade de Emory, em Atlanta, nos Estados Unidos, defende igualmente que será difícil "trazer o desporto de volta, com os estádios cheios, enquanto não houver uma vacina". "Todas as pessoas que são acrescentadas a uma reunião aumentam o risco. Quando chega a 50, 70, 100 mil espectadores... representa uma enorme quantidade de risco", acrescenta Binney, que prevê que o desenvolvimento de uma vacina leve de 12 a 18 meses desde o início do respectivo surto.

Na passada quinta-feira, Devi Sridhar, professora de Saúde Pública da Universidade de Edimburgo, na Escócia, tinha classificado, em declarações à BBC, como "irreal" pensar-se que os Jogos Olímpicos poderiam acontecer em 2021, a não ser que uma vacina "acessível" para todos estivesse disponível.

Questionados pela AFP, os organizadores dos Jogos de Tóquio garantiram ontem que continuam a "preparar o evento para o Verão do ano que vem" e que não consideram "ser apropriado" responder a perguntas que reputam de "especulativas". **PÚBLICO**

Carlsen consegue a desforra ante Firouzja

Xadrez
Jorge Guimarães

Norueguês levou a melhor sobre o jovem de origem iraniana, que já havia cedido neste torneio online diante de Ding Liren

O campeão mundial Magnus Carlsen, derrotado pelo jovem de 16 anos Alireza Firouzja na final da Banter Blitz Cup, não demorou a obter a sua desforra, ao vencer na segunda ronda de outro torneio *online*, o Magnus Carlsen Invitational, o prodígio de origem iraniana por 2,5-1,5.

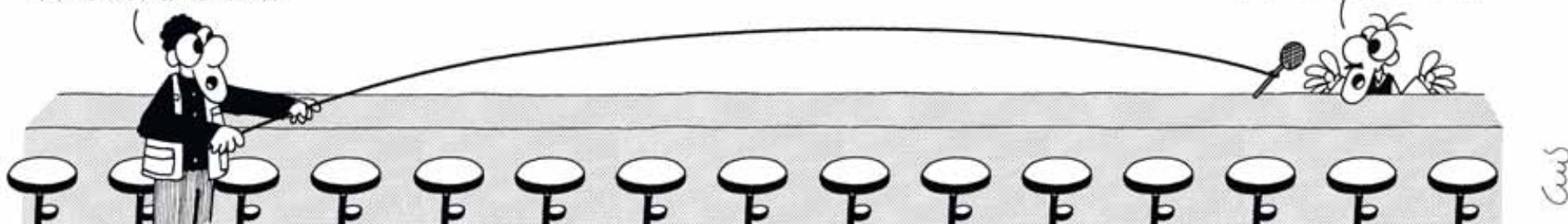
O norueguês abriu o embate da melhor maneira, vencendo concludentemente, mas na segunda partida cometeu um erro grave, numa posição em que até tinha vantagem e acabaria por permitir a igualdade. Voltaria a superiorizar-se no *round* seguinte e garantiria o triunfo com o nulo registado na quarta partida.

Foi o segundo desaire consecutivo para Firouzja, e pelo mesmo parcial, depois de não ter conseguido resistir ao número três mundial, o chinês Ding Liren na jornada inaugural.

A prova, que reúne oito dos melhores jogadores mundiais, disputa-se no sistema de *poule* a uma volta, com um ritmo de reflexão de 15 minutos por partida, com dez segundos de incremento por lance, e em cada ronda são disputados *minimatches* de quatro jogos, cujo vencedor obtém três pontos. Em caso de igualdade a dois, recorre-se a uma partida adicional, com as brancas obrigadas a vencer, o vencedor do tira-teimas a receber dois pontos e o derrotado um.

Foi o que aconteceu na jornada de abertura, no *match* Hikaru Nakamura-Carlsen, em que Nakamura (EUA) ripostou por duas vezes à situação de desvantagem, não resistindo na partida derradeira.

Nos outros dois encontros iniciais, Fabiano Caruana (EUA) venceu o russo Ian Nepomniachtchi (2,5-1,5), enquanto Maxime Vachier Lagrave (França) se superiorizou a Anish Giri (Países Baixos), por 3-1. Ontem, o holandês voltou a perder com Nakamura (1,5-2,5), disputando-se hoje os dois outros confrontos da 2.ª jornada: Nepomniachtchi-Lagrave e Liren-Caruana.

BARTOON LUÍS AFONSO

O RESPEITINHO NÃO É BONITO

O meu 25 de Abril é maior do que o teu

João Miguel Tavares

Há qualquer coisa de profundamente ridículo no concurso anual de amor ao 25 de Abril que decorre mais ou menos por esta altura, e que os vapores da pandemia vieram agravar. O concurso já passou pela contagem de cravos ao peito no hemiciclo, pela recusa de participação nas cerimónias por parte de Vasco Lourenço (nos anos da *troika*), e por variadíssimas análises aromáticas à qualidade da democracia e das "conquistas de Abril" por parte dos escanções do regime. Tal como os namorados peganhentos que estão sempre a exigir demonstrações de amor, os alegados donos da democracia portuguesa insistem em olhar-nos nos olhos e perguntar reiteradamente: "Tens a certeza que amas Abril?"

A pergunta é, logo à partida, uma armadilha, porque implica uma definição prévia daqueles que têm legitimidade para perguntar (a esquerda, claro) e daqueles que têm obrigação de responder (a direita, evidentemente). Ora, como eu sou dos que acham que a esquerda foi fundamental para derrubar uma ditadura de direita, e que a direita foi fundamental para impedir uma ditadura de esquerda, estou em geral pouco disponível para medir tamanhos de Abril com comunistas, bloquistas ou socialistas.
Abro uma excepção em relação a esta polémica das comemorações em plena pandemia porque ela tem aspectos originais, e porque quero ver se no futuro o Parlamento e o Governo mantêm o critério em relação a outro tipo de celebrações (será o 25 de Abril mais importante do que o 10 de Junho?).

Em primeiro lugar, gostaria de separar a questão científica da questão política. No que diz respeito à covid-19, e tendo em conta que a ministra da Saúde admite agora que o pico da pandemia em Portugal terá ocorrido entre 23 e 25 de Março, acho normal que as medidas de contenção comecem a ser suavizadas nas regiões menos expostas ao vírus. Não vejo que problema possa ter para a saúde pública celebrar o 25 de Abril em Lisboa mantendo as distâncias de segurança e com cravos devidamente higienizados. Já me parece, pelo contrário, uma tremenda irresponsabilidade estender o convite a septuagenários ou octogenários, como Ramalho Eanes, que fazem parte de grupos de risco elevado. Esses deveriam estar em casa, como os restantes portugueses da sua idade, a ver as cerimónias pela televisão.

MANUEL ROBERTO

Ao colocar o peso na perspectiva simbólica, aquilo que a esquerda pró-comemorações fez não foi defender as conquistas de Abril, mas esfregar na cara do povo os seus privilégios. Nós podemos, vocês não

Contudo, quando se salta do plano científico para o plano político, aí a música já é outra, e muita gente tem revelado uma sensibilidade semelhante à de um calhau. Não tanto por causa da Páscoa, que já passou (e nas pandemias o *timing* conta), mas sobretudo em comparação com os funerais, que têm estado – e continuam a estar – limitados a dez pessoas, o que representa uma violência brutal para as famílias. Há uma grande diferença entre não ter mal algum, no actual estado da epidemia, comemorar o 25 de Abril no Parlamento (a minha posição), e haver uma espécie de obrigação moral de comemorar o 25 de Abril – doa a quem doer! –, por ser indispensável afirmar "que não sairá desta crise qualquer alternativa antidemocrática" (a posição de Ferro Rodrigues).

Isto não tem pés nem cabeça, e é natural que irrite muita gente. Ou bem que usamos o argumento científico – e então pode-se –, ou bem que usamos o argumento político – e então não se deve. Ao colocar o peso na perspectiva simbólica, aquilo que a esquerda pró-comemorações fez não foi defender as conquistas de Abril, mas esfregar na cara do povo os seus privilégios. Nós podemos, vocês não. Isso é mais Maio de 1926 do que Abril de 1974.

Jornalista
jmtavares@outlook.com

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Lotaria clássica 5 3 2 0 8 **1.º Prémio** 600.000€

Contribuinte n.º 502265094 | **Depósito legal n.º 45458/91** | **Registo ERC n.º 114410** | €14A97B4-0DF9-4766-8624-79D9D71E3BC5: Ângelo Paupério **Vogais:** Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral **E-mail** publico@publico.pt **Estatuto Editorial** publico.pt/nos/estatuto-editorial **Lisboa** Edifício Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa; Telef.:210111000 (PPCA); Fax: Dir. Empresa 210111015; Dir. Editorial 210111006; Redacção 210111008; Publicidade 210111013/210111014 **Porto** Rua Júlio Dinis, n.º270, Bloco A, 3.º, 4050-318 Porto; Telef: 226151000 (PPCA) / 226103214; Fax: Redacção 226151099 / 226102213; Publicidade, Distribuição 226151011 **Madeira** Telef.: 963388260 e/ou 291639102 **Proprietário** PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia. Capital Social €4.050.000,00. Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. **Impressão** Unipress, Travessa de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Telef.: 227537030; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa senhora da Conceição, nº. 50- Morelena – 2715-029 Pêro Pinheiro Telf.: 219677450 **Distribuição** VASP – Distribuidora de Publicações, SA, Quinta do Grajal - Venda Seca, 2739-511 Agualva Cacém, Telef.: 214 337 000 Fax : 214 337 009 e-mail: geral@vasp.pt **Assinaturas** 808200095 Tiragem média total de Março **26.671 exemplares Membro da APCT**

VISAPRESS© Direitos de Autor Protegidos